Abril

Editora ABRIL
edição 2896 - ano 57 - nº 23
7 de junho de 2024

veja

www.veja.com

A BANCADA DOS INFIÉIS

Derrotas em série no Congresso evidenciam falhas na articulação do Planalto, comprometem o governo e põem em xeque a capacidade de Lula de atrair apoio e construir uma base sólida no Legislativo

Lethicia Bronstein
Estilista e Empresária

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO
DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA FINANCEIRA (CFO)** Marcelo Shimizu, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 896 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 23. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

REPRODUÇÃO

DERROTAS EM SÉRIE

AO LONGO de sua impressionante e vitoriosa trajetória, Lula se notabilizou pela habilidade acima da média no jogo das articulações políticas. Esse sempre foi um talento reconhecido até pelos mais renhidos adversários. Durante a campanha de 2022, talvez por confiar demais nessa capacidade, o petista se comportou com uma certa soberba ao ser questionado sobre como construiria os alicerces de apoio sustentado por uma base minoritária de esquerda dentro de um Parlamento majoritariamente de direita e fortalecido como nunca se viu antes na

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

ONTEM E HOJE Lula contra Bolsonaro, em 2022, e votação da lei da saidinha: discurso de campanha se chocou com a nova realidade do Congresso

história. À época, Lula disse que o diálogo iria ser sua principal arma para sair dessa autêntica sinuca de bico da governabilidade ("Conversar na boa, à luz dia", afirmou). Aproveitou ainda para alfinetar o antecessor, Jair Bolsonaro, prometendo que teria um comportamento diferente no trato com deputados e senadores. "A gente não pode continuar com um Congresso que tornou o presidente da República refém", declarou.

Até aqui, no entanto, as tentativas para fazer valer os pontos de vista de seu governo no Legislativo são um fracasso retumbante. Exemplos recentes disso foram as derrotas sucessivas colhidas nas últimas semanas em questões que vão da segurança pública à regulação das redes. Mesmo os triunfos relevantes obtidos no primeiro ano, como a aprovação da

reforma tributária, acabaram sendo conquistados em boa parte graças ao empenho de líderes do Congresso, como Arthur Lira, o presidente da Câmara. Ironicamente, o petista, que criticou o antecessor por ter se tornado, nas suas palavras, refém do Congresso, adotou tática semelhante para tentar garantir a governabilidade, só que com resultados até aqui piores do que os de Bolsonaro por esse mesmo critério.

Conforme mostra a reportagem que começa na pág. 22, a distribuição de emendas parlamentares na administração Lula vem privilegiando partidos que, na teoria, formam a base do governo, como PSD, MDB e União Brasil. Na prática, porém, mesmo agraciadas com esse dinheiro, nas votações importantes para o Palácio do Planalto essas legendas demonstram um alto grau de falta de compromisso — em alguns casos, mais da metade da bancada comporta-se de forma infiel. Se não bastasse isso, as legendas desse grupo são justamente as aquinhoadas com o fatiamento da Esplanada dos Ministérios aos aliados. Ainda que o atual governo tente minimizar a situação, ela é preocupante, pois o próprio Lula não parece convencido de que a realidade atual é bem distinta daquela encontrada por ele nos seus dois governos anteriores. Em outros termos, a ficha ainda não caiu para um presidente que vai se aproximando de completar dois anos de mandato e ainda patina em suas relações com o Legislativo. Cada vez mais, o incensado talento político do petista precisa reaparecer para que o governo não fique perdido e à mercê do Congresso nas grandes questões do país. ■

OJO DE PÁJARO/MARCELO SINGER

“RACISMO É CRIME”

O presidente da LaLiga espanhola anuncia medidas de punição aos ataques preconceituosos no futebol, movimento fundamental para a sociedade, e fala sobre a expansão internacional da entidade

LUIZ PAULO SOUZA

UM DOS DIRIGENTES de futebol mais influentes do mundo, o advogado espanhol Javier Tebas, de 61 anos, ocupa há mais de uma década a presidência da Liga Nacional de Fútbol Profesional, também conhecida como LaLiga, associação esportiva responsável pelo campeonato de clubes, da qual fazem parte ícones como o Real Madrid e o Barcelona — já a Real Federación Española de Fútbol zela pela seleção e pela Copa do Rei, equivalente à Copa do Brasil. Durante a gestão de Tebas, a entidade passou por mudanças relevantes, como uma bem-sucedida expansão internacional e uma reforma econômica que equilibrou as contas da instituição, além de diminuir a disparidade entre os clubes. Agora, LaLiga enfrenta dois grandes desafios: acabar com a pirataria nas transmissões esportivas e impedir a criação de uma superliga europeia. Tebas, contudo, teve ele mesmo de enfrentar confusões pessoais. Criou ruído ao apoiar o Vox, o partido de extrema direita da Espanha. Foi criticado, também, por ter dito, nas redes sociais, que o brasileiro Vinicius Jr. exagerava nas denúncias de racismo. Não demorou a pedir desculpas e deu as mãos ao atacante, por sabê-lo influente, sobretudo agora, escolhido como o melhor atleta da Champions League, vencida pelo Real Madrid, e candidato a melhor do mundo. Em visita recente ao Brasil, para participar do Sports Summit, Tebas conversou com VEJA. A seguir, os melhores trechos da entrevista.

Os episódios de racismo contra Vinicius Jr. em partidas da Liga espanhola não cessam. Até quando veremos es-

ses ataques? Não sabemos dizer quando vai acabar. O que podemos fazer é empregar todos os meios possíveis e legais para acabar com eles. É isso que estamos fazendo.

O que tem sido feito? Desde o caso do ano passado, intensificamos muito nossas ações. Lançamos uma campanha especial chamada Vs Racism nos estádios da Espanha, todos os fins de semana, e continuamos com ela. Também estamos atentos nas esferas jurídica e política. É um modo de podermos agir de forma mais imediata.

Qual é a relevância de Vinicius Jr. na briga? Ele tem sido muito corajoso. Os líderes, inclusive nós, diretores, somos alvos de ataques mais intensos do que outras pessoas. O Vi-

“Vinicius Jr. tem sido muito corajoso. Ele desperta atenção porque está na vanguarda de uma luta relevante contra o racismo. Esse tipo de liderança atrai os insensatos”

nicius Jr. desperta essa atenção porque está na vanguarda de uma luta relevante contra o racismo. Esse tipo de liderança atrai os insensatos e criminosos. Quem é racista ou incentiva o racismo, na Espanha, é criminoso.

Os times têm colaborado? Sim. Com o apoio dos dirigentes, em intensa parceria, os sistemas de câmeras de segurança detectam os agressores ainda antes de os jogos terminarem. Eles são expulsos do recinto imediatamente e proibidos pelos próprios clubes de retornar.

O senhor chegou a pedir que a Federação de Futebol, que cuida da seleção e da Copa do Rei, desse mais competências para a Liga agir contra racistas. O que faria se houvesse, de fato, essa prerrogativa? A Federação já adota algumas medidas, mas gostaria que fossem mais ágeis. Uma delas é o fechamento parcial da arquibancada, nos locais de onde partem os insultos em grupo. A expulsão automática dos torcedores, sem necessidade de consentimento do clube, também seria decisiva. É o que estamos pedindo. Com nosso sistema de segurança, poderíamos localizar muitas das pessoas que proferem os xingamentos, onde quer que estejam no estádio. É difícil, mas não impossível.

Como envolver o árbitro no controle dos ataques? Estamos desenvolvendo um método mais célere de comunica-

ção. O objetivo é que ele possa perceber o mais rapidamente possível que houve algum insulto racista no estádio. Às vezes, ele não consegue ouvir, pois está muito concentrado na partida. Trabalhamos em conjunto com a Federação, a Liga, os juízes. Esperamos poder implantar o sistema em caráter experimental nas próximas semanas.

Não é apenas o racismo. No ano passado, a Espanha testemunhou outro abuso, com o indevido beijo na boca do presidente da Federação, Luis Rubiales, na jogadora Jenny Hermoso. O escândalo acelerou alguma grande mudança? Sempre há algum efeito de conscientização em um ato como esse, de uma pessoa conhecida. Ele foi acusado de agressão sexual pelo Ministério Público, o que não é pouca coisa. Mas é vital lembrar que o problema de Rubiales não era apenas esse.

Quais eram os outros? Havia muitos outros que eu, pessoalmente, vinha denunciando por mais de cinco anos, desde que ele assumiu o cargo. Havia corrupção na Federação. O assédio foi a ponta do iceberg.

A Liga experimentou uma grande expansão na última década, mas também imensos obstáculos, além do racismo. Qual o maior desafio? A pirataria nos prejudica, como aliás em outras competições e outros setores de entretenimento. A fraude é o que nos impede de crescer. Sempre há

vontade de expansão, mas talvez seja a hora de um freio de arrumação. O crescimento exige cuidado.

Que tipo de cuidado? O problema é que estamos crescendo sem monetização, então, estão nos roubando, não é? É nisso que estamos bastante focados agora, em deter aqueles que assistem ao futebol sem pagar. E está acontecendo em todo o mundo. É muito grave e gera perdas enormes para o setor.

Que medidas estão sendo tomadas para combater a pirataria? Temos uma unidade de combate à pirataria com quase 35 pessoas trabalhando dia e noite. Investimos muito em tecnologia. Temos várias ferramentas que nos permitem saber, em todo o mundo, em quais IPs e servidores estão sendo transmitidos ilegalmente conteúdos da Liga, da Premier, da HBO, da Netflix, de tudo. Há cerca de 46 000 pontos transmitindo conteúdo ilegal quase todos os dias.

E qual o principal desafio? Essa batalha precisa ocorrer de país a país, porque é uma questão de legislação. No fundo, a solução é impedir que os clientes das empresas de internet tenham acesso aos IPs que estão transmitindo esse conteúdo. Também estamos conversando com o Google, com a Apple, com as big techs que oferecem plataformas de diversão. Até agora conseguimos que retirem aplicativos da Play Store ou da Apple Store, mas queremos um passo ainda mais fundamental, que é remover os aplicativos dos ce-

lulares mesmo depois de já terem sido baixados. Mas não é só isso. Existem canais no Telegram com dezenas de milhares de pessoas onde se conseguem os links para as transmissões clandestinas: “Clique neste link e verá o jogo gratuitamente”. Então, estamos trabalhando com tudo isso. Na América Latina, nosso principal foco é o Magic Television *(conhecido popularmente como gato).* Enquanto essas pessoas não forem presas, o problema não vai acabar.

O streaming, que tem sido oferecido no lugar das transmissões em TV aberta e mesmo por assinatura, seria um bom caminho para combater a pirataria? Depende muito do potencial mercadológico, se a plataforma é gratuita ou se se trata de algum tipo de assinatura, como o YouTube

“A Federação já adota algumas medidas, mas eu gostaria que fossem mais ágeis. Uma delas é o fechamento parcial da arquibancada, nos locais de onde partem os insultos em grupo”

Premium. Essas alternativas vão surgir, mas dependerão da recepção do mercado. Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, a televisão por assinatura é muito madura, então, a solução provavelmente não seria essa. É uma possibilidade, mas creio que para produtos globais será um desafio imenso impor esse tipo de modelo. Talvez funcione para mercados locais. A questão é que financiar um evento esportivo de relevância como o da LaLiga apenas com publicidade é muito difícil.

Para a temporada de 2025, planeja-se levar jogos da La Liga para os Estados Unidos. Haverá partidas no Brasil também? Veremos. Primeiro, precisamos ver se será mesmo no próximo ano. Temos a ideia de levar partidas para fora da Espanha, e o mercado americano seria interessante. Por enquanto, não propus outros lugares porque é tudo ruidoso, repleto de detalhes, mas a maioria dos clubes quer e a Liga quer. Agora, estão preparando uma regulamentação. *(No congresso da Fifa, em Bangcoc, o tema começou a ser discutido.)*

Mas, enfim, os torcedores brasileiros podem se animar, como já contam com a realização em São Paulo de uma partida da NFL? Acho que não deve haver muitos jogos fora dos países da competição. Talvez o Brasil possa ser um desses lugares. Não podemos esquecer que sempre houve muitos jogadores brasileiros na liga espanhola. Somos muito próximos dos torcedores e dos jogadores brasileiros.

Nunca se pode descartar algo parecido, mesmo num futuro distante. Mas uma coisa é certa: teremos apenas um jogo por ano, não vários, apesar de ser o desejo dos torcedores.

Nos últimos meses, tem havido muita discussão sobre a criação de uma superliga europeia, com a reunião de times que são a elite da elite. Como o senhor avalia essa possibilidade? Seria uma catástrofe.

Por quê? Estima-se que uma parcela de 60% das receitas de todas as competições seria destinada a essa superliga. Isso significaria salários menores para os jogadores e uma menor receita para os clubes que não participarem da competição. Além disso, os jogos nacionais teriam menor qualidade, porque boa parte do dinheiro seria transferida para os que participassem da superliga. A disparidade de receitas em nossas ligas nacionais seria ainda maior. Não funcionaria.

Uma superliga europeia poderia representar, então, o fim da Liga e de outros campeonatos nacionais? O fim da Liga como a entendemos hoje, sim. E também o fim de outros campeonatos nacionais.

Um outro tema de permanente ruído é a arbitragem, sobretudo o uso do VAR. Afinal de contas, o recurso tecnológico melhorou as decisões dentro de campo? Sempre há margem para melhorias. Nunca devemos nos contentar

com o que temos. Todas as competições devem aspirar à excelência e ao melhor. E obviamente houve lances ou interpretações que podem ser melhorados em todos os aspectos. Precisamos fazer esse esforço. Os árbitros, que não estão sob nossa dependência, mas sim da Federação, precisam se aprimorar.

É o que vai acontecer? Eu, pelo menos, na minha vida, nunca me contento com o que sei, conheço e faço. ■

IMAGEM DA SEMANA

VITÓRIA CONTRA O MACHISMO

CONHECIDO pela cultura machista e patriarcal, o México, quem diria, está mudando. Depois de a Suprema Corte ampliar no ano passado de onze para todos os 31 estados a garantia de acesso ao aborto, agora é a vez de uma mulher assumir o comando da nação pela primeira vez na história. Na noite de domingo 2, **em meio a gritos de "presidenta, presidenta", Claudia Sheinbaum, 61**

MARCO UGARTE/AP/IMAGEPLUS

anos, celebrou no Zócalo, a praça principal da Cidade do México, a vitória com quase 60% dos votos, a maior porcentagem no período democrático do país (detalhe: sua grande adversária era outra mulher, Xóchitl Gálvez). Ex-prefeita da capital, neta de imigrantes judeus, divorciada e mãe de uma filha, Sheinbaum fez carreira aliando a discrição na vida pessoal a uma imagem de seriedade — é doutora em engenharia ambiental. Mas, para ganhar a eleição, o fator decisivo foi o apoio do atual presidente, Andrés Manuel López Obrador, o popular AMLO, seu padrinho político que, no último ano de governo, ostenta inabalável índice de aprovação na casa dos 65%. Os dois já bateram cabeça em algumas questões e a dúvida agora é se ela seguirá preservando o legado do mentor, um populista de esquerda com queda pelo autoritarismo, ou adotará medidas mais firmes e pragmáticas para lidar com os dois dramas mexicanos no momento: a violência dos cartéis de drogas e o mar de imigrantes que atravessam o país em direção à fronteira americana. Sheinbaum tem muitos desafios pela frente. Mas o grito contra o patriarcado foi dado. ■

Caio Saad

AUTOR E OBRA
Yeo e o quadro de Charles: "Ele gostou do resultado"

JONATHAN YEO STUDIO

"O REI TEM HUMOR"

Após pintar o retrato oficial de Charles III, de quem se aproximou, o britânico de 53 anos recebeu uma saraivada de críticas, mas conta que Camilla adorou e que agora quer ter Kate e Lula como modelos

O quadro em que o senhor retrata Charles III foi alvo de críticas, sobretudo pelo excesso de vermelho, comparado pejorativamente ao "sangue colonial" e até ao "Tampax de Camilla". Isso o abalou? Esses comentários são engraçados, não levei para o pessoal. As pessoas espelham o que sentem na arte. Se odeiam a monarquia, tendem a enxergar a obra de forma negativa. O vermelho é a cor do uniforme militar do rei, daí ter decidido abusar dele, para além do traje. O que está lá é o meu estilo. Não faria sentido dar ares de passado à tela, fazendo o mesmo retrato clássico de sempre.

O rei ficou surpreso? Ao ver o resultado final, sim, mas gostou. Ele já conhecia o meu trabalho. Tinha pintado a Camilla, hoje rainha, em 2014.

Ao longo do processo, que durou dois anos, Charles passou de príncipe a rei. Como foi acompanhar essa transformação? Ele mudou de postura, ficou mais formal e altivo. Acho que consegui captar essa nuance, incluindo na obra uma borboleta sobre seu ombro. É uma referência ao meio ambiente, assunto que ele tanto preza, e também à metamorfose pela qual passou. Mas garanto: Charles segue gentil, curioso e com um humor afiado.

Em fevereiro, o rei anunciou que está com câncer. Ele deu algum sinal de mal-estar no encontro que tiveram logo antes? Nenhum. Pelo contrário, passava horas em pé. É pra-

xe que os modelos se sentem durante as sessões. O rei não quis. E ainda ficava me fazendo o tempo todo perguntas sobre arte. Aliás, não acho que esteja fisicamente abatido agora.

Algum membro da realeza lhe deu retorno sobre o retrato? Camilla o viu quando estava quase pronto e disse: “Você o pegou!”. Receber um elogio da própria esposa, que é quem mais o conhece, foi um alívio. A maior complexidade do meu trabalho é justamente transmitir nas pinceladas quem a pessoa realmente é. E, com figuras públicas, o desafio cresce. Não poderia deixar de projetar a imagem que o mundo tem dele. Seria um fracasso.

Há planos de retratar outros integrantes da família real? Por ora, não. Adoraria pintar Kate, a princesa de Gales. Ainda não fizeram uma boa pintura dela. Mas o projeto terá de esperar, já que está no meio do tratamento contra um câncer.

Além de Nicole Kidman e outras celebridades, políticos como o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair já posaram para o senhor. Pintaria o presidente Lula? Seria um prazer. Conhecer o Brasil está nos planos. Há excelentes artistas por aí, como osgemeos, mestres do grafite. Pintar Lula seria uma boa oportunidade para decifrar o país. ■

Paula Freitas

DATAS

A FORÇA DE UMA MÃE

EITAN ABRAMOVICH/AFP

O corpo miúdo abrigava uma coragem comovente. A argentina **Nora Morales de Cortiñas** passou metade de sua vida em busca do corpo e da memória de seu filho, Carlos Gustavo, sequestrado e morto pela ditadura militar em abril de 1977. Ele era ativista da Juventude Peronista e trabalhava no Ministério da Economia — um dia, saiu para trabalhar e nunca mais voltou, como aconteceria com 30 000 pessoas durante o tempo dos generais na Casa Rosada. Ao lado de outras companheiras desesperadas, prenhes de anseio por justiça, ela montou o grupo Madres de Plaza de Mayo, cujo símbolo maior eram as passeatas, às quintas-feiras, em forma de círculo, incansáveis, em frente à sede do governo, em Buenos Aires.

Juntas, elas criaram uma força afeita a incomodar os poderosos, na defesa dos direitos humanos e pela condenação dos carrascos — embora nunca tenham descoberto o destino real dos filhos. Cortiñas morreu em 30 de maio, aos 94 anos, sem conhecer o paradeiro de Carlos Gustavo. Em março, apareceu publicamente pela última vez, em uma manifestação contra o negacionismo político do presidente Javier Milei. A um grupo de jovens, disse: “Dentro de muitos anos gostaria de ser lembrada com um sorriso e com o grito que sinto dentro de mim: venceremos!”.

MADRE DE PLAZA DE MAYO

Cortiñas: busca pelo filho desaparecido

MANDEL NGAN/AFP

FAMÍLIA Marian Robinson: "pilar de apoio" para Michelle e Barack Obama na Presidência dos Estados Unidos

A "PRIMEIRA-AVÓ" DA CASA BRANCA

Quando a filha Michelle e o genro Barack Obama entraram na Casa Branca, em 2009, ela como primeira-dama, ele como presidente, **Marian Robinson** foi junto. Ajudaria a cuidar das filhas do casal, "pilar de apoio para a família". Marian nunca apreciou a pompa em Washington. "Apenas me mostre como funciona a máquina de lavar", chegou a dizer. Em vez de estar próximo de chefes de Estado, escondia-se no andar de cima com as netas. Pediu apenas para conhecer o papa. Ela morreu em 31 de maio, aos 86 anos.

PROSA GUERREIRA

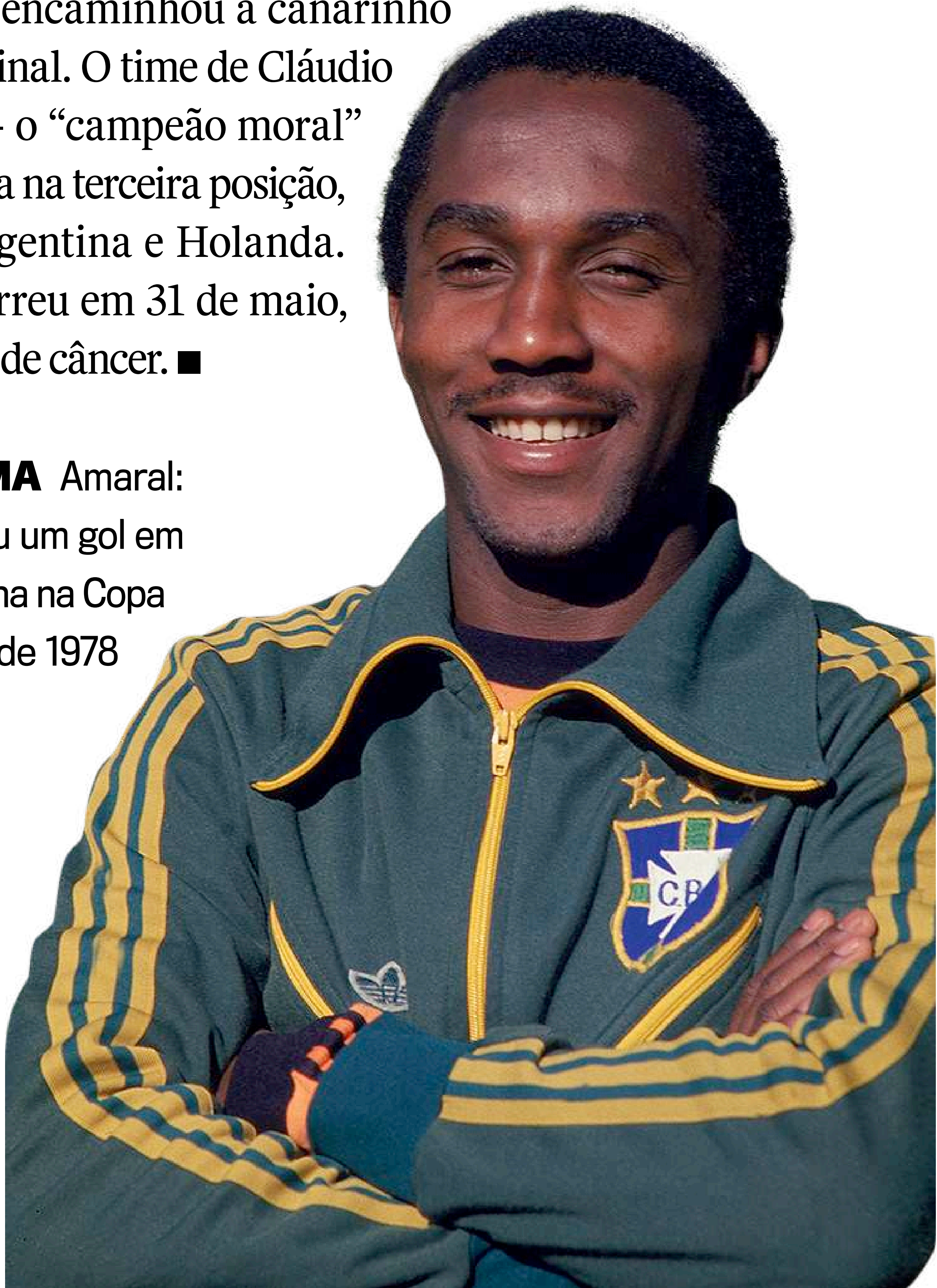
Nunca foi rotineiro ser filha de Moshe Dayan, ministro da Defesa israelense durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967 — membro do Partido Trabalhista que mais tarde, em aliança com os conservadores do Likud, desempenharia papel relevante nos acordos de paz entre Egito e Israel. **Yael Dayan** fazia política de outro modo. Como parlamentar, sim, mas sobretudo por meio de seus livros, em apoio à solução de dois Estados e dos direitos da comunidade LGBTQIA+. A prosa de livros celebrados como *Nova Face do Espelho* e *Diário de Um Soldado* chegou a ser comparada, nos Estados Unidos, à clareza dos textos sem adjetivos de Ernest Hemingway. Yael morreu em 18 de maio, aos 85 anos.

JEAN-JACQUES BERNIER/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

IDEIAS Yael, a filha de Moshe Dayan: luta pela solução dos dois Estados

TRANQUILIDADE NA ZAGA

O quarto-zagueiro **Amaral** tinha uma calma inigualável. Revelado pelo Guarani de Campinas, teve destaque também no Corinthians. Pela seleção brasileira fez quarenta partidas. Um lance o tornou conhecido: na Copa de 1978, na Argentina, ele salvou em cima da linha um gol da Espanha. O empate em 0 a 0 encaminhou a canarinho para a fase final. O time de Cláudio Coutinho — o "campeão moral" — terminaria na terceira posição, atrás de Argentina e Holanda. Amaral morreu em 31 de maio, aos 69 anos, de câncer. ■

CALMA Amaral: ele salvou um gol em cima da linha na Copa do Mundo de 1978

IGNACIO FERREIRA

FELIPE MARQUES/ZIMEL PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

“A gente não pode ter medo.”

PABLLO VITTAR, cantora, na Parada doOrgulho LGBT+ de São Paulo

“Vossa Excelência foi a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa.”

CÁRMEN LÚCIA, ministra do STF, discursando na última sessão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) presidida por Alexandre de Moraes

“Como consegue fazer tanta m*rda, ser tão mau-caráter?”

LUANA PIOVANI, ao comentar a postura de Neymar em defesa de um loteamento imobiliário no litoral nordestino

“Quer vir falar do meu caráter? Tu nem me conhece. (...) Toma vergonha na cara. Tem mais de 50 anos e quer vir lacrar na internet?”

NEYMAR, esquentando o ridículo bate-boca

“É compreensível, neste momento, essa polarização política do Brasil. Em vez de o presidente Lula se preocupar em governar, ele se preocupou em continuar esse enfrentamento.”

RONALDO CAIADO, governador de Goiás, no programa *Os Três Poderes*, no site de VEJA

“O PT passa por uma crise de envelhecimento e tem uma crise de renovação.”

RICARDO BERZOINI, ex-ministro de Lula e Dilma

“Se quem entrar *(na chefia do BC)* se meter a besta, vai ser um grande fiasco político.”

ARMINIO FRAGA, economista, na defesa de um Banco Central independente do governo

“Um sonho que se tornou realidade. *Hala, Madrid.*”

MBAPPÉ, atacante de futebol francês, ex-PSG, ao anunciar em suas redes sociais o contrato com o Real Madrid, da Espanha, quinze vezes campeão da Champions League

“Putin precisa de sangue, como se fosse uma droga. Ele nunca deixará de buscá-lo.”

GARRY KASPAROV, ex-campeão mundial de xadrez, uma das mais reconhecidas vozes de oposição ao neoczar da Rússia

“Você é estúpido? Não seja tão ridículo. Se você não tem nada de bom para dizer, cale a boca, certo?”

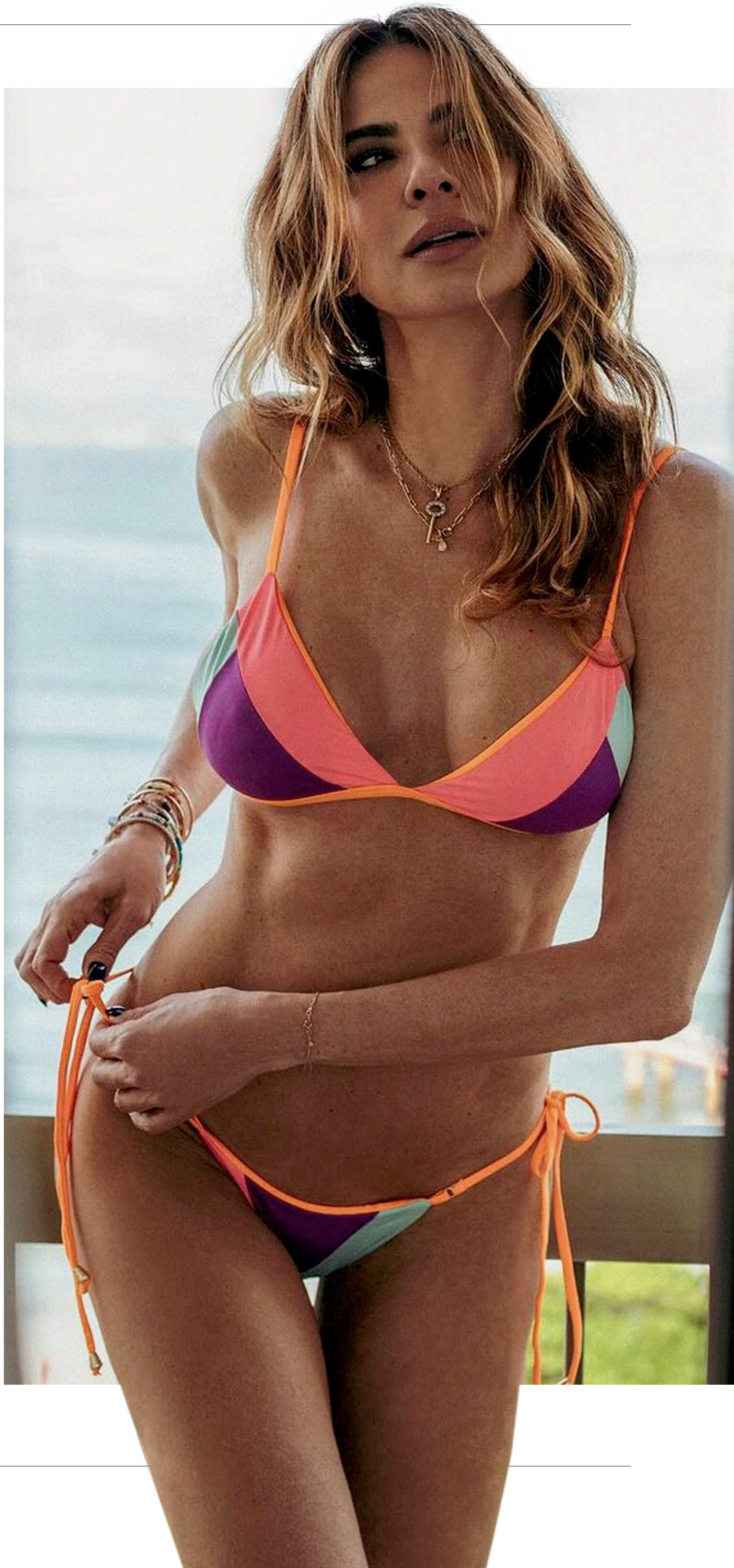
ADELE, cantora britânica, ao reprimir um ataque homofóbico vindo de um homem na plateia de seu show em Las Vegas

“Descobriram agora que o negro é capaz, é talentoso e é bonito.”

DJAVAN, vítima de racismo na juventude, antes da fama

"Acho que talvez esse seja o futuro."

LUCIANA GIMENEZ, apresentadora de TV, instada a comentar os relacionamentos ditos abertos

INSTAGRAM @LUCIANAGIMENEZ

FERNANDO SCHÜLER

A INÉRCIA COMO TRAGÉDIA

“ESTRUTURAS enferrujadas, emperradas, sem lubrificação e sem pintura.” Os relatos são quase unânimes. Porto Alegre é uma cidade murada. Nos anos 1960 e 1970, o sistema foi projetado por engenheiros alemães, com a enchente de 1941 na cabeça. Cresci naquela cidade e, não sei por quê, sempre achei que um sistema daqueles, com 68 quilômetros, catorze enormes comportas de aço e 23 casas de bombas, só podia ter sido feito nos anos 1970 mesmo. Hoje em dia seriam trinta anos só para as discussões preliminares, um pouco como as obras do nosso cais — o nosso “Puerto Madero”, cuja maquete já estava lá, em meados dos anos 1990, e não saiu do papel. Quase nada funcionou. As comportas vazaram e boa parte das bombas falharam. E uma incômoda interrogação sobre si mesma paira sobre as noites de Porto Alegre.

Muita gente se dedicou, como era previsível, a explicar a tragédia pela atual guerra política. Exercício inútil de autoengano. A melhor hipótese é que tudo isso diga respeito à lógica do “deslizamento”. Aqueles motores que deveriam mover as comportas não sumiram de uma hora para outra. Valendo o

mesmo para o isolamento daquelas casas de bomba, que nunca foi feito. E se o sistema de contenção não servia, por que ninguém nunca pensou em uma alternativa? As perguntas são evidentes. E arrisco dizer o seguinte: elas contam muito da história do setor público brasileiro. A história das reformas que deixamos de fazer, da perda da capacidade de investimento, da burocracia que foi tomando conta de tudo. Tudo que de alguma forma sabemos e que diz respeito ao que o economista americano Alfred Kahn chamou de "tirania das pequenas decisões". A lógica silenciosa, e por isso mesmo perigosa, das pequenas decisões, incluindo aí falhas e omissões perfeitamente "compreensíveis", no curto prazo, mas que no final do dia produzem um resultado que ninguém queria obter. E por vezes trágico, como vimos agora.

Tragédias podem ser súbitas, como essa, ou lentas, como tantas a que assistimos. A dívida gaúcha, por exemplo, terceira maior do país, é um tipo de tragédia lenta. Foram décadas com as contas no vermelho, Estado inchado, truques contábeis e muita retórica para justificar a irresponsabilidade fiscal. Tragédia súbita foi aquele incêndio no Museu Nacional. Gestão cronicamente malfeita, pela UFRJ, captação de recursos pífia, sistemas de eletricidade defasados. Fui muitas vezes lá, quando morava no Rio, e sempre me impressionei com aquilo. De longe, via as divisórias de madeira nos espaços do segundo andar, onde a família imperial residiu por durante quase um século. Via o brasão dos Orleans e Bragança encostado em uma parede, e me lembro de pensar que só em um

BOA LIÇÃO Barack Obama numa escola *charter* de Nova Orleans: inovação

país sem memória ninguém havia tido a ideia de surrupiar aquilo tudo. No final, aquela imensa fogueira, pela qual ninguém foi responsabilizado.

É evidente que tudo isso pode acontecer no setor privado. A diferença é que o mercado funciona como um mecanismo de internalização de custos. Agora mesmo, no drama gaúcho, milhares de pequenos empresários perderam tudo. E saberão reconstruir, a um enorme custo pessoal. Do outro lado, no setor público, a regra permite socializar os custos de infinitas

MANDEL NGAN/AFP

“No fim das contas, o custo vai para a sociedade. Para o contribuinte”

decisões, por desastrosas que sejam. Ou alguém acha que alguém vai perder o emprego ou pagar alguma coisa pela sucessão de omissões? Exatamente como aconteceu naquele incêndio carioca. Ou mesmo agora, quando aqueles dois presos fugiram de um presídio de segurança “máxima”, em Mossoró, porque alguém tinha deixado ferramentas de uma obra no pátio e as câmeras não funcionavam. No fim das contas, o custo vai para a sociedade. Para o contribuinte. Exatamente como agora, no Rio Grande. Vai para a dívida publica.

O maior desafio da reconstrução gaúcha está em como refazer o que foi destruído de um jeito diferente. Há exemplos interessantes, que poderiam nos inspirar. Um deles vem da tragédia que se abateu sobre Nova Orleans, com o furacão Katrina, em 2005. Quase 90% das escolas foram destruídas. A área de educação da cidade, à época, estava sob o comando de uma mulher enérgica e pouco convencional, chamada Leslie Jacobs. Leslie era uma personagem improvável para dirigir um conselho de educação. Vinha do setor privado, não tinha vínculos

com as corporações, e entendeu toda aquela crise como uma oportunidade. Seu diagnóstico era simples: a cidade figurava no 67º lugar entre os 68 distritos escolares do estado de Louisiana. E era preciso mudar. Em vez de reconstruir as escolas no modelo tradicional, Jacobs e sua equipe resolveram fazer sua revolução copernicana: convocaram bons provedores privados de educação para que assumissem a gestão das escolas, no modelo das *charter schools.* Em vez de o governo gerenciar a imensa rede, substituíram o modelo por uma rede descentralizada, com algumas premissas: gestão feita por organizações privadas de alta performance; controle e exigência de resultados, por parte do governo; e o direito dos alunos de escolherem onde estudar. Os resultados foram rápidos e intensos. Até o desastre do Katrina, 64% dos estudantes da cidade frequentavam uma escola designada como "reprovada". Dez anos depois, eram apenas 9%. As taxas de conclusão do ensino secundário foram de menos de 50% para mais de 70%. "Foi a maior revolução educacional americana da nossa época", resumiu o pesquisador Douglas Harris, da Universidade Tulane. Quando Barack Obama visitou Nova Orleans e foi conversar com os alunos da Martin Luther King Charter School, definiu as escolas *charter* como "laboratórios de inovação", dizendo que, graças àquela mudança, "eles estavam agora numa situação melhor do que há quatro anos, antes da tragédia".

Essa história sempre me chamou a atenção por algumas razões. Uma delas foi a sabedoria de entender que, mesmo em uma tragédia, pode-se encontrar uma oportunidade. Ou-

tra foi a coragem de enfrentar a grande lei que assombra o setor público: a lei da inércia. Do "é assim porque sempre foi", na frase de Raymundo Faoro. Por fim, a inteligência de saber que, no mundo público, os fatores silenciosos, as coisas "sem graça", como a mecânica dos incentivos, importam muito mais do que o barulho da briga política. Quando se permite que organizações privadas gerenciem escolas e os pais escolham onde colocar os filhos, é óbvio que estamos falando de incentivos de mercado. Mas o governo também termina mais forte, porque agora tem um contrato com cada escola, pode punir, pode premiar.

A educação estatal é talvez nosso maior exemplo de tragédia lenta. Nunca fomos capazes de fazer, com nossas escolas, o que de algum modo fizemos quando passamos a gestão dos aeroportos para o setor privado, ou mesmo com o marco do saneamento e a concessão dos parques ambientais. Vai aí um mistério. Repito: mesmo em uma tragédia, há oportunidade. Não faço ideia se nossos dirigentes terão a ousadia de líderes como Jacobs ou Obama, em Nova Orleans. Mas sua história está aí, à disposição de todos, e quem sabe possa nos ensinar alguma coisa. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

PAULO GONET

Em mais uma prova de independência, o PGR apresentou recurso contra a decisão do ministro Dias Toffoli, do STF, que anulou os atos da 13ª Vara Federal de Curitiba contra Marcelo Odebrecht, na Operação Lava-Jato.

VINICIUS JR.

O atacante foi eleito o craque da Liga dos Campeões, vencida pelo seu time, o Real Madrid.

SEBASTIÃO SALGADO

O retrato do garimpo de Serra Pelada feito pelo fotógrafo brasileiro integra a lista do *New York Times* de 25 imagens que definiram a modernidade.

DESCE

CORREIOS

A estatal fechou o primeiro trimestre com um prejuízo de 800 milhões de reais. O mau resultado foi puxado, essencialmente, por despesas gerais e administrativas.

ENEL

O governo federal aplicou multa de 13 milhões de reais à distribuidora por interrupções de energia e falhas no atendimento em São Paulo. A empresa pode recorrer.

KANYE WEST

O rapper americano enfrenta nova acusação por má conduta e assédio sexual, em ação movida por uma ex-assistente.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Nicholas Shores e Ramiro Brites

Mercado bilionário

Ministro do Esporte, **André Fufuca** começou a conversar com cartolas sobre a formulação de uma lei geral do futebol no país. Ele avalia que falta ao esporte uma norma própria sobre gestão de clubes, direitos de atletas e transações de mercado: "O futebol precisa de uma lei específica", diz.

O time encolheu

Fufuca estará na abertura da Olimpíada em Paris no fim de julho. O Brasil, segundo ele, levará 219 atle-

JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL

NA BOLA Fufuca: ministro avalia propor uma lei para regular o futebol no país

tas aos jogos, número inferior aos mais de 300 do último ciclo olímpico.

Caravana

Lula não vai mesmo à abertura dos Jogos de Paris. Já no Congresso muita gente está de malas prontas.

Que delícia

Na próxima semana, Lula desfrutará os dias no deslumbrante Borgo Egnazia Fasano, resort de luxo no sul da Itália, onde ocorrerá o encontro do G7.

Condições de trabalho

Outro dia, Janja, num giro pela garagem do subsolo do Planalto, percebeu trabalhadores terceirizados em condições inadequadas no horário de almoço. "Ela viu o povo largado e pediu que fosse preparado um local adequado para eles", diz um auxiliar palaciano.

Parece fila do SUS

A espera de parlamentares que pediram audiência com Lula e estão no vácuo é de mais de mês. "Nem a bancada do PT ele recebeu", diz um auxiliar.

Ruído na comunicação

Parece surreal que o presidente edite uma MP sem antes avisar ao chefe da Câmara, que terá de votá-la. Mas foi o que Lula fez com Arthur Lira na terça.

Ninguém sabia

Se não cair, a MP "surpresa" da Fazenda que restringe créditos de PIS/Cofins vai virar caso de Justiça. "Vamos às últimas consequências jurídicas", diz Ricardo Alban, chefe da CNI.

Não vai demorar

A PGR deve denunciar Jair Bolsonaro ao STF rapidamente, tão logo o inquérito da tentativa de golpe de Estado seja liberado pela Polícia Federal, diz um ministro do Supremo.

Em silêncio

Mauro Cid completou seu primeiro mês de liberdade nesta semana. Ao que consta, sem desabafos proibidos.

Rota internacional

A PF firmou um acordo com o Marrocos para combater o tráfico de drogas, armas e pessoas, o terrorismo e a lavagem de dinheiro entre os países.

Acerto de contas

As investigações que miram **Sergio Moro** e a Lava-Jato avançaram no gabinete de Dias Toffoli no STF. Depois de mandar a PF acordar muitos investigados, o ex-juiz, diz um interlocutor da Corte, deve experimentar essa sensação em breve. E não só Moro. Muita gente em Curitiba está na mira da PF.

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

O ALVO Moro: cerco se fecha contra o senador investigado no Supremo

Boas memórias

Alexandre de Moraes e Gilmar Mendes toparam gravar depoimentos para o documentário *963 Dias*, de Bruno Barreto, sobre Michel Temer.

Ato franciscano

A posse de Cármen Lúcia no comando do TSE não agradou a todos. É que a Corte só serviu água e café aos convidados do evento. Que a moda pegue.

Na raiz do problema

O STF firmou uma parceria com o BNDES, que irá realizar uma pesquisa sobre o motivo da alta judicialização no Brasil e como enfrentar esse problema.

Vai faltar bacalhau

O Fórum Jurídico de Lisboa, que ocorre no fim do mês em Portugal, já tem mais de 1500 inscritos, incluindo vários ministros de Lula.

Sem pressão

O STJ deve formar em agosto a lista tríplice de integrantes do MP que disputam uma vaga de ministro na Corte. O MPF queria prioridade, mas a Corte vai incluir nomes do MP estadual.

Promessa é dívida

Lula prometeu a Eduardo Riedel, governador de MS, que vai visitar as obras da Rota Bioceânica no estado.

Corpo a corpo

Roberto Campos Neto passou a semana telefonando a senadores para pedir apoio ao projeto de autonomia financeira do Banco Central. A proposta está na

CCJ de Davi Alcolumbre e corre o risco de não ser votada antes do recesso parlamentar de julho.

Esmola federal

Ricardo Nunes critica o repasse do governo Lula — 2,40 reais por refeição — ao projeto de cozinhas solidárias em SP. “Isso é metade de um pão com manteiga”, diz o prefeito.

Tarefa difícil

O petista Rui Falcão foi escalado por Lula para atuar na pré-campanha de Guilherme Boulos e impedir que o PT atrapalhe o projeto. Duro...

Novas fronteiras

O LIDE de João Doria vai inaugurar em setembro uma nova unidade do grupo, em Mumbai, na Índia, com foco nos setores de ciência e tecnologia, saúde e agronegócio.

Tudo lotado

A Anac proibiu nesta semana o Aeroporto Internacional de Guarulhos de operar acima do limite semanal de 2 714 voos. Se, em sessenta dias, essa marca não for respeitada, o aeroporto sofrerá duras sanções.

Trabalho perdido

A Justiça Federal de Curitiba decidiu que a Receita Federal não pode punir delatores com multas de 150% por crimes admitidos na delação. Vários processos serão arquivados.

Não é só a blusinha

Diante da explosão de importações de pneus de países asiáticos, uma associa-

ção do setor pediu à Camex que aumente a tarifa de importação dos atuais 16% para 35%.

Boleto pago

Há duas semanas, o Barra World Shopping pediu formalmente à Justiça o encerramento do processo de execução fiscal contra **Taís Araujo** por uma dívida de condomínio de 28 500 reais. A atriz pagou os débitos e tudo terminou de forma amigável. “Não sabia que estava devendo isso. Quero agradecer a quem fez a nota, porque eu paguei”, disse Taís recentemente. ■

TUDO OK Taís: ela pagou dívida com condomínio e encerrou o caso no Rio

INSTAGRAM @TAISDEVERDADE

TERRENO MOVEDIÇO

Derrotas em série no Congresso evidenciam falhas na articulação do Planalto, comprometem o governo e põem em xeque a capacidade de Lula de atrair divergentes e construir uma base sólida

VALMAR HUPSEL FILHO E **LAÍSA DALL'AGNOL**

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

PREOCUPADO O presidente: volta das reuniões semanais para discutir a relação com o Parlamento

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL E FREEPIK

Em mais de quatro décadas como figura pública, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sempre foi considerado um expert da articulação política. Sua capacidade de diálogo com os divergentes, forjada desde os tempos de líder sindical em São Bernardo do Campo (SP), rendeu-lhe a fama de "encantador de serpentes". Somado a um amplo apoio popular, isso contribuiu para que tivesse uma relativa tranquilidade nas relações com o Congresso em suas duas primeiras gestões. Na versão 3.0, entretanto, o petista chegou ao poder com margem estreita de votos e, no cargo, vê sua popularidade em queda antes de chegar à metade do mandato. Para piorar, tem a menor base parlamentar desde a redemocratização e interage com uma Câmara e um Senado pulverizados e inclinados à direita.

Até aqui, o alardeado poder de sedução do presidente não fez nenhuma mágica na articulação política, campo no qual enfrenta grandes dificuldades. Os sinais têm sido dados desde o início do governo, mas nos últimos dias ficaram mais evidentes com uma sequência de derrotas. Os parlamentares derrubaram o veto de Lula à suspensão das saidinhas de presos e mantiveram o do ex-presidente Jair Bolsonaro à criminalização de *fake news* em períodos eleitorais. Na sessão, marcada por críticas à articulação e acusações de quebra de acordos, o governo só salvou o veto ao restabelecimento do calendário para pagamento de emendas parlamentares.

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

VITÓRIA A sessão da saidinha: votos contra a vontade do Palácio do Planalto

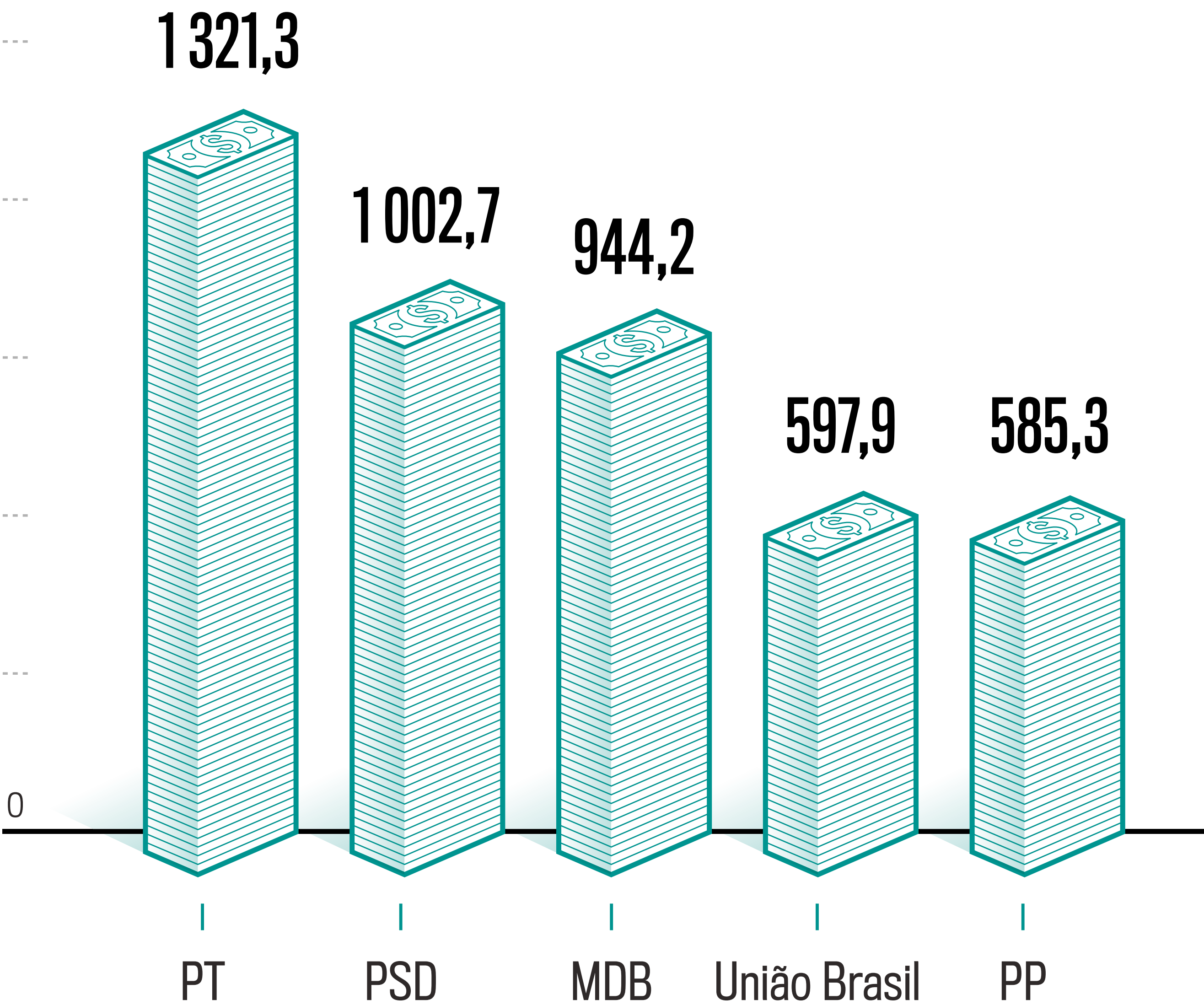
Apesar de não ser o primeiro golpe (e provavelmente não será o último), o governo sentiu. Lula imediatamente retomou as reuniões semanais com representantes da Fazenda e da Casa Civil e líderes no Congresso, como o deputado José Guimarães e os senadores Jaques Wagner e Randolfe Rodrigues, além de Alexandre Padilha, em tese o ministro responsável pelas conversas e acordos com o Congresso. O presidente prometeu entrar na negociação política e convocou ministros a fazer o mesmo. O recado foi para os filiados a siglas que comandam pastas na Esplanada, mas se comportam como independentes nas votações, como Republicanos, PP, PSD e União Brasil. O Executivo tentou minimizar as derrotas e atribuiu os reveses ao caráter ideológico das pau-

RELAÇÃO NÃO CORRESPONDIDA

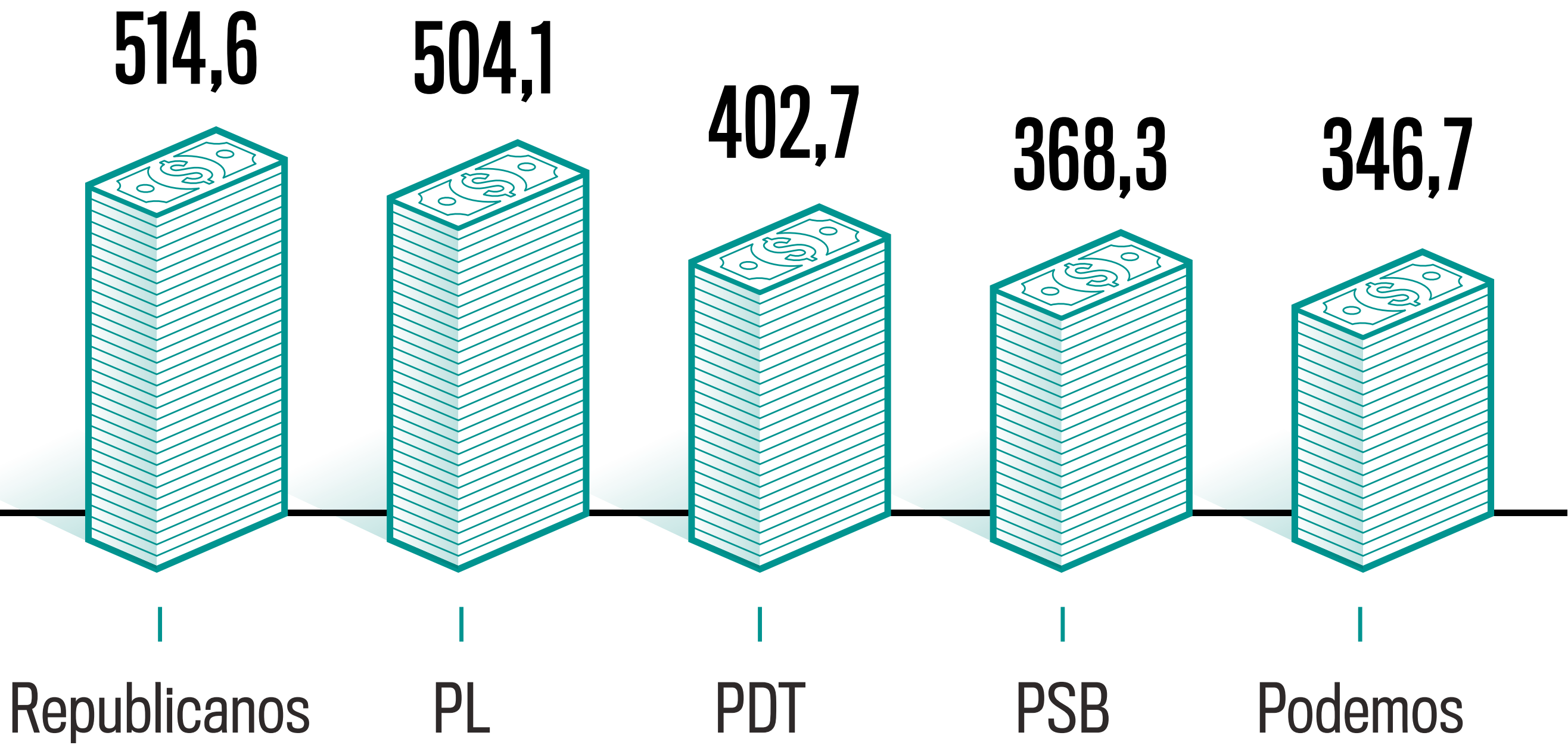
Siglas de centro e de direita estão entre as campeãs de emendas, mas entregam poucos votos

EMENDAS PAGAS EM 2024*

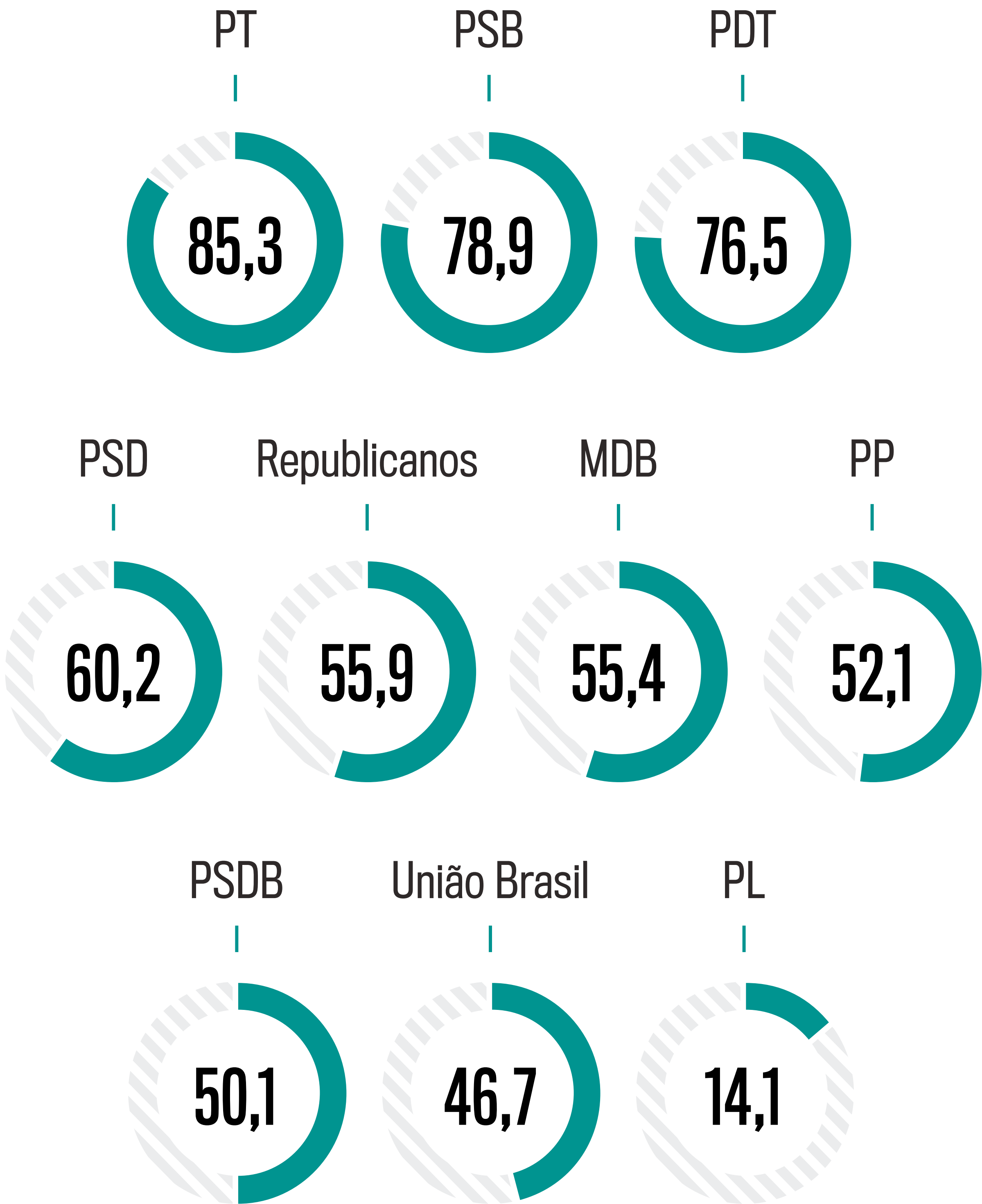
Partidos que mais receberam, em milhões de reais

1 321,3
1 002,7
944,2
597,9
585,3
0
PT
PSD
MDB
União Brasil
PP

tas. “Nada do que aconteceu nas sessões do Congresso surpreendeu os articuladores do governo”, disse Padilha.

Parte das dificuldades de Lula reside no fato de ter um governo dividido. O alicerce dele foi construído sobre onze partidos, muitos deles pouco alinhados ideologicamente ou com o projeto político do petista. Um dos casos emblemáticos é o do União Brasil, detentor de três ministérios. Segundo a Quaest, a sigla tem uma das menores taxas de adesão a pautas do Planalto, com 46,7% *(veja o quadro abaixo)*. Na questão das saidinhas, só a ex-ministra Daniela Carneiro votou com o governo entre os 58 deputados da legenda. Além de postos na Esplanada, o União Brasil é o quarto partido que mais recebeu verba via emendas parlamentares. A mesma boa condição ao dividir poder e dinheiro abrange outras siglas infiéis, como o Republicanos. Ao mesmo tempo que sonha com o

Republicanos	PL	PDT	PSB	Podemos
514,6	504,1	402,7	368,3	346,7

APOIO NA CÂMARA**

Taxa média de adesão à agenda do Executivo, em porcentagem

Partido	%
PT	85,3
PSB	78,9
PDT	76,5
PSD	60,2
Republicanos	55,9
MDB	55,4
PP	52,1
PSDB	50,1
União Brasil	46,7
PL	14,1

Fontes: ** Plataforma Siga Brasil, do Senado,*
*** Pesquisa Quaest – relativa a 2023*

REPRODUÇÃO

DESARTICULAÇÃO Randolfe, Padilha e Guimarães: líderes e ministro são alvos de críticas por descumprir acordos

apoio de Lula para eleger o seu cacique, Marcos Pereira, a presidente da Câmara, a legenda dá só pouco mais da metade dos votos de seus deputados ao governo.

A infidelidade também se explica por outro interesse: o eleitoral. Boa parte das siglas não só atua de forma independente, como articula para enfrentar Lula em 2026. É o caso do União Brasil, que tem o governador Ronaldo Caiado (Goiás) em campanha ao Planalto. Ou o PP, cujo presidente, Ciro Nogueira, é o articulador dos convescotes da direita que tenta viabilizar um anti-Lula para a eleição. Fora isso, legendas como o MDB e o PSD (que também tem um pré-presidenciável, o governador paranaense Ratinho Junior) caminham com um pé em cada canoa e planejam condicionar sua

TERRITÓRIO INIMIGO

Lula tem a menor base governista desde a redemocratização do país

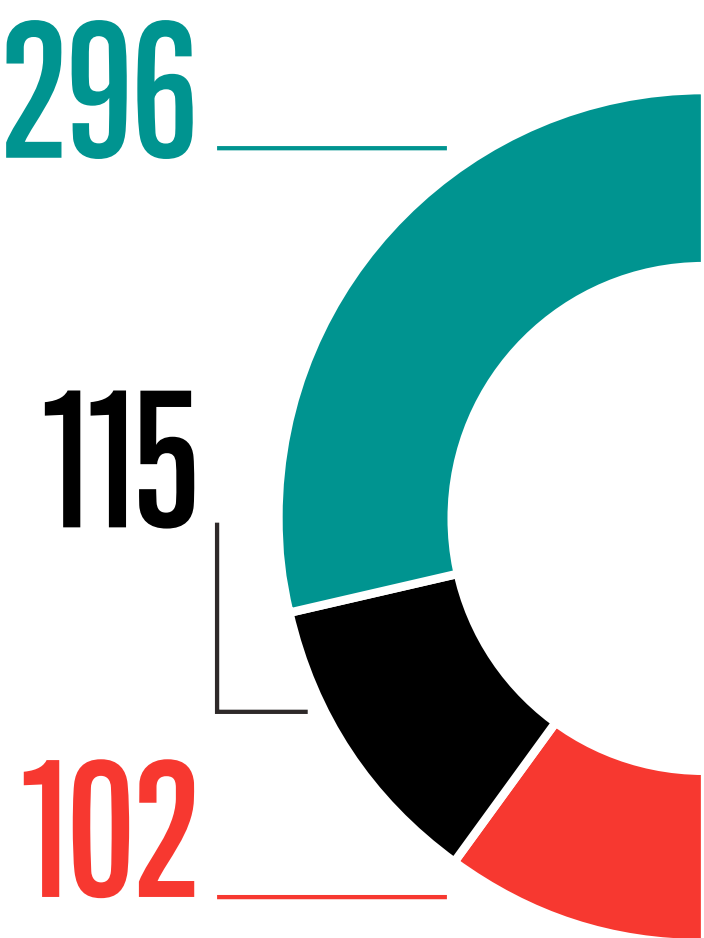
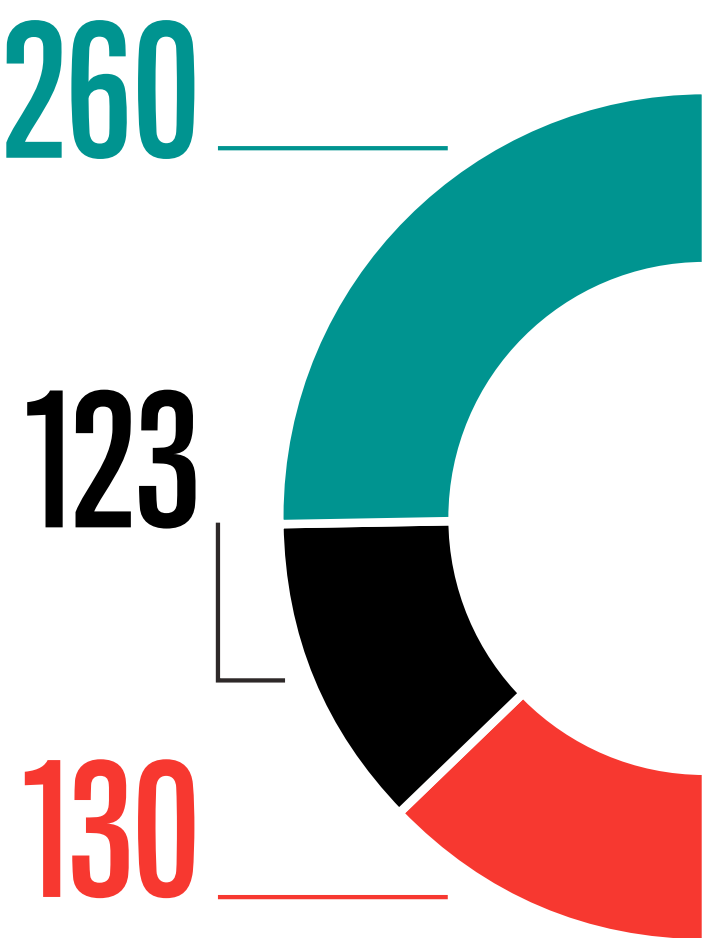
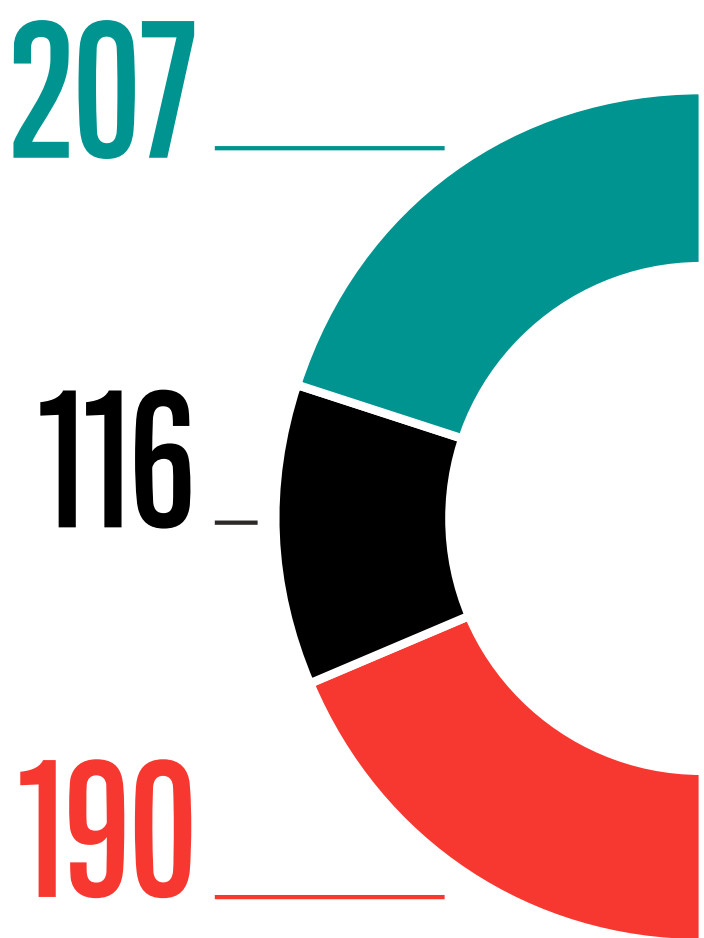
SUSTENTAÇÃO PARLAMENTAR*

Na Câmara, em número de deputados

Governos	FERNANDO COLLOR	ITAMAR FRANCO
Apoio consistente	160	250
Apoio condicionado	160	203
Oposição	183	50

entrada na barca lulista a uma posição mais privilegiada em 2026, como a vaga de vice. Enquanto isso, o MDB prioriza a principal campanha da oposição no país — a da reeleição de Ricardo Nunes em São Paulo —, e o PSD divide o seu tempo entre estar com Lula e ter um papel preponderante no governo de Tarcísio de Freitas, um potencial rival do petista.

A geringonça em que se transformou o Executivo é também um sinal dos tempos. O Congresso que saiu das urnas em 2022 é extremamente fragmentado. Não há um grande partido que garanta maioria a um governo. Em

	FHC I	FHC II	LULA I
(verde)	296	260	207
(preto)	115	123	116
(vermelho)	102	130	190

1994, quando FHC foi eleito, PFL, MDB e PSDB somavam 259 deputados, ou seja, mais da metade da Câmara. Hoje, o maior partido da Casa é de oposição, o PL, com 95 deputados. Já a maior legenda governista é o PT, que tem 68 — somados os aliados de esquerda (PSB, PCdoB, PV, PSOL, Rede e PDT), não dá 130 votos.

Se não bastasse, há uma forte divisão dentro das legendas, o que faz com que os líderes tenham dificuldade para entregar os votos da maioria de seus correligionários. O União Brasil, criado em 2021 a partir da fusão entre PSL e

LULA II

291

86

136

DILMA ROUSSEFF I

351

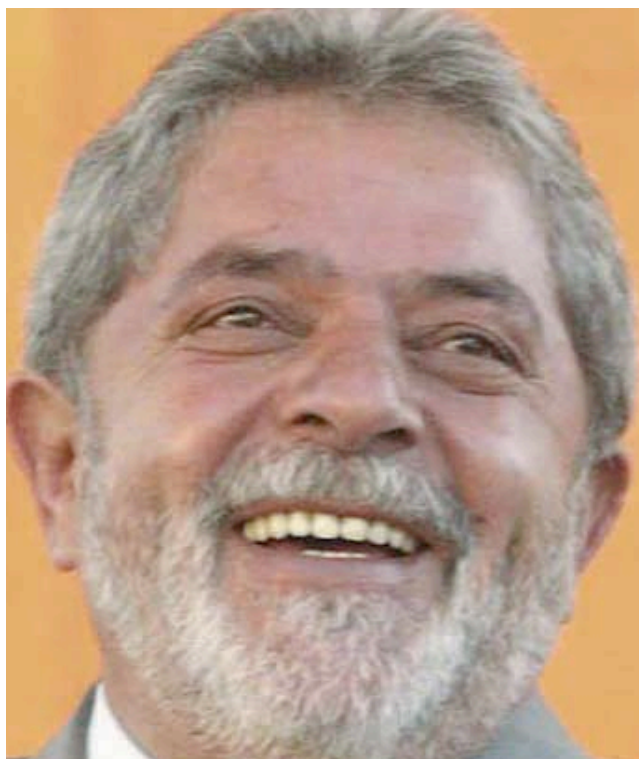
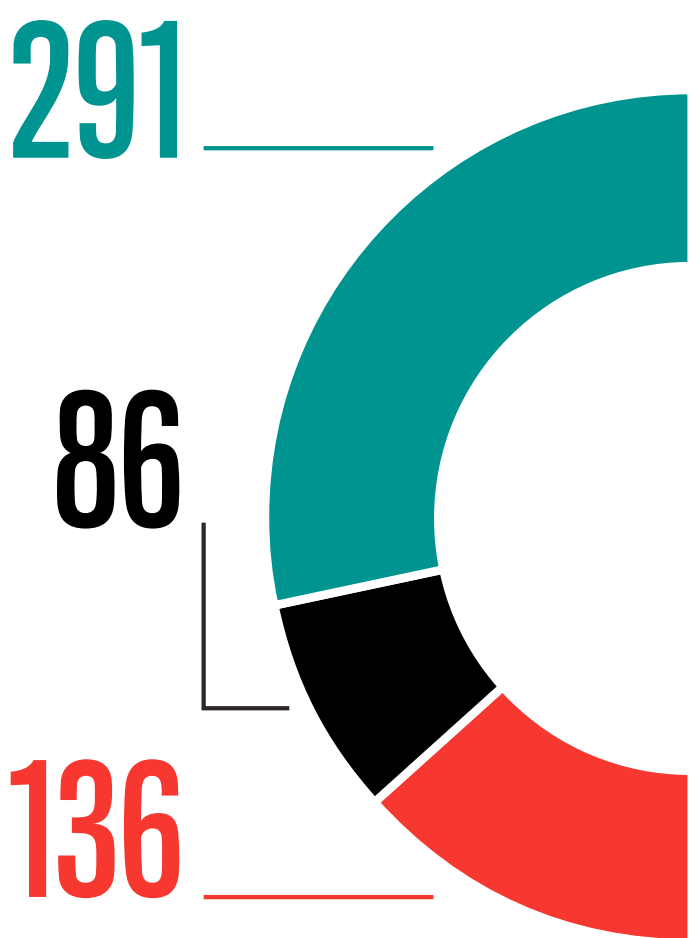
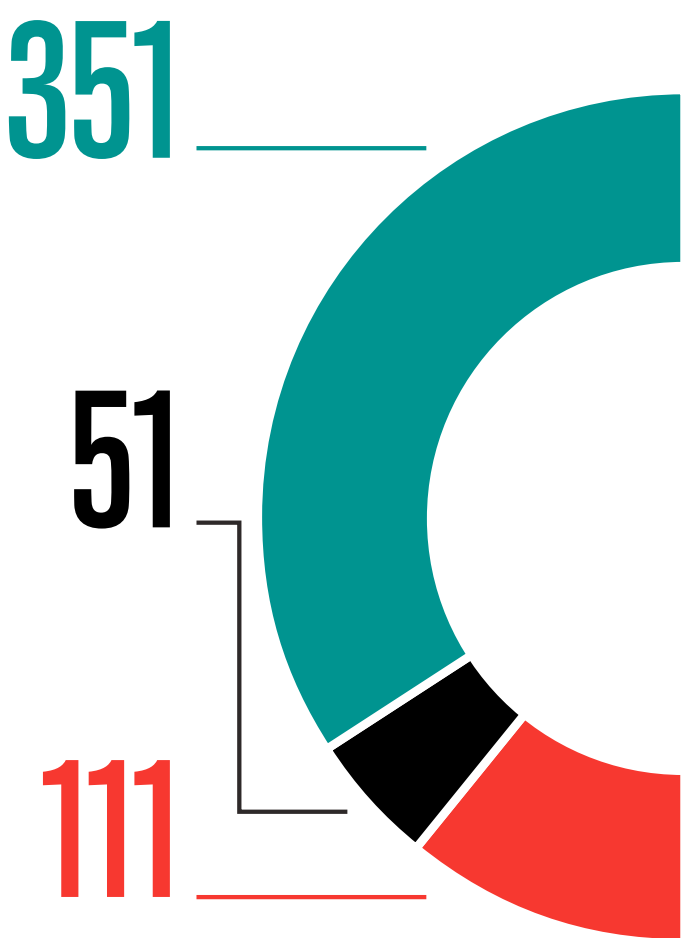
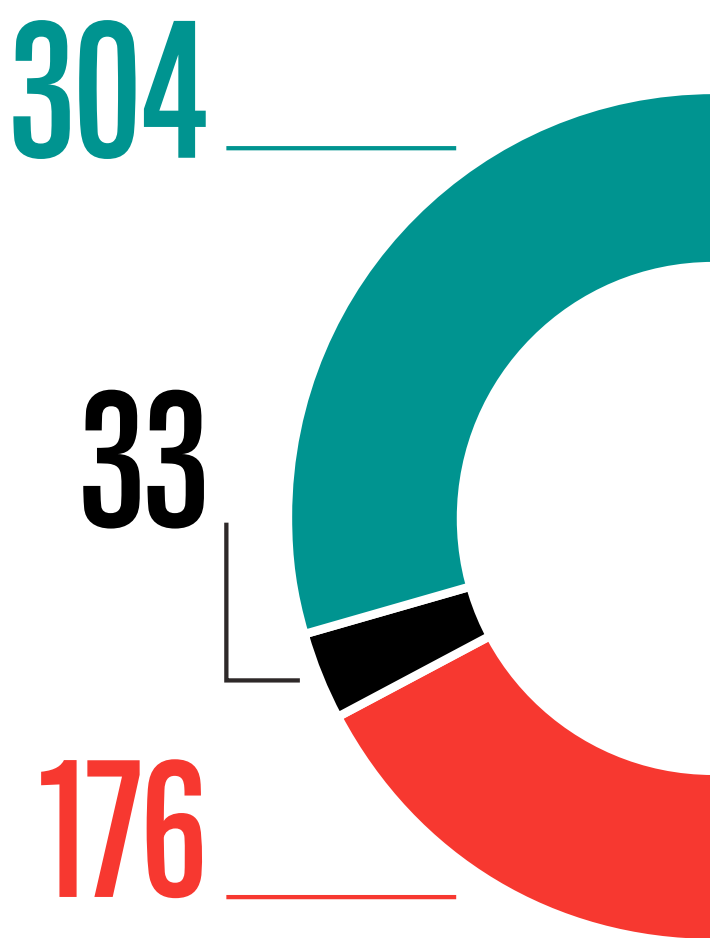
51

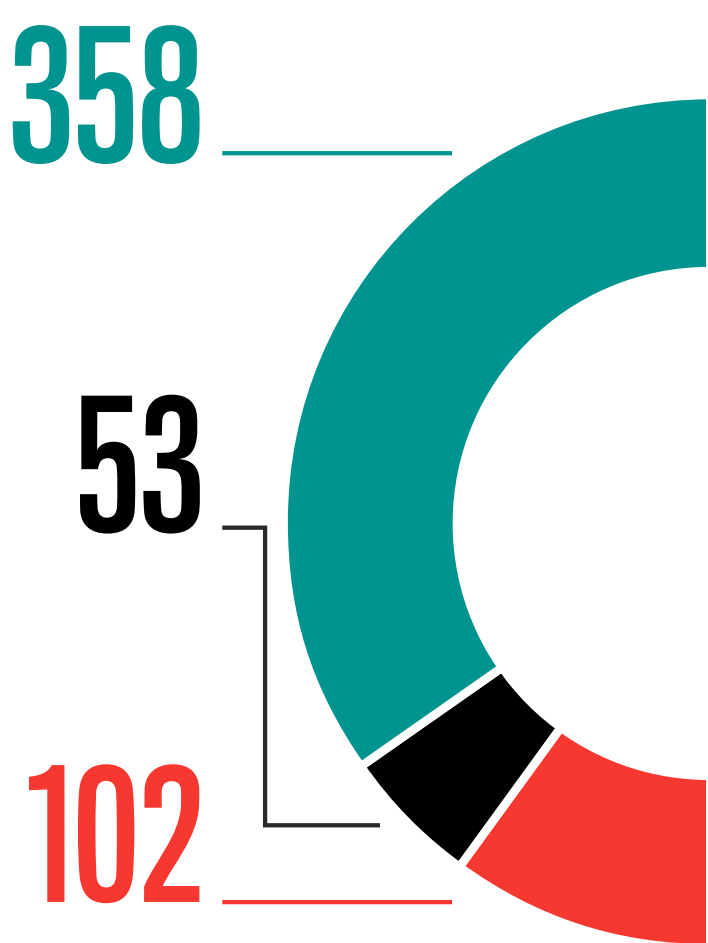
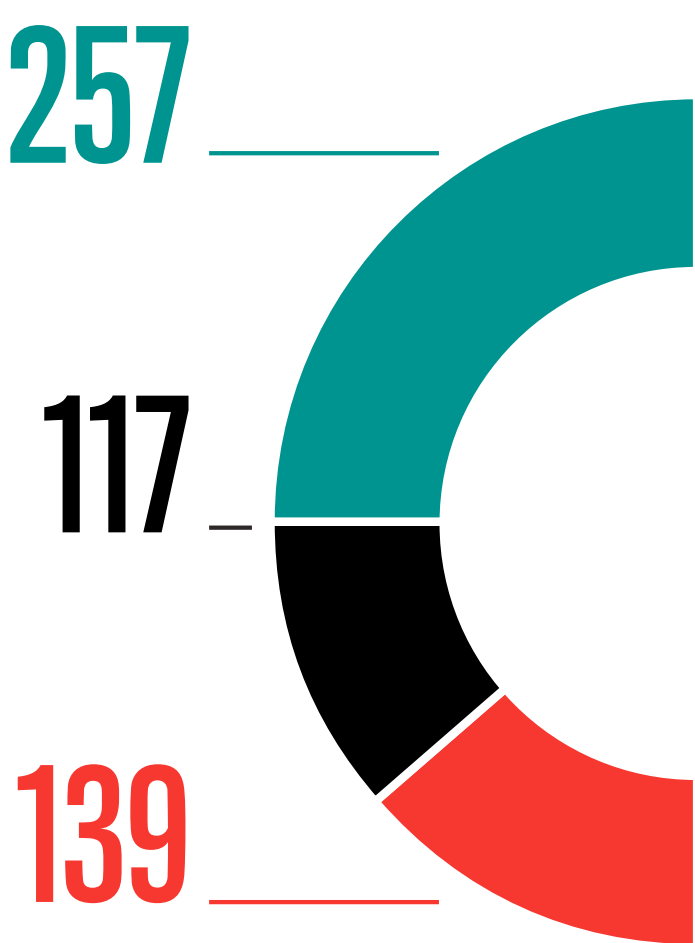
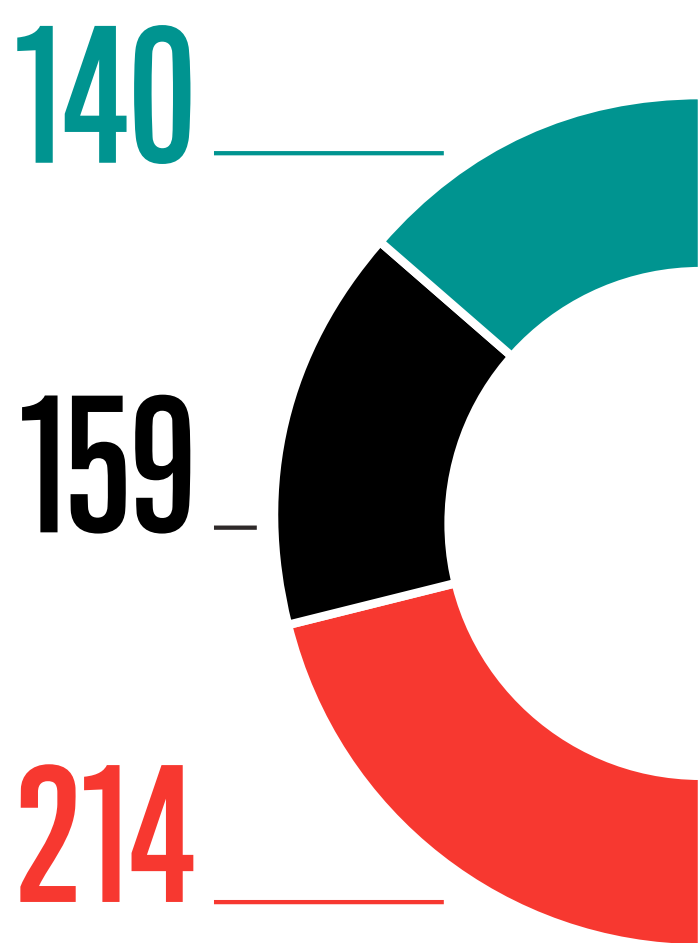
111

DILMA ROUSSEFF II

304

33

176

DEM, até hoje não conseguiu uma coesão interna. Enquanto Caiado faz planos para derrotar Lula, outro cacique da sigla, Davi Alcolumbre, negocia espaço no governo e conta com o apoio do Palácio do Planalto para voltar à presidência do Senado. "O Congresso hoje é formado por partidos invertebrados, com chefes locais e sem as lideranças que estruturam a maioria. Neste cenário não há possibilidade de se fazer uma coalizão coerente", afirma o sociólogo Sergio Abranches, responsável por cunhar o termo "presidencialismo de coalizão". O cientista político Felipe Nunes, diretor

MICHEL TEMER	JAIR BOLSONARO	LULA III
358	257	140
53	117	159
102	139	214

da Quaest, tem avaliação semelhante. "Nenhum presidente foi eleito tendo maioria no Congresso, mas, no passado, com um ou dois partidos, ele podia alcançá-la", afirma.

Também contribuíram para o enfraquecimento da hegemonia do Executivo as mudanças nas emendas parlamentares. A crescente "independência" dos deputados e senadores foi sendo conquistada a partir da apropriação cada vez maior de nacos do Orçamento da União. No governo Jair Bolsonaro, quem deu o tom foi o chamado "orçamento secreto", um caixa paralelo que permitia aos políticos direcio-

RESISTÊNCIA CONSERVADORA**

Em número de deputados e senadores por legislatura

BANCADA RURALISTA
FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA

	2015-2018	2019-2022	2023-2026
Bancada Ruralista	255	290	345
Frente Parlamentar Evangélica	202	212	231

Fontes: ** Diap, ** Congresso Nacional*

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

ESFORÇO Wagner: líder no Senado agiu para aprovar "taxa das blusinhas"

nar livremente dinheiro a suas bases eleitorais. O grande ponto de inflexão, no entanto, foi a expansão das emendas impositivas, que o governo é obrigado a executar. A medida, patrocinada pelo então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, representou dura derrota ao Executivo. Para 2024, o valor reservado a elas será de 53 bilhões de reais — em 2015, ano da mudança, eram 9,7 bilhões de reais. A seu modo, Bolsonaro resolveu o problema da governabilidade entregando poder a Arthur Lira. Lula não tem conseguido isso, mesmo num cenário no qual os partidos de sua base são privilegiados com um grande volume de emendas pagas.

Embora o contexto histórico e político jogue contra o presidente, as dificuldades que ele enfrenta no Legislativo

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

CACIQUES Efraim e Alcolumbre, do União Brasil: líderes de uma legenda dividida

não podem ser atribuídas apenas a isso. Muito da adversidade vem da própria incapacidade e da má organização política do governo. O desempenho de Alexandre Padilha, com quem Arthur Lira nem conversa, é um problema. Outra questão é o fato de as principais lideranças no Congresso serem do PT — como José Guimarães na Câmara e Jaques Wagner no Senado — ou estarem perto de se filiar ao partido, como Randolfe Rodrigues (líder no Congresso). O perfil contrasta com um ministério diverso ideologicamente, tanto que líderes partidários defendem a curiosa tese de que estar no governo não significa ser governista. Por isso, embora ministros tenham se comprometido a atender ao pedido do presidente para atuar no varejo da articulação

MARINA RAMOS/CÂMARA DOS DEPUTADOS

PLANOS Baleia Rossi: MDB duela com Lula em SP, mas almeja ser vice em 2026

com os parlamentares de suas legendas, o impacto da medida é visto como baixo por especialistas.

Contribui ainda para a cacofonia generalizada a comunicação deficiente do governo, inclusive de Lula, que se posiciona de forma ambígua em diversas questões. Essa postura, segundo Aldo Fornazieri, professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fespsp), se reflete nos ministérios, onde há forte divergência entre grupos antagônicos, e no PT. “Os erros são fundamentalmente na política. Lula fica nessa dualidade e o governo está desconcertado”, diz. O único “centro de racionalidade”, afirma, é a área econômica, que consegue dar alguma vitória ao governo, em razão do esforço do ministro Fernando Haddad (Fazenda).

Mesmo nessa área estratégica, a atuação não se dá sem percalços. Um exemplo é o da tributação das “blusinhas” — iniciativa de taxar em 20% as compras internacionais de até 50 dólares. O projeto foi aprovado na Câmara, mas esse ponto foi retirado pelo relator no Senado, Rodrigo Cunha (Podemos-AL), o que provocou a ira de Arthur Lira, que acusou o governo de não conseguir manter de pé os acordos que fecha. Os governistas sentiram o cheiro de crise e conseguiram aprovar a medida na quarta, 5, com um destaque apresentado em plenário. Outro imbróglio à vista envolve a Medida Provisória do PIS/Cofins, editada nesta semana, que deixou um grupo de senadores “furioso”. O texto é mais uma das tentativas do Ministério da Fazenda de compensar as perdas com a desoneração fiscal da folha de pagamento e fazer aumentar a arrecadação federal, mas pode impactar empresas do agronegócio e de combustíveis. “Essa será mais uma derrota do governo”, aponta um senador.

Parlamentares e analistas consideram que as vitórias em pautas econômicas ocorre-

OLHAR DISTANTE
Kassab: PSD apoia Tarcísio e governo petista e adia definições sobre o seu futuro eleitoral

ANDRE RIBEIRO/THENEWS2/ZUMA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

DIVIDIDO
Marcos Pereira: Republicanos quer Lula ao seu lado na Câmara, mas ajuda pouco o governo

JORGE WILLIAM/AGÊNCIA O GLOBO

ram porque elas convergiram com interesses da oposição, mas isso pode mudar. "Se os índices econômicos piorarem, esse apoio se evapora", resume o deputado Mendonça Filho (União Brasil-PE), vice-líder do bloco que reúne oito siglas, entre elas União Brasil, PP e PDT. Para o governador Ronaldo Caiado, independentemente de a legenda ocupar espaço no governo, o posicionamento em votações se dará sempre pela cartilha do partido. "Como vamos apoiar medidas que giram em torno de gastar mais para o país crescer?", questiona. Caiado diz que o problema na articulação está em Lula: "Falta comando para mudar os rumos do país, e isso se agrava sob o cenário de deterioração econômica".

WILSON DIAS/AGÊNCIA BRASIL

VIRADA Cunha: com emendas impositivas, ele estabeleceu revés ao Executivo

Uma análise bastante comum é que Lula pode dar a volta por cima se conseguir melhorar a sua taxa de aprovação, que está diretamente ligada à capacidade de engrenar um novo ciclo de pujança econômica, algo que parece improvável hoje. Um governo emitindo sinais de que está à deriva será fatalmente a senha para que os partidos com comportamento ambíguo da base pulem de vez do barco. O cenário atual, inclusive, aumenta a especulação sobre a possibilidade de reforma ministerial, uma terapia de choque para tentar rearrumar as forças e a articulação. Por qualquer ângulo que se analise, a conclusão é a de que não há muitos sinais de calmaria em meio ao mar agitado em que se transformou a navegação política de Lula. ■

DUELO NOS BASTIDORES

Mirando 2030, mas sem descartar 2026, candidatos à sucessão de Lula se movimentam para delimitar áreas de influência, exibir força e conquistar o apoio do presidente **MARCELA MATTOS**

VATICAN MEDIA/GETTY IMAGES

BEM NA FOTO Haddad: bom trânsito no Brasil, agenda internacional e audiência com o papa Francisco no Vaticano

NA CAMPANHA DE 2022, o presidente Lula disse que tinha em mente, caso eleito, cumprir os quatro anos de mandato e sair de cena na sequência, entregando um Brasil "tinindo" para o seu sucessor. Ao assumir o cargo, o petista logo mudou o tom e afirmou que, apesar da idade avançada, poderia tentar a reeleição se houver alguma "situação delicada", sem explicar qual seria ela. Não é segredo para ninguém que Fernando Haddad, ministro da Fazenda, e Rui Costa, ministro-chefe da Casa Civil, têm em comum o desejo de suceder a Lula — seja em 2030, seja em 2026 — e já estão abertamente demarcando território. Na segunda-feira 3, Haddad embarcou para a Itália, onde participou de uma conferência que discutiu estratégias para reduzir as dívidas de nações do Hemisfério Sul. É um tema que garante visibilidade e projeção internacional. Em Roma, o ministro se reuniu com autoridades e discorreu sobre a necessidade de criar um fundo mundial para combater a pobreza e as mudanças climáticas. O ponto alto da viagem, no entanto, aconteceu na quinta-feira, quando Haddad foi recebido pelo papa Francisco no Vaticano. Os dois conversaram sobre a proposta de taxar as grandes fortunas, iniciativa, segundo ele, essencial para diminuir a desigualdade econômica no planeta. Depois do encontro, o *gran finale:* a foto.

A proposta de cobrar um imposto dos chamados super-ricos é tão antiga como controversa, mas, repetida, ela sempre reverbera bem. "Acredito que é uma ideia que veio para ficar, junto com a reforma dos organismos multilaterais, junto com a questão do enfrentamento da dívida dos países pobres. É

DIVULGAÇÃO/CASA CIVIL

NA BATALHA Rui Costa: reuniões na China e verbas para a tragédia gaúcha

um conjunto de iniciativas que, na minha opinião, vão acabar tendo que ser debatidas no G20 e em outros fóruns importantes”, disse o ministro em uma entrevista coletiva. França e Espanha já deram aval à medida que prevê o recolhimento anual de 2% do valor total das riquezas dos multimilionários. Os Estados Unidos e alguns países importantes da Europa, porém, resistem. O fundo teria aproximadamente 500 bilhões de dólares. A audiência com o papa tinha como pano de fundo pedir o apoio público ao pontífice. “Estamos falando de algo que vai afetar milhares para favorecer bilhões. Me parece uma proposta decente, no ponto de vista social, econômico e político”, completou o ministro. Francisco já mostrou sua simpatia pela causa. Se for bem-sucedido, Haddad já tem um feito mundial a ser exaltado.

O Brasil ocupa a presidência rotativa do G20, grupo que reúne as maiores economias do mundo. Para quem tem aspirações ambiciosas, como é o caso de Haddad, a pregação a favor de um imposto que tira dos ricos para dar aos pobres serve como uma vitrine internacional. Já ser fotografado ao lado

do papa, embora não seja um privilégio tão exclusivo assim *(veja o boxe),* tem um enorme apelo político. O ministro da Fazenda, que se define como um "cristão ortodoxo", é cotado dentro e fora do governo como o candidato natural do PT para suceder a Lula. Há vários pontos que contam a seu favor. Haddad tem experiência política e administrativa. Foi ministro da Educação e prefeito de São Paulo. Em 2018, quando Lula estava preso, concorreu à Presidência da República, perdeu para Jair Bolsonaro, mas conquistou impressionantes 47 milhões de votos. Em 2022, sofreu uma nova derrota ao disputar o governo de São Paulo, mas também com boa performance. A escolha dele para ocupar o Ministério da Fazenda não foi por acaso.

Voz equilibrada dentro de um governo multifacetado, Haddad está alinhado a projetos importantes, tem bom trânsito entre os maiores empresários do país e é respeitado no meio político, especialmente no Congresso. São credenciais importantes para uma largada em direção ao Palácio do Planalto. Por isso, aparições em fóruns internacionais, como o da Itália, devem ocorrer com mais frequência de agora em diante. Já a foto ao lado do papa, além de uma peça publicitária, vai ajudar o ministro a vencer resistências numa faixa do eleitorado que pode ser decisiva. Para conseguir uma agenda exclusiva com Francisco, Haddad precisou acionar o corpo diplomático. Isso porque, pelo protocolo do Vaticano, o papa recebe em encontros reservados apenas chefes de Estado em exercício — outras autoridades, como ministros, só em caráter excepcio-

nal ou em solenidades públicas. Acionado, o Itamaraty encaminhou o pedido ao Vaticano, que deu sinal verde. A religião, como se sabe, exerce uma variável importante na política — e não apenas nos segmentos evangélicos. De acordo com o Datafolha, 50% dos brasileiros são católicos — apesar de metade não ser praticante, eles ainda assim representam uma massa considerável da população. "O Haddad fez um cálculo e, como não tem o voto evangélico, mais alinhado a Jair Bolsonaro, mirou o eleitorado católico. É uma ação de relações públicas que rende foto e presença nos jornais, e atinge um público específico", afirma Antonio Lavareda, cientista político e especialista em comportamento eleitoral.

Embora seja considerado o favorito por muitos, Haddad enfrenta um concorrente de peso para se consagrar como herdeiro de Lula. Outro cotado ao posto é o ministro da Casa Civil, Rui Costa. Na sua posição de grande condutor dos trabalhos no Executivo, Costa tem dedicado atenção especial à tragédia do Rio Grande do Sul e intercalado a agenda em Brasília com visitas ao estado para anunciar investimentos e programas especiais a fim de reerguer a economia gaúcha. Na última semana, ele também cruzou o oceano e, acompanhado de uma comitiva brasileira, foi a Pequim, na China, com o objetivo de ampliar as relações comerciais entre os países. Em encontro com a presidente do banco do Brics, Dilma Rousseff, foi pactuado um aporte de 5,7 bilhões de reais, com recursos também do BNDES e do Banco do Brasil, para a reconstrução do estado. Costa também participou de reuniões com empre-

RICARDO STUCKERT/PR

CORRENDO POR FORA O ministro Camilo Santana: a educação é a única área do governo bem avaliada pelos eleitores

sários dos setores de transporte, saúde e elétrico e, em discurso, lembrou que o Novo PAC, o carro-chefe da Casa Civil, vai abrir caminho para projetos estruturantes no país e, por tabela, render frutos aos investidores — tudo cuidadosamente publicado em suas redes sociais.

Sem dúvida, Costa e Haddad são os dois principais nomes para uma eventual ausência de Lula na urna eletrônica em 2026. Mas trata-se de uma disputa intrincada, cheia de pequenos detalhes, e sempre pode haver uma surpresa. Em paralelo e sem alarde, o ministro da Educação, o também petista Camilo Santana, tem chamado a atenção em alguns círculos devido à desenvoltura com que tem aparecido ao lado do presidente da República. É de sua pasta a principal inovação nes-

te terceiro mandato de Lula: o programa Pé-de-Meia, que estimula os alunos do ensino médio a comparecer à sala de aula e prestar o Enem por meio da concessão de uma bolsa que pode chegar a 9 200 reais ao fim do curso. Mais de 3 milhões de jovens são beneficiados com a medida. De acordo com pesquisa Ipec divulgada no fim de abril, a educação é o único setor do governo que acumula avaliação positiva. A boa imagem fez quebrar, ao menos momentaneamente, as disputas políticas. Numa cena rara de se ver no Palácio do Planalto, Santana reuniu no fim de maio governadores, inclusive os de oposição, numa cerimônia concorrida destinada a celebrar o aumento dos índices de alfabetização no país.

Dentro e fora do governo, são cada vez mais recorrentes os rumores e as especulações de que Lula pode encerrar sua carreira política em 2026, quando terá 81 anos de idade. Não há, por enquanto, nenhuma evidência de que isso vá ocorrer. Experiente, o presidente sabe que o anúncio de uma decisão como essa precipitaria o início do fim do mandato, fragilizaria seu poder e provocaria uma guerra sucessória precoce, principalmente entre os próprios petistas. Melhor, portanto, que a disputa continue como está — silenciosa, disfarçada, sem que nenhum dos candidatos admita que ela de fato existe. Nos bastidores, embora saibam manter as aparências, Haddad e Rui Costa já vivem em conflito, se comportam como adversários, desconfiam um do outro, são alvos de intrigas e elaboram agendas políticas pensando na sucessão do chefe (daqui a dois ou seis anos). Os petistas estão em plena campanha. ■

VATICANNEWS

EVANGÉLICA Michelle: visita quando o marido ainda era presidente

O PAPA É POP PARA OS POLÍTICOS

No país que tem cerca de 100 milhões de católicos, uma foto ao lado do pontífice ainda funciona como um eficiente passaporte eleitoral

A exemplo do esforço protagonizado pelo ministro da Fazenda, autoridades brasileiras têm cruzado o Atlântico em busca de garantir alguns poucos minutos com o papa Francisco. O breve encontro no Vaticano costuma seguir um roteiro similar, com direito a cumprimentos, entrega de presentes e alguma demanda específica — tudo, claro, devidamente registrado em vídeo ou fotografia para posterior divulgação. Cada um aproveita o momento à sua forma. Recentemente, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, entregou ao pontífice uma camisa do Palmeiras e pediu para ele abençoar uma bandeira do Rio Grande do Sul. O governador Eduardo Leite, que teve o

VATICAN MEDIA

ANTES DA TRAGÉDIA

Leite: convite para visitar o Rio Grande

encontro duas semanas antes da tragédia gaúcha, o convidou para uma visita ao Brasil — também deixando de presente uma caixa com o uniforme dos times do estado. Já o líder do governo Lula na Câmara, deputado José Guimarães (PT-CE), esteve com Francisco no início do ano e pediu que o Padre Cícero, principal referência religiosa do Ceará, seja reconhecido como santo.

Todos os encontros costumam ser rápidos e em meio a audiências lotadas de fiéis. Mas a romaria, especialmente de políticos brasileiros, impressiona. Assim como Fernando Haddad, com a ajuda do Itamaraty, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira (PSD), não só garantiu uma agenda privada com o papa como ainda levou a tiracolo o presidente de seu partido, Gilberto Kassab. Na ocasião, Silveira entregou a Francisco uma carta escrita pelo presidente Lula. Driblando o protocolo da Santa Sé, a ex-presidente Dilma Rousseff também conseguiu uma conversa exclusiva com o pontífice,

GREGORIO BORGIA/AP/IMAGEPLUS

BÊNÇÃO Ricardo Nunes: uma camisa do Palmeiras como presente

que fez questão de lhe dar uma série de regalos religiosos. "Reza por mim, e eu rezo por você", disse Francisco à petista em abril.

Em alta, especialmente entre os petistas, o papa já criticou a prisão de Lula (o presidente o visitou no ano passado), fez discurso contra o "ódio" na véspera da eleição de 2022 e encampa uma agenda ambiental sustentável, sob o argumento de que a destruição "ofende a Deus". Enquanto presidente, Jair Bolsonaro não lhe conferia a mesma devoção nem sequer visitou o pontífice quando foi a Roma, em 2021. Dentro de casa, porém, teve gente que não perdeu a oportunidade. No fim do primeiro ano do mandato do marido, Michelle Bolsonaro foi a um encontro de primeiras-damas no Vaticano e posou sorridente ao lado dele. Estava acompanhada da então ministra Damares Alves, que, assim como ela, é evangélica fervorosa. "Foi uma tarde incrível ao lado deste líder religioso amado por muitos", celebrou a hoje senadora Damares após o encontro. A fé rende votos. **(M.M.)**

TURBULÊNCIAS À DIREITA

Entrada do coach Pablo Marçal na disputa por São Paulo pressiona Ricardo Nunes e torna mais complexa a relação política do prefeito com o bolsonarismo **ADRIANA FERRAZ**

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

FÉ Nunes, com Tarcísio *(ao fundo)*: aceno a conservadores na Marcha para Jesus

ATÉ AQUI O PLANO parecia estar dando certo. Mesmo sem demonstrar total alinhamento político com o bolsonarismo, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), havia se tornado a principal, se não a única, opção dos eleitores do ex-presidente para evitar a vitória do deputado Guilherme Boulos (PSOL), o nome escolhido por Lula para representar a esquerda na corrida pelo comando da maior cidade do país. Apesar de manter uma relação distante e marcada pela desconfiança mútua com Jair Bolsonaro e seus filhos, o emedebista comemorava o fato de ter impedido o PL — e demais partidos da direita — de lançar alternativa a seu nome, o que lhe permitiu subir de forma constante nas pesquisas. Nos últimos dias, no entanto, um obstáculo inesperado surgiu no meio do caminho, com a entrada na disputa de um outsider, o coach Pablo Marçal (PRTB). Decidido a pleitear o voto bolsonarista, ele tem potencial de dividir o eleitorado da direita na eleição paulistana, o que pode complicar a vida de Nunes daqui em diante.

A preocupação não é gratuita. As primeiras sondagens com Marçal entre os pré-candidatos confirmam Boulos e Nunes na liderança, empatados tecnicamente. No cenário mais completo do Datafolha, o candidato do PSOL tem um ponto a mais que o prefeito *(veja o quadro na pág. ao lado)*. A novidade ficou com o desempenho de Marçal, que já empata tecnicamente com a deputada Tabata Amaral (PSB), o apresentador José Luiz Datena (PSDB) e o deputado Kim Kataguiri (União Brasil). Em outra pesquisa, a da AtlasIntel, o coach chega a 10,4% das intenções de voto.

Na última quarta, 5, o pré-candidato, que fez fama e fortuna vendendo cursos de autoajuda pela internet, causou rebuliço na Câmara dos Deputados ao acompanhar a sessão do Conselho de Ética que livrou o deputado André Janones (Avante-MG), suspeito de praticar rachadinha em seu gabinete, do risco de cassação, com relatório favorável de Boulos. Em 2022, Marçal tentou disputar a Presidência da Re-

ENTRADA MOTIVACIONAL

Coach Pablo Marçal empata tecnicamente em terceiro lugar na disputa paulistana

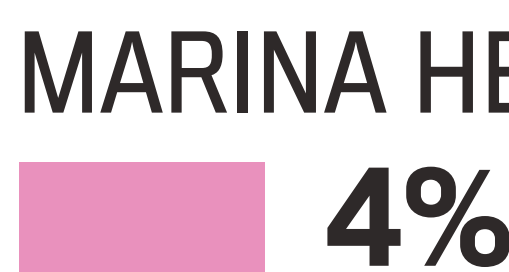
GUILHERME BOULOS (PSOL)
24%

RICARDO NUNES (MDB)
23%

JOSÉ LUIZ DATENA (PSDB)
8%

TABATA AMARAL (PSB)
8%

PABLO MARÇAL (PRTB)
7%

MARINA HELENA (NOVO)
4%

pública, mas teve a sua candidatura barrada pelo Pros — que preferiu apoiar Lula — e chegou a ser eleito deputado por São Paulo, com 243 037 votos, mas teve o mandato cassado por irregularidades no registro da candidatura. Com 10,6 milhões de seguidores somente no Instagram, o coach aposta no alcance das redes para crescer e incomodar ainda mais, mesmo que à base de polêmica. Ele é um dos alvos da

KIM KATAGUIRI (UNIÃO BRASIL)
4%

JOÃO PIMENTA (PCO)
1%

RICARDO SENESE (UP)
1%

FERNANDO FANTAUZZI (DC)
1%

ALTINO PRAZERES (PSTU)
1%

EM BRANCO/NULO/NENHUM
13%

NÃO SABEM
5%

Fonte: *Datafolha – pesquisa feita nos dias 27 e 28 de maio. A margem de erro é de 3 pontos percentuais para mais ou para menos*

Advocacia-Geral da União por supostamente espalhar notícias falsas sobre a tragédia no Rio Grande do Sul. "Ele começou relativamente bem, mas ainda é cedo para dizer que há uma tendência de crescimento. Vamos ter de avaliar as próximas pesquisas para saber se o voto dado a ele vem da direita ou da internet", afirma o diretor do instituto Paraná Pesquisas, Murilo Hidalgo.

Um trunfo que o novo desafiante tem em mãos é que ele pediu votos em Bolsonaro quando foi candidato a deputado em 2022, o que acredita que pode fazer a diferença entre eleitores do ex-presidente. Na terça, 4, se encontrou com o capitão em Brasília. "Sou o único com quem ele tem um pouco de afinidade. Não tem como Bolsonaro apoiar um candidato cujo partido é da base do Lula", afirma Marçal, numa alfinetada a Nunes. Na sequência, em meio à repercussão disso, Bolsonaro mandou mensagem a Nunes reafirmando que apoia a reeleição do emedebista.

A proximidade entre o ex-mandatário e o prefeito ocorre mais por conveniência de ambos do que por grandes afinidades políticas. A pessoas próximas, Nunes disse que já ouviu de Bolsonaro que o ex-presidente lhe daria apoio para vencer a esquerda em São Paulo. Apesar disso, o capitão nunca fez acenos públicos na direção do prefeito, que é também cuidadoso nas declarações favoráveis a ele. E não por acaso. Em maio, o Datafolha mostrou que 61% dos paulistanos dizem rejeitar votar em um candidato apoiado por Bolsonaro, contra 45% que dizem o mesmo em relação a um indicado por Lula.

X @PABLOMARCAL

APOSTA O novo pré-candidato posa na prefeitura: encontro com Bolsonaro

São números que explicam, por exemplo, a participação discreta do prefeito no ato político em apoio ao ex-presidente ocorrido na Avenida Paulista, em fevereiro. Ele foi — e vestido de verde-amarelo —, mas não discursou e quase nem foi visto. Os dois, no entanto, combinam nas críticas feitas a Boulos, chamado por ambos de "invasor", em referência a seu ativismo no Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, e classificado como um risco a ser evitado tanto no âmbito municipal quanto no federal, tendo em vista a proximidade do deputado com o presidente Lula. A avaliação conjunta é que, para derrotá-lo, é preciso uma união das forças da centro-direita com vistas também à corrida nacional

em 2026, que Bolsonaro ainda sonha em disputar, apesar de declarado inelegível pela Justiça.

Em troca do apoio a Nunes, Bolsonaro quer emplacar o vice do prefeito na campanha. Sua escolha recaiu sobre o coronel da PM Ricardo Mello, ex-comandante da Rota que já deu declarações polêmicas ao defender “abordagens diferentes” da polícia para moradores da periferia e de bairros nobres da capital paulista. Nunes não morre de amores por Mello e tenta adiar ao máximo a definição do seu companheiro de chapa. Uma de suas opções é o secretário de Relações Internacionais da cidade, Aldo Rebelo. Agora filiado ao MDB, o ex-comunista teria mais aceitação dos demais partidos que dão sustentação à pré-candidatura, como PSD e União Brasil. Outro nome sempre citado para marchar ao lado de Nunes é o da vereadora Sonaira Fernandes (PL), ex-secretária da Mulher do estado. Insatisfeitos com a hesitação do prefeito em abraçar de bate-pronto a indicação de Bolsonaro, auxiliares importantes no entorno do ex-presidente vêm dando discretamente força nos bastidores à pretensão eleitoral do coach Marçal, como forma de fazer Nunes aceitar o coronel Mello.

O movimento abriu de vez a porta das queixas entre os dez partidos da base de apoio, todos eles com pretensão de barganhar o apoio em troca de influência na atual e na próxima gestão, em caso de vitória. Aliados têm reclamado de pedidos negados pelo prefeito desde que começou a subir nas pesquisas. Integrantes do PL, o partido de Bolsonaro,

por sua vez, já negociam maior participação em um eventual segundo mandato. Hoje, a legenda comanda apenas a Secretaria do Verde e Meio Ambiente, cujo orçamento é bem modesto.

Além de contornar os pleitos por cargos e poder, Nunes terá de decidir se, a partir de agora, vai caminhar mais à direita no discurso e acenar de forma mais clara a pautas bolsonaristas. Na semana passada, por exemplo, o prefeito participou da Marcha para Jesus, em São Paulo, e declarou que vai aderir ao projeto das escolas cívico-militares sancionado pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), cujo apoio também é tido como essencial. A proposta é criticada por Boulos e Tabata, que cada vez mais associam o prefeito ao ex-presidente como estratégia eleitoral. Apesar de pesquisa recente do Datafolha ter mostrado que o morador de São Paulo se identifica politicamente mais com a direita do que com a esquerda, em 2022, tanto Lula quanto o candidato petista ao governo, Fernando Haddad, venceram na capital do estado.

X @JAIRBOLSONARO

SILÊNCIO Bolsonaro e Carlos: nenhuma declaração pública de apoio a Nunes

ROBERTO SUNGI/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

POLARIZAÇÃO Boulos: candidato de Lula aposta na nacionalização da disputa

A atual disputa eleitoral paulistana conta ainda nesta fase com postulantes como José Luiz Datena e Kim Kataguiri, mas as apostas são de que ambos vão cair fora do tabuleiro eleitoral. Embora Marçal diga que não irá desistir da candidatura, muitos acreditam numa composição dele lá na frente com a chapa de Nunes. O que não deve mudar é o tamanho do desafio do prefeito, que está em sua primeira disputa como cabeça de chapa — era vice de Bruno Covas (PSDB), morto em maio de 2021. Para Nunes, Jair Bolsonaro é como o sol: não convém se aproximar demais, sob risco de graves queimaduras, nem tampouco ficar muito longe, pois precisa da energia da direita emanada pelo ex-presidente para manter as chances de vitória. ■

CRISTOVAM BUARQUE

POR QUE FALHAMOS

A República não fez da educação uma questão nacional

QUASE SÉCULO e meio depois da Proclamação da República, mais de 11 milhões de brasileiros adultos ainda não reconhecem a bandeira do Brasil, por não saberem ler o lema escrito nela. Metade das crianças ainda não está alfabetizada aos 8 anos de idade, apenas uma a cada cinco delas concluirá a educação de base preparada para participar do mundo contemporâneo. A República falhou porque não fez da educação uma questão nacional com estratégia de longo prazo; cada governo, mesmo quando sucede a seu próprio partido, joga nos anteriores a responsabilidade das deficiências herdadas. A República fracassou por nunca valorizar os professores como os construtores do progresso do país.

A educação foi sequestrada pelo caráter nacional que não vê o Brasil com vocação para educação e aceita como normal a desigualdade entre "escolas senzala" para pobres e "escolas casa-grande" para ricos. Até hoje, nenhum governo se propôs a criar um sistema nacional público de qualidade. Falhamos porque confundimos democracia com eleição de diretores de

escola, não com o direito à educação de qualidade. A ditadura sequestrou a educação nas mãos dos comandantes militares e a democracia a sequestrou nas mãos de civis escolhidos por eleitores sem a ambição de o Brasil ter sua educação entre as melhores do mundo.

Falhamos porque nossos professores são escolhidos e remunerados nos limites dos recursos municipais, trabalham em prédios com deficiências, enquanto garantimos excelência federal para as atividades de interesse nacional. A educação foi sequestrada por pais sem preparo para complementar a escola dos filhos, e por pais educados que se importam apenas com a formação de seus próprios filhos. O sequestro começou quando aceitamos a imagem de que em nossa terra "em se plantando tudo nela dá", por isso não precisa de ciência, tecnologia, estudo; e para plantar e colher trouxemos mão de obra da África, escravizada. O Ministério da

"Mais de 11 milhões de brasileiros adultos não reconhecem a bandeira, por não saberem ler o lema"

Educação foi sequestrado pelo ensino superior para cuidar dos poucos que entram na universidade, não para assegurar que todos terminem o ensino médio com máxima qualidade, adquirindo os conhecimentos de que precisam para facilitar a busca de sua felicidade e obtendo as ferramentas necessárias para construir um país democrático, justo, eficiente, republicano, sustentável.

Nossa educação foi sequestrada pelos sindicatos de professores, quando fazem longas paralisações por reivindicações corporativas. Também por educadores que lutam pela adoção de suas teorias pedagógicas, sem preocupação real com a implementação de um sistema nacional capaz de assegurar os melhores métodos de educação libertária e eficiente para todas as escolas do país.

Falhamos, enfim, porque não percebemos que todos os nossos problemas decorrem sobretudo da baixa qualidade e da desigualdade como nossa educação é oferecida, desperdiçando o potencial intelectual de até 80% dos cérebros de cada geração de brasileiros. Sequestramos a educação por uma mentalidade equivocada, que não considera cada cérebro como potencial indutor do progresso, nem percebe o desperdício econômico, social, cultural e político de cada criança deixada para trás no processo de sua formação. Falhamos. ■

REGIÃO DE RISCO

Avanço de facções coloca três estados do Nordeste no topo do ranking de homicídios, cenário que pressiona governos locais e pode respingar em Lula

VICTORIA BECHARA E **BRUNO CANIATO**

GUERRA Ação no bairro Valéria, na cidade de Salvador: força policial de lá é hoje a mais letal do país

ALBERTO MARAUX/SSP

A SEGURANÇA PÚBLICA é uma das grandes preocupações da população e vem sendo apontada cada vez com mais frequência como algo importante na avaliação de um governante. Pesquisa AtlasIntel de maio mostra que 60% dos entrevistados consideram a criminalidade e o tráfico de drogas como os principais problemas do país, à frente de questões como saúde, educação e inflação. A despeito da melhora de alguns indicadores (o país fechou 2023 com o menor registro de crimes violentos letais intencionais desde 2010), a situação continua grave e uma porção especial do território vive hoje problemas acima da média nessa área: o Nordeste, palco de quase metade dos assassinatos cometidos nos quatro primeiros meses de 2024. Em outras regiões do país, as taxas de homicídios, embora em queda, estão longe do ideal. Mesmo assim, há exemplos bem-sucedidos em estados como Minas Gerais e Espírito Santo, que ajudaram a fazer do Sudeste a região onde a violência mais cai. São Paulo chegou a uma taxa de 1,37 morte por 100 000 habitantes nos quatro primeiros meses deste ano, comparável à de países como França e Canadá.

A piora dos indicadores no Nordeste provocou uma alteração na geopolítica do crime: pela primeira vez desde 2020, o Rio não aparece entre os três estados mais violentos. O “top 3”, segundo dados de janeiro a abril consolidados pelo Ministério da Justiça, são agora Bahia, Pernambuco e Ceará. O número de homicídios nesses estados foi maior do que o de locais mais populosos, como São Paulo, Rio e Minas Gerais *(veja o quadro ao lado)*.

O MAPA DA VIOLÊNCIA

Nordeste foi a única região do país onde os homicídios cresceram em 2024

NÚMERO DE VÍTIMAS

BRASIL 13 036

NORDESTE 5 579

SUDESTE 3 495

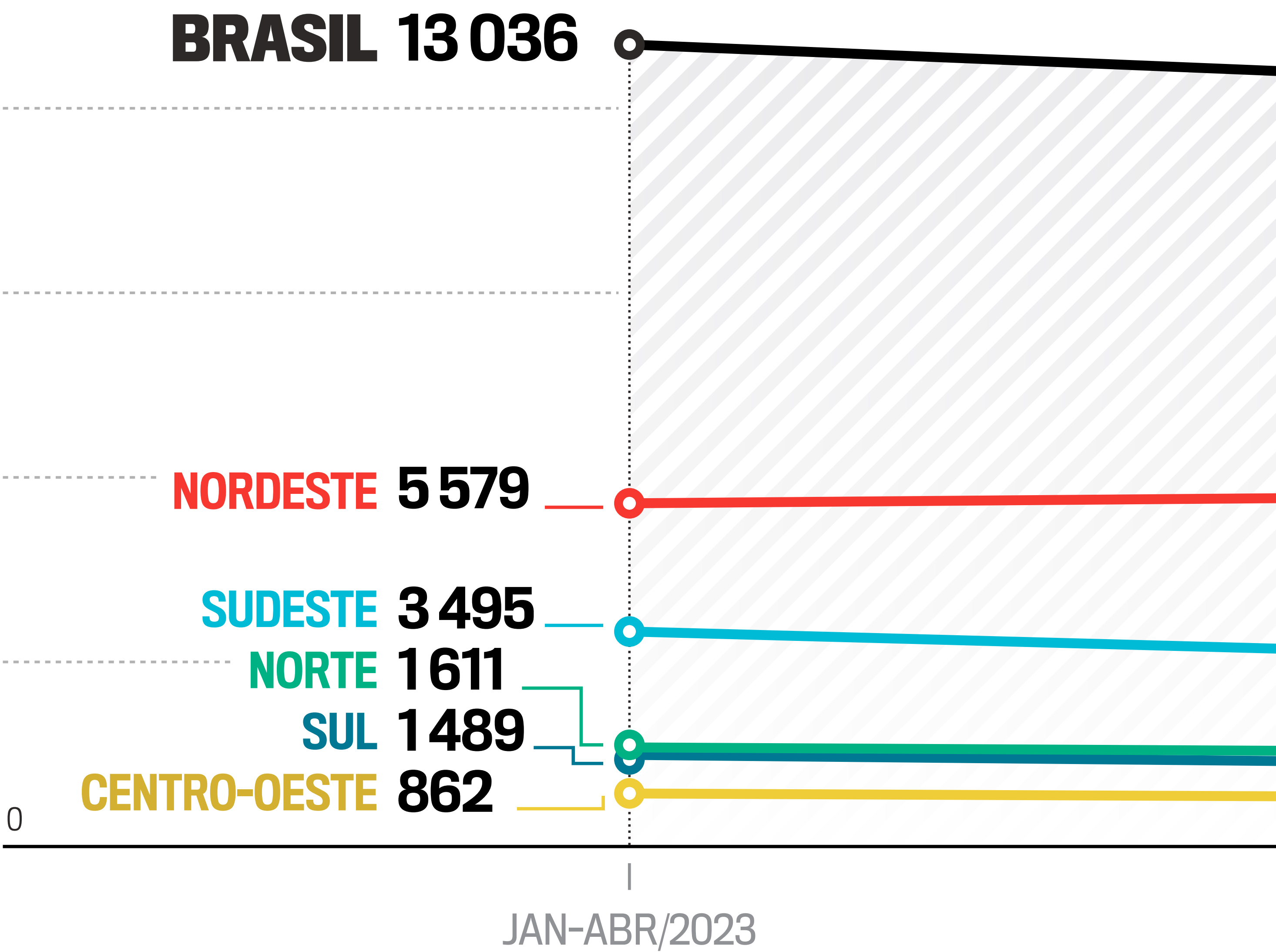
NORTE 1 611

SUL 1 489

CENTRO-OESTE 862

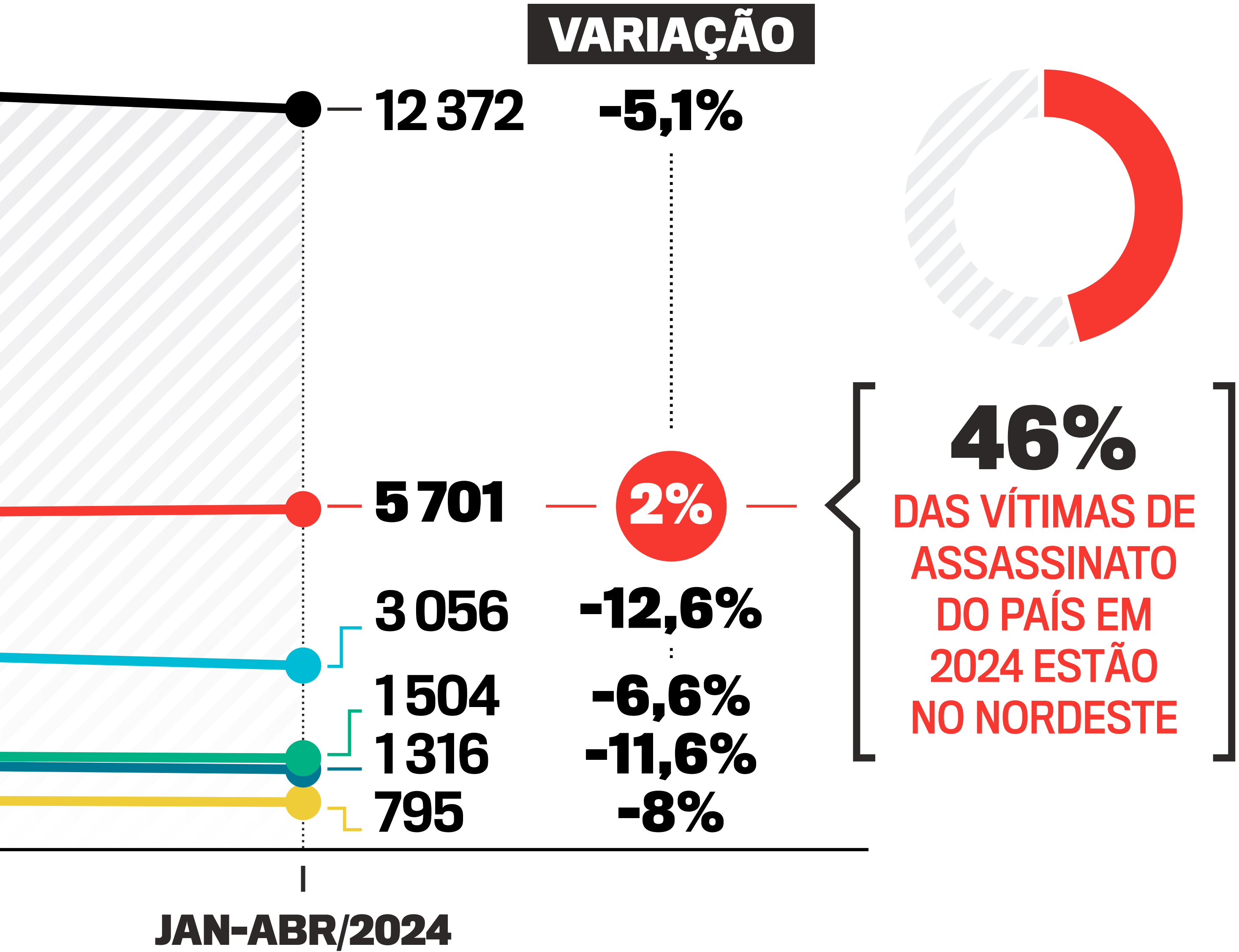
0

JAN-ABR/2023

MATHEUS LANDIM/GOVBA

CONTRA-ATAQUE Jerônimo: acuado, governador lança projeto Bahia Pela Paz

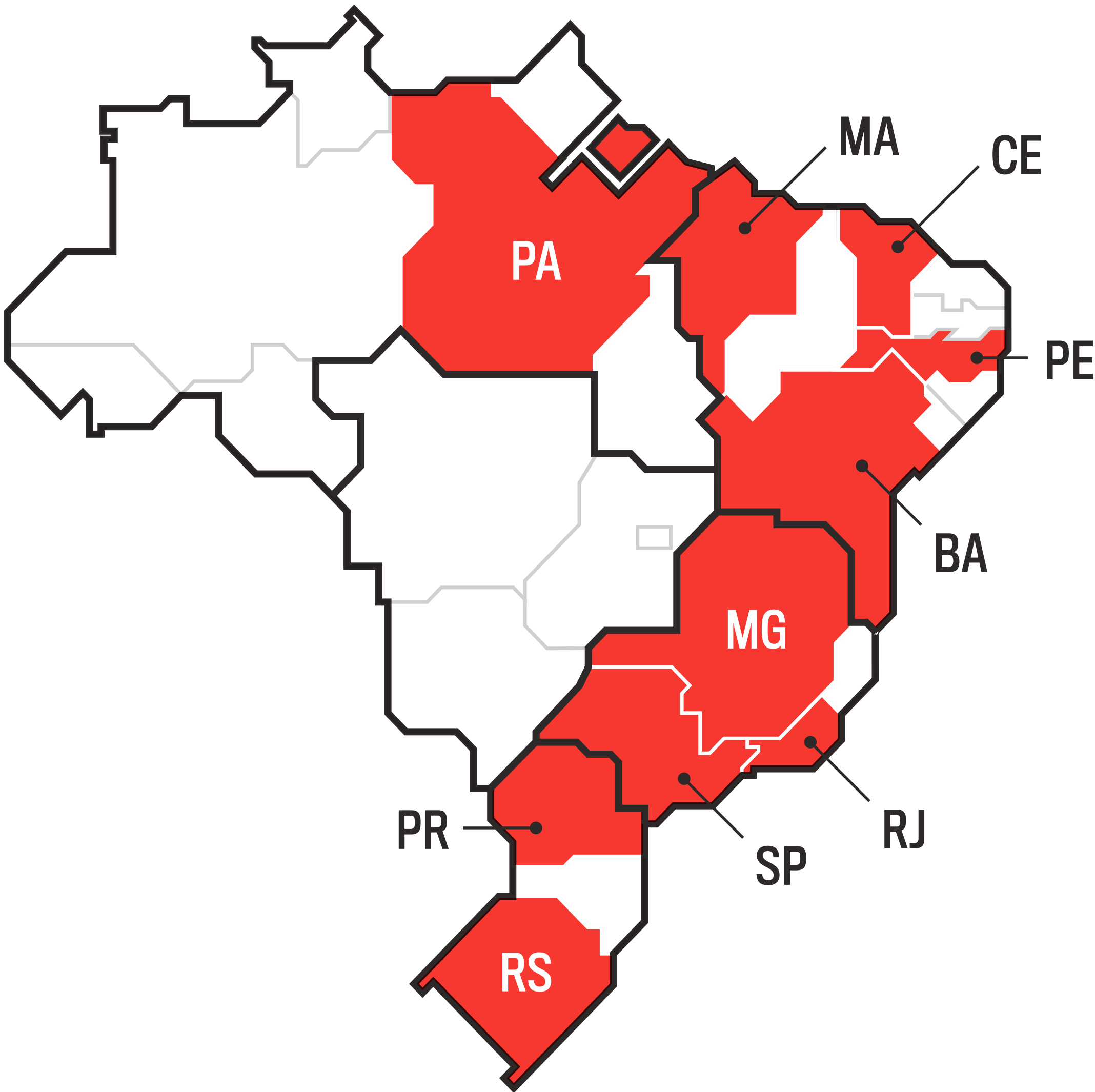
	VARIAÇÃO
12 372	-5,1%
5 701	2%
3 056	-12,6%
1 504	-6,6%
1 316	-11,6%
795	-8%

JAN-ABR/2024

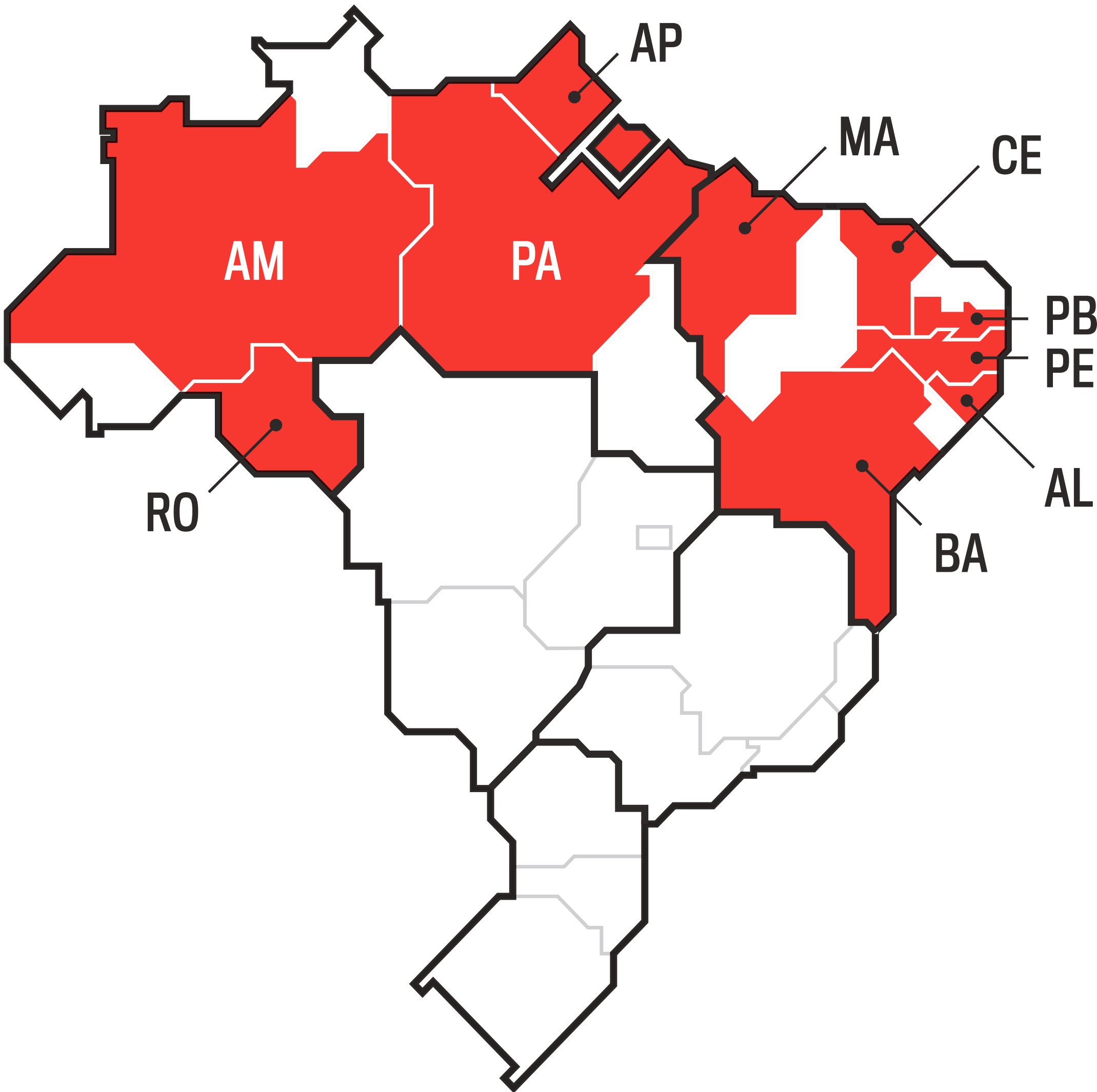
46%
DAS VÍTIMAS DE ASSASSINATO DO PAÍS EM 2024 ESTÃO NO NORDESTE

Fonte: *Sinesp – Ministério da Justiça*

ESTADOS COM MAIS MORTES

(por número de assassinados)

PA MA CE PE BA MG RJ SP PR RS

Estado	Mortes
BAHIA	1488
PERNAMBUCO	1250
CEARÁ	1106
RIO DE JANEIRO	1086
MINAS GERAIS	872
PARÁ	795
SÃO PAULO	789
MARANHÃO	565
RIO GRANDE DO SUL	559
PARANÁ	555

TAXA DE MORTES

(por 100 000 habitantes)

Estado	Taxa
PERNAMBUCO	13,79
CEARÁ	12,57
ALAGOAS	11,76
AMAPÁ	10,91
BAHIA	10,52
PARÁ	9,78
PARAÍBA	9,31
RONDÔNIA	8,91
MARANHÃO	8,33
AMAZONAS	8,32

Essa dificuldade no controle da criminalidade se tornou um problema político para os governadores Jerônimo Rodrigues (PT), Raquel Lyra (PSDB) e Elmano de Freitas (PT), que devem buscar a reeleição. O quadro pode influenciar o desempenho de seus aliados também na eleição municipal deste ano. Para além disso, o fato de a crise ser no Nordeste amplia a encrenca política para Lula, porque a região é um histórico reduto eleitoral petista. O problema só vai reforçar a desconfiança da população de que a esquerda, por razões ideológicas, tem muitas dificuldades de ser dura e eficiente no combate ao crime.

A situação mais preocupante há algum tempo é a da Bahia. O estado não sai do primeiro lugar desde 2020 — só neste ano, foram 1 488 mortes. A expansão e fragmentação do crime organizado é uma das explicações. Segundo o Ministério da Justiça, catorze facções atuam nos presídios de lá. A Bahia foi a terceira unidade da federação com mais apreensões de fuzis neste ano (28), atrás de Rio e São Paulo. O estado ainda carrega o título de polícia mais violenta — 1 701 mortes em 2023, um quarto do país. O cenário de guerra já impacta a popularidade de Jerônimo: em Salvador, a desaprovação a seu trabalho subiu de 35%, em janeiro, para 43%, em junho, segundo o instituto Paraná Pesquisas. Pressionado, o governador assinou, na terça 4, a criação do Bahia Pela Paz, um programa que visa reduzir as taxas de criminalidade com ações policiais integradas com políticas sociais, de educação, cultura, emprego e saúde.

MIVA FILHO/SECOM

SOB PRESSÃO Raquel Lyra: insatisfação nas forças de segurança

A pressão política não afeta apenas o governador da Bahia. Em Pernambuco, a crise de segurança fez com que Raquel Lyra trocasse os comandos das polícias Civil e Militar em janeiro. Antes, havia lançado o programa Juntos Pela Segurança, para reduzir em 30% os crimes até o fim de 2026. “Temos investido muito na compra de equipamentos, em inteligência policial, no combate ao crime organizado e nas operações de repressão qualificada”, disse. A tucana ainda enfrenta a insatisfação de policiais civis, que pedem reajuste salarial, reclamam da falta de investimentos e de diálogo do governo com a categoria, e promoveram atos públicos de protesto na quarta-feira 5.

FACEBOOK @ELMANODEFREITAS

NOVA DIREÇÃO Elmano de Freitas e o secretário Roberto Sá: anúncio de combate sem "trégua"

Infelizmente, as soluções adotadas são sempre mais circunstanciais do que mirando o longo prazo. O aumento da violência também mudou a cúpula da segurança no Ceará. Na segunda-feira 3, Elmano apresentou Roberto Sá como novo secretário de Segurança Pública — ele comandava a mesma pasta no Rio em 2018, quando o estado foi alvo de intervenção federal pelo presidente Michel Temer exatamente porque a violência estava fora de controle — ou seja, não parece uma manobra muito promissora. Ao empossar Sá, Elmano anunciou finalmente um comitê estratégico para combate ao crime, aumento do efetivo policial e investimentos em tecnologia. "Seremos

implacáveis contra o crime", disse. "Estaremos 24 horas atrás de criminosos", ecoou Sá. São medidas sensatas e na direção correta, mas que já poderiam ter sido tomadas bem antes de a situação sair do controle. Além disso, a prática precisa acompanhar o discurso — algo que nem sempre acontece.

O Nordeste sofre agora na carne a onda de violência relacionada à expansão do narcotráfico, em especial de duas facções criminosas: Comando Vermelho e PCC. Nas últimas quatro décadas, elas dominaram periferias do Rio e São Paulo e estenderam seus tentáculos para outros estados por meio de disputas territoriais sangrentas. As operações armadas são comandadas dos presídios, onde as condições precárias criam ambientes ideais para o recrutamento pelo crime organizado. "A repressão às drogas contribui para inflar a população carcerária, onde se originam muitos dos confrontos entre facções, e essas dinâmicas das cadeias escapam para as periferias controladas pelo tráfico", diz Cristina Neme, pesquisadora do Instituto Sou da Paz e do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP.

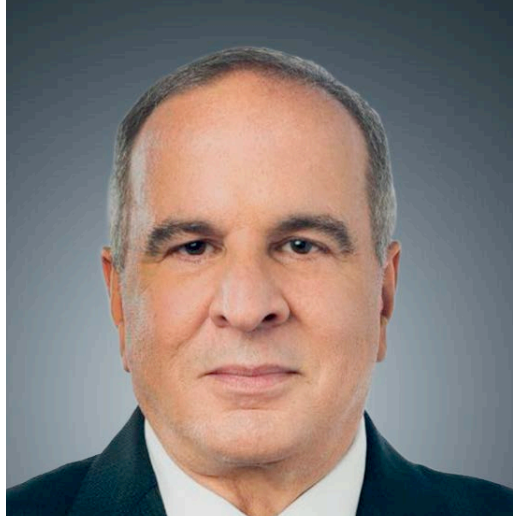
Grande parte do cenário no Nordeste se deve ao avanço das facções do Sudeste em busca de postos-chave para a exportação de cocaína para Europa e África, como as zonas portuárias de Salvador e Aratu (BA), Mucuripe (CE) e Recife e Suape (PE). "Diversos estados do Nordeste tornaram-se rotas estratégicas para o escoamento da

DENNY CESARE/CÓDIGO 19/FOLHAPRESS

CERCO São Paulo: o estado tem a menor taxa de homicídios do Brasil

produção de drogas vindas dos países andinos", diz José Luiz Ratton, coordenador do Núcleo de Estudos em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança da UFPE e pesquisador da Fiocruz Pernambuco. A alta de mortes é reflexo de um narcotráfico fragmentado em grupos locais, que vêm firmando alianças com o CV e o PCC e travando confrontos cada vez mais frequentes. Um exemplo é o Bonde do Maluco, gangue formada em 2015 na Bahia, que se aliou ao PCC e hoje é considerada uma das organizações mais perigosas do país.

Embora a responsabilidade sobre a segurança pública seja principalmente dos governadores, o avanço das fac-

ções e do tráfico internacional tem cada vez mais jogado o problema no colo do governo central. No atual mandato de Lula, tanto o ex-ministro da Justiça Flávio Dino quanto o atual, Ricardo Lewandowski, declararam "guerra" ao crime organizado. Para a população, a batalha por enquanto está sendo perdida. Segundo a AtlasIntel, 53% desaprovam o trabalho de Lula nesse campo, o pior índice entre todas as áreas. Para complicar, seus aliados nos estados não estão dispostos a assumir sozinhos o ônus, como deixou bem claro Jerônimo Rodrigues. "É preciso que esse cerco às facções seja feito e quem tem que fazer isso, a proteção nacional, é o governo federal", afirmou. A declaração reflete o nível a que chegou a crise de segurança no Nordeste. Na tentativa de salvar sua pele da saraivada justa de críticas, o petista Jerônimo resolveu sair atirando na direção do Palácio do Planalto — e, na parte que toca às responsabilidades dos companheiros de Brasília, está coberto de razão. ■

MURILLO DE ARAGÃO

A CRISE COMO NORMALIDADE

A alma parlamentarista do Congresso avançou sobre o Executivo

NA HISTÓRIA da República brasileira tem-se observado ao longo dos anos uma crescente hegemonia do Executivo sobre os demais poderes. Nem mesmo a redemocratização, ainda que tenha derrotado a ditadura, conseguiu abalar a predominância do superpresidencialismo no país. No entanto, nas últimas décadas, verificou-se uma transformação de grande impacto na relação entre as instituições.

Durante os trabalhos da Assembleia Constituinte, houve um sério flerte com o parlamentarismo. Porém, uma operação-relâmpago apoiada pelo então presidente José Sarney — apelidada por André Singer de "Noite de São Bartolomeu", em analogia ao massacre dos huguenotes na França do século XVI — reverteu a tendência que parecia levar à aprovação desse sistema de governo.

Ironicamente, décadas depois, Sarney se arrependeria da derrota do parlamentarismo, resultante de uma articulação que ele mesmo patrocinara a partir da Presidên-

cia da República. Embora o sistema parlamentar tenha sido derrotado duas vezes no país — na Constituinte e no plebiscito de 1993 —, a alma parlamentarista do Congresso Nacional resistiu e avançou sobre os poderes do Executivo. Especialmente ao retirar do presidente a capacidade de criar maiorias parlamentares por meio do controle do Orçamento.

A Operação Lava-Jato também contribuiu para enfraquecer o presidencialismo. Entre as suas consequências, destaca-se o financiamento público de campanhas eleitorais, que, antes, eram fortemente influenciadas pelo governo via alianças com empresas privadas e doações, tanto legalmente quanto de forma ilícita.

O abuso da utilização de medidas provisórias também levou o Parlamento a limitá-las, bem como a fazer com que deixassem de trancar a pauta de votação. Por outro lado, a

“A fragmentação de poder no Brasil não é algo necessariamente ruim, embora gere ruídos e confusões”

não votação dos vetos presidenciais passou a travar a pauta na Casa Legislativa. Ambas as situações retiraram do Executivo o poder de agendamento de temas no Congresso.

Além de tudo, o crescente poder do Judiciário, por meio da judicialização da política, praticamente estabeleceu um sistema "tricameral", onde todas as políticas públicas relevantes são decididas, em última instância, pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Assim, o Judiciário se estabeleceu como um poder político ao longo deste século, tomando decisões de amplo alcance, como nos julgamentos do mensalão e da Lava-Jato, entre muitos outros — a exemplo do fim do financiamento empresarial de campanhas eleitorais.

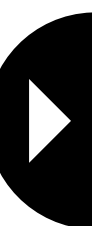
A fragmentação do poder no Brasil não é algo necessariamente ruim, embora gere ruídos e confusões. A repartição do poder é melhor do que sua concentração nas mãos de um superpresidente. No entanto, os limites e as responsabilidades de cada poder hoje não estão claros. A crescente autonomia do Legislativo sobre o Orçamento deve ser acompanhada de responsabilidade e transparência. O Judiciário também deve estar sujeito a um escrutínio mais evidente, devendo, inclusive, exercer a autocontenção para que não perca, ainda mais, o respeito e a consideração de parte expressiva da sociedade. ■

SÓ FALTA A "PÁTRIA"

Depois de incluírem "Deus" nos pronunciamentos do presidente, marqueteiros do PT orientam candidatos a destacar a "família" e nacionalizar a campanha municipal

RICARDO CHAPOLA

RICARDO STUCKERT

TOM RELIGIOSO Lula: "Deus não é mentira, é a verdade, e não podem usar em vão como eles usam todo santo dia"

DESDE O INÍCIO do ano, a equipe de comunicação do Palácio do Planalto e os marqueteiros do PT tentam encontrar uma fórmula para reverter ou, no mínimo, estancar a queda de popularidade do presidente Lula. Algumas pesquisas mostram que desaprovação do governo é maior do que a aprovação. Para os petistas, esses índices não refletem necessariamente a insatisfação do eleitor, mas sim o desgaste diante de uma dificuldade crônica de enfrentar os opositores nas redes sociais. Numa iniciativa para tentar reverter esse cenário, a Fundação Perseu Abramo, ligada ao partido, lançou um curso para ensinar a militância e os candidatos a cargos eletivos técnicas de atuação nos embates digitais. Em linhas gerais, são dadas dicas de como difundir conteúdos para atingir o maior número possível de pessoas, recomendações sobre aplicativos a ser utilizados e orientações de como reagir às *fake news* — tudo mais ou menos óbvio. Uma das aulas, no entanto, revela algumas estratégias curiosas que o partido pretende adotar de agora em diante.

Existe um certo consenso de que eleições municipais normalmente são pouco contaminadas pelas disputas nacionais. Os eleitores que irão às urnas em outubro estariam mais interessados em escolher um candidato que tenha as melhores respostas para os problemas do dia a dia da sua cidade — leia-se questões relacionadas a educação, saúde, segurança e transporte. O PT pensa em inverter essa lógica. Para os marqueteiros do partido, será fundamental que

REPRODUÇÃO

AULA MAGNA João Brant e Brunna: orientações para os candidatos petistas

seus candidatos nacionalizem o debate, independentemente de onde for a disputa, destacando sempre que possível os programas implantados pelo governo federal. "Estamos em um ano crucial, em que a agenda geral do Brasil tem que se materializar numa agenda municipal. E você é parte disso", disse João Brant, secretário nacional de Políticas Digitais da Secretaria de Comunicação (Secom) da Presidência da República, que ministrou a aula inaugural do curso. Essa estratégia de vincular os debates municipais às ações do governo federal tem um objetivo explícito.

Na aula, o assessor do presidente lembra que Lula venceu Jair Bolsonaro em 2022 por uma margem mínima de votos. O sucesso do ex-presidente encontraria explicação,

FACEBOOK @JAIRMESSIAS.BOLSONARO

LÁ E CÁ Bolsonaro: marketing do PT é semelhante ao slogan do ex-presidente

segundo ele, no domínio que a direita exerce sobre as redes sociais. Para garantir a reeleição em 2026, será essencial uma mudança de atitude e de comportamento dos ativistas de esquerda. Uma das recomendações é que os candidatos abordem em suas campanhas assuntos relacionados à família. "Nas pesquisas que a gente vem fazendo, a família aparece como ponto em comum, independentemente do espectro político dessa pessoa, se ela é a favor ou contra Lula. A preocupação com a família e com o futuro dos filhos é algo que nos une. Isso pode ser um gancho para construir uma estratégia de diálogo com as pessoas", afirmou Brunna Rosa, secretária nacional de Estratégia e Redes da Secom, palestrante do curso e, entre outras ativida-

des, responsável também por gerenciar as redes sociais da primeira-dama, Rosângela da Silva, a Janja. A orientação já está sendo testada pelo presidente da República.

Moldar candidatos para que eles digam aquilo que o eleitor gostaria de ouvir sem comprometer a espontaneidade é uma tarefa que desafia os profissionais do marketing político. A equipe do Planalto tem se dedicado a fazer isso nos últimos meses, mirando, por exemplo, o eleitorado religioso. O presidente foi aconselhado a inserir em seus discursos, sempre que possível, palavras como “Deus”, “fé” e “milagre” — e agora também foi acrescido o termo “família”. “Lula está tentando se sintonizar com a maioria da sociedade, entrar em uma faixa de público que rejeita suas propostas a curto, médio e longo prazo. É uma mudança de rumo no sentido de se aproximar da maioria da população, visando a uma melhora de desempenho eleitoral”, avalia Paulo Baía, professor de ciência política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante uma viagem recente ao Nordeste, Lula cumpriu à risca o protocolo: “Vocês acreditam em Deus? Vocês acreditam em milagre?”, perguntou para a plateia durante a inauguração de uma obra. Em seguida, falou de sua infância, da família e alfinetou o ex-presidente Bolsonaro e seus apoiadores em sintonia com o novo vocabulário: “Deus não é mentira, é a verdade, e não pode usar em vão como eles usam todo santo dia”. Curiosamente, só falta a palavra “pátria” para o PT igualar seu discurso ao slogan conservador de Bolsonaro. ■

POBRE CIDADE "RICA"

O município que proporcionalmente recebeu mais repasses do Congresso tem apenas 7 000 habitantes, pouco mais de 6 000 eleitores e muitas histórias estranhas

LARYSSA BORGES E **HUGO MARQUES**

CONTRADIÇÃO Obras inúteis, casas populares inacabadas, ruas esburacadas e sem asfalto, e muito dinheiro enviado por Brasília

FOTOS PREFEITURA DE SÃO LUIZ; CAÍQUE RODRIGUES/G1

A TERÇA-FEIRA 4 marcaria a segunda tentativa de inauguração de uma obra monumental de boas-vindas aos parcos visitantes da cidade de São Luiz, a menor do estado de Roraima. Orçada em mais de 2 milhões de reais, a construção de um portal com pinta de Arco do Triunfo iluminado por postes em estilo europeu, no entanto, está longe de sair

do papel. A poucos metros dali, um punhado de galpões perto da mata faz parte de um projeto de 13 milhões de reais para a revitalização do parque de vaquejadas que também não foi levado adiante. Difícil entender o que acontece nesse município pobre, a cerca de 3 900 quilômetros de Brasília, onde boa parte dos 7 000 habitantes é cadastrada nos programas assistenciais do governo. Dinheiro, ao que parece, não é o problema. Embora minúscula, a cidade recebeu 109 milhões de reais apenas em emendas parlamentares nos últimos quatro anos, 3 665% acima da média nacional per capita. Proporcionalmente, é o lugar do país que mais recebeu recursos via repasses do Congresso.

Em resumo: é tudo muito estranho. Segundo dados oficiais, 54% dos 109 milhões de reais enviados a São Luiz chegaram lá por meio das chamadas emendas "Pix" — dinheiro do Orçamento federal que deputados e senadores enviam diretamente aos municípios sem a necessidade de ter uma destinação específica, como construir uma escola ou um posto de saúde. Por causa dessa facilidade, prefeitos costumam usar essas verbas, entre outras coisas, em obras desnecessárias e para contratar shows de artistas famosos, especialmente em ano eleitoral. A falta de fiscalização também facilita os desvios e a corrupção. Só no ano passado, São Luiz recebeu quase 60 milhões de reais através dessa modalidade. Para um município que arrecada apenas 581 000 reais em impostos, era para ter dinheiro literalmente saindo pelo ladrão. Mas ninguém sabe dizer ao certo onde os recur-

EMENDAS Mecias e Rodrigues: bancada enviou 109 milhões de reais à cidade

sos foram aplicados. O prefeito não concede entrevistas. Seus auxiliares também não.

Em seu segundo mandato consecutivo, James Batista (Solidariedade) já frequentou o noticiário policial após uma operação apreender dinheiro escondido em absorventes femininos durante a campanha que o elegeu para o atual mandato. Ele foi cassado pela Justiça Eleitoral, reverteu a condenação e hoje tenta emplacar a mulher como prefeita da cidade vizinha, Rorainópolis. A Polícia Federal reuniu indícios de que Paula Florintino, a esposa, apresentou evolução pa-

FOTOS EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO; WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

trimonial completamente incompatível com os rendimentos de servidora pública. Nada disso, porém, parece ter constrangido a bancada de Roraima. Um terço dos representantes do estado no Congresso enviou recursos a São Luiz. De novo, é tudo muito esquisito. Normalmente, os parlamentares destinam essas verbas às suas bases eleitorais em busca de votos. O município, porém, tem apenas 6 000 eleitores.

O senador Chico Rodrigues (PSB), por exemplo, é o campeão de repasses à cidade. Foram 13 milhões de reais nos últimos quatro anos. O parlamentar explica por que São Luiz é uma de suas prioridades: “É uma região em que eu sempre fui bem votado”. Os números o contradizem. Em 2018, ele foi eleito com 111 000 votos. Destes, apenas 1 500 vieram da cidade — pouco mais de 1%. “O dinheiro das minhas emendas foi usado para construir casas populares”, justifica o congressista. Em 2020, durante uma operação da Polícia Federal que investigava desvio de dinheiro de emendas parlamentares, Rodrigues foi flagrado com 18 000 reais escondidos nas partes íntimas. Neste ano, ele mandou mais 6 milhões de reais para o município, que mantém um canteiro de obras abandonado com várias casas erguidas apenas pela metade.

A generosidade com São Luiz também era uma marca do senador Mecias de Jesus (Republicanos), que enviou ao município 4,5 milhões de reais. Nesse caso, era. Em 2018, a cidade deu a ele 1 893 votos. Neste ano, o parlamentar afirma que resolveu dar prioridade a outras localidades.

Seu filho, o ex-deputado e atual ministro do Tribunal de Contas da União Jhonatan de Jesus, recebeu míseros 640 votos na última eleição. Um ano antes, Jhonatan havia enviado ao município 3,9 milhões de reais em emendas Pix. O ministro do TCU não quis se manifestar.

Catalisadoras de escândalos de corrupção, as emendas Pix não permitem que o eleitor saiba ao certo o que foi feito com o dinheiro enviado pelos deputados e senadores. A fiscalização cabe aos próprios órgãos municipais, que, com mecanismos frágeis de controle e sob influência do prefeito de plantão, costumam ser inoperantes. "A gente não pode apontar o dedo, provar, mas o prefeito busca muito esses políticos e, na linguagem direta, se entende bem com eles", acusa o candidato a vice-prefeito derrotado nas últimas eleições, Itamar Paiva Ponte da Silva. "O que a gente ouve são conversas, como 'eu compro as tuas emendas' etc.", completa. Tudo muito, muito estranho. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes e Felipe Erlich

HELIBRAS/DIVULGAÇÃO

NO AR Helicóptero da Helibras: empresa quer novo acordo com as Forças Armadas

Renovação na mira

A fabricante de helicópteros **Helibras** negocia com as Forças Armadas a renovação do contrato de fornecimento de aeronaves. O acordo anterior, firmado em 2008, previa a entrega de 47 aparelhos de grande porte — as últimas unidades serão despachadas em 2025.

Voando alto

O sonho da Helibras é fabricar no Brasil o modelo H145M, de médio porte. Ele é produzido na França pela Airbus, controladora da empresa brasileira. A Helibras está disposta a investir 50 milhões de dólares na ampliação da fábrica em Itajubá (MG) para construir o H145M no país.

Sol a pino

A empresa chinesa de energia Spic vai inaugurar dois complexos de coletores solares no Nordeste, com capacidade para abastecer até 900 000 residências. O investimento inicial da empresa foi de 2 bilhões de reais.

Será que vai?

A PetroChina International (PCI) é a bola da vez na busca de um comprador para a Braskem. O maior entrave pode ser a Petrobras, que detém 47% das ações da petroquímica brasileira.

Estou fora

As negociações para a venda da Braskem se arrastam há meses. Até pouco tempo atrás, a Adnoc, estatal de petróleo de Abu Dhabi, era a favorita para adquirir a empresa, mas retirou a proposta para dar prioridade a negócios nos Estados Unidos.

Blusinhas baratas

André Farber, presidente da rede varejista Riachuelo, não gostou da decisão da Câmara dos Deputados, que aprovou a taxação de 20% sobre compras internacionais de até 50 dólares. O executivo defende que a alíquota sobre as “blusinhas” seja de 60%.

Debandada

Farber está tão incomodado que pensa em montar uma operação *crossborder* robusta — ou seja, investir em unidades no exterior. “Posso ter um centro de distribuição na China, em Bangladesh ou no Paraguai e não pagar o tanto de imposto que pago aqui”, diz ele.

Olho no exterior

Prestes a atingir o *breakeven* — ponto de equilíbrio entre receitas e despesas —, o banco Neon, com 30 milhões de clientes, mira a internacionalização em 2025. Os investidores globais BlackRock, BBVA, General Atlantic e Monashees já aportaram 800 milhões de dólares na fintech brasileira.

Velocidade máxima

A empresa chinesa de telecomunicações Huawei vai acelerar investimentos na rede de internet móvel 5.5G, ainda mais veloz do que a 5G. A expectativa é começar a vender o serviço para o público brasileiro no fim de 2025.

Aposta no ecoturismo

A Parquetur, empresa brasileira de administração de parques naturais, vai assumir, nos próximos meses, a operação do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso. O investimento inicial será de 19 milhões de reais, com recursos do BNDES e de fundos de investimentos. ■

FÔLEGO CURTO

O avanço do PIB no primeiro trimestre dificilmente irá se sustentar. Foi obtido com gastos em excesso do governo e estímulos artificiais que devem cobrar um preço alto à frente

JULIANA ELIAS

ÀS COMPRAS Shopping lotado no Recife: crescimento sustentado pelo consumo tem data de validade

MARLON COSTA/AGIF/AFP

O desempenho da economia brasileira no começo do ano exibe boas notícias e esconde algumas más. Do lado positivo, o país começou 2024 com crescimento mais forte que o previsto e espraiado por vários setores. O produto interno bruto (PIB) avançou 0,8% no primeiro trimestre ante o último trimestre do ano passado, conforme dados divulgados na terça-feira, 4, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na comparação com o mesmo período de 2023, o aumento foi de 2,5%, obrigando os analistas a recalcular as projeções para o restante do ano. Na análise dos resultados, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, observou que o número foi puxado por serviços e maior consumo das famílias, e integrantes do governo comemoraram o fato de que o Brasil deverá retomar a oitava posição entre as maiores economias do mundo.

Em uma análise superficial, tudo isso pode até ser verdade, mas basta analisar as informações com maior profundidade para concluir que infelizmente não há motivo para festa. O problema é que boa parte do crescimento advindo do consumo, como bem apontou o ministro Haddad, é alimentada por "anabolizantes" fiscais que não só custam caro, como podem repetir uma fórmula do passado tão conhecida quanto traumática. "Um país com o crescimento sistematicamente puxado pelo consumo tende a ter problemas macroeconômicos clássicos mais cedo ou mais tarde", afirma o economista Fabio Giam-

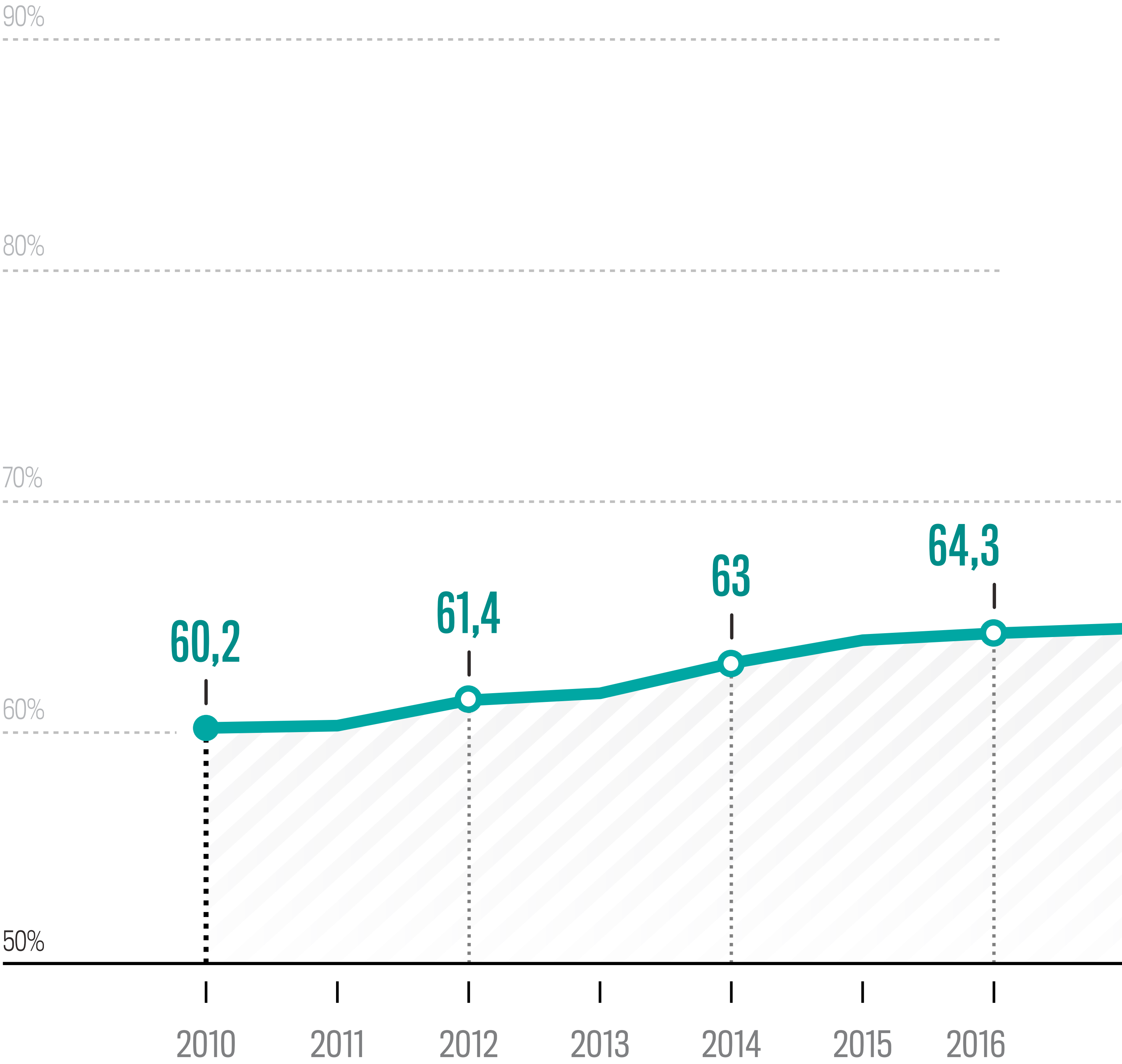
EM ALTA

O consumo das famílias em relação ao PIB atingiu no primeiro trimestre de 2024 o maior nível em 15 anos

PARTICIPAÇÃO NO PIB *(em %)*

90%
80%
70%
60%
50%

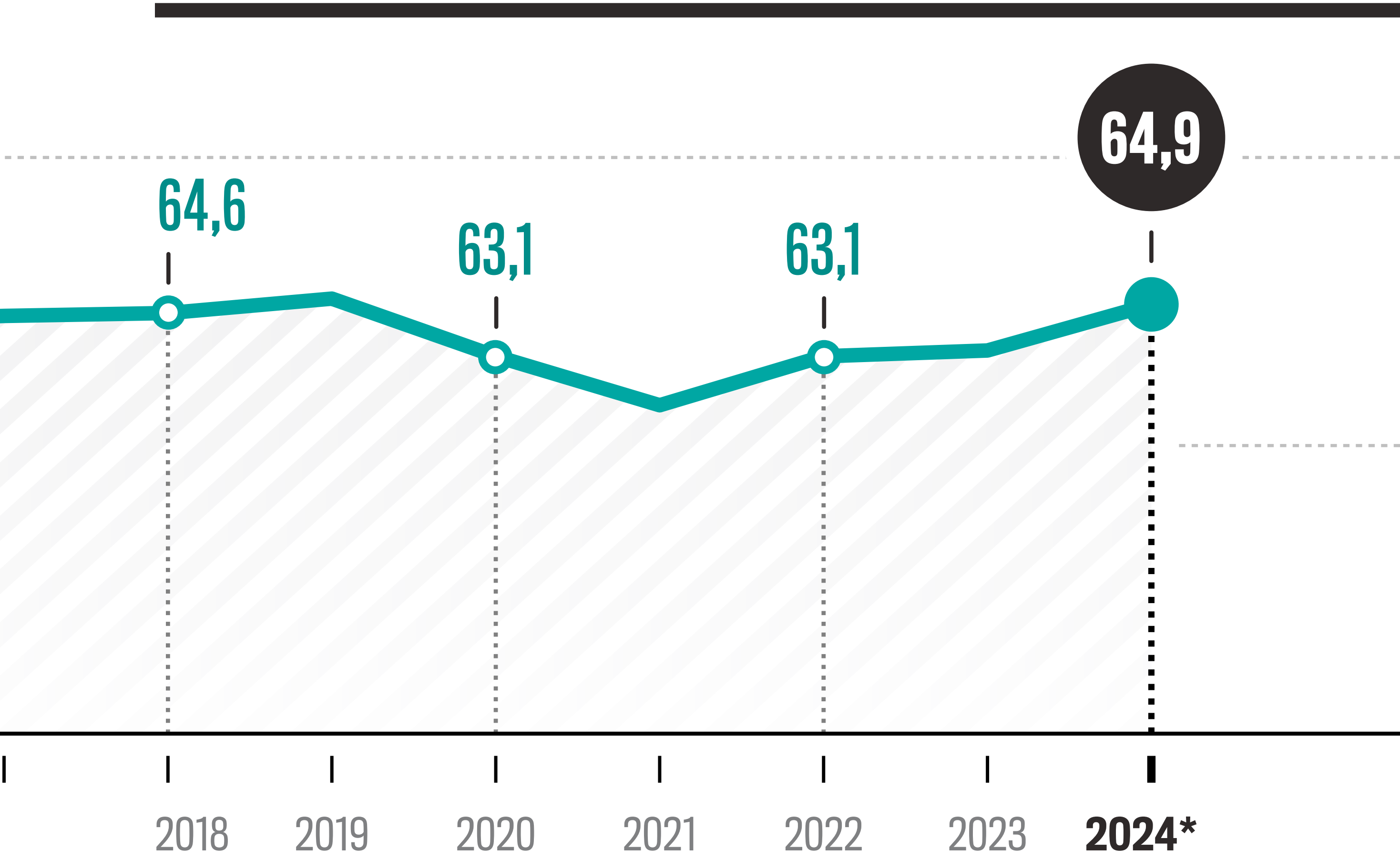
60,2
61,4
63
64,3

2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016

* No primeiro trimestre

biagi, pesquisador associado da Fundação Getulio Vargas (FGV). Os desequilíbrios, explica, passam pelo aumento rápido das importações e, principalmente, pela inflação, que começa a subir conforme a demanda ultrapassa a oferta e corrói o aumento de renda que a sustentou. “Há benefícios disso no curto prazo, mas eles não são sustentáveis. O melhor seria o governo controlar a ansiedade”, diz Giambiagi.

A fórmula do consumo como motor da economia, com o apoio de dinheiro público despejado em diversos setores, crédito farto e mercado de trabalho no limite do pleno emprego, foi uma das bases da manutenção do crescimento do país en-

64,6
63,1
63,1
64,9

2018 2019 2020 2021 2022 2023 **2024***

Fonte: *IBGE*

tre 2011 e 2014, no primeiro mandato de Dilma Rousseff. Não por acaso, desaguou em descontrole inflacionário seguido de aumento dos juros, na disparada do desemprego e na grande recessão de 2015 e 2016, quando a economia brasileira afundou 7% e viveu um dos piores momentos em um século. A receita para evitar o desastre passa pela ampliação dos investimentos na forma de aportes das empresas e do próprio governo em maquinário, tecnologia, construção e infraestrutura. É isso que amplia a capacidade produtiva do país para dar conta de aumento da demanda. Mas, para investir, o governo precisa de dinheiro, e sua folga orçamentária é pequena. Os investimentos privados, por sua vez, só crescem quando há juros baixos, previsibilidade econômica e confiança — atributos que, ressalve-se, estão sob ameaça. "O balanço de riscos piorou e, por isso, já vimos o Banco Central desacelerar o ritmo de cortes da taxa de juros", diz Alberto Ramos, diretor de pesquisa macroeconômica do banco americano Goldman Sachs para a América Latina.

Recusa em racionar gastos, inconsistência das metas fiscais e intervenção na Petrobras são apenas alguns dos episódios mais recentes do governo Lula que ajudaram a piorar os ânimos dos investidores. "Quem financia a dívida do governo é o mercado, e, se ele vê que essa dívida está crescendo e os riscos aumentando, irá cobrar um prêmio maior nos juros", diz Silvia Matos, coordenadora do Boletim Macro, da FGV, dedicado a perspectivas econômicas. "E juros mais altos são muito ruins para o setor produtivo."

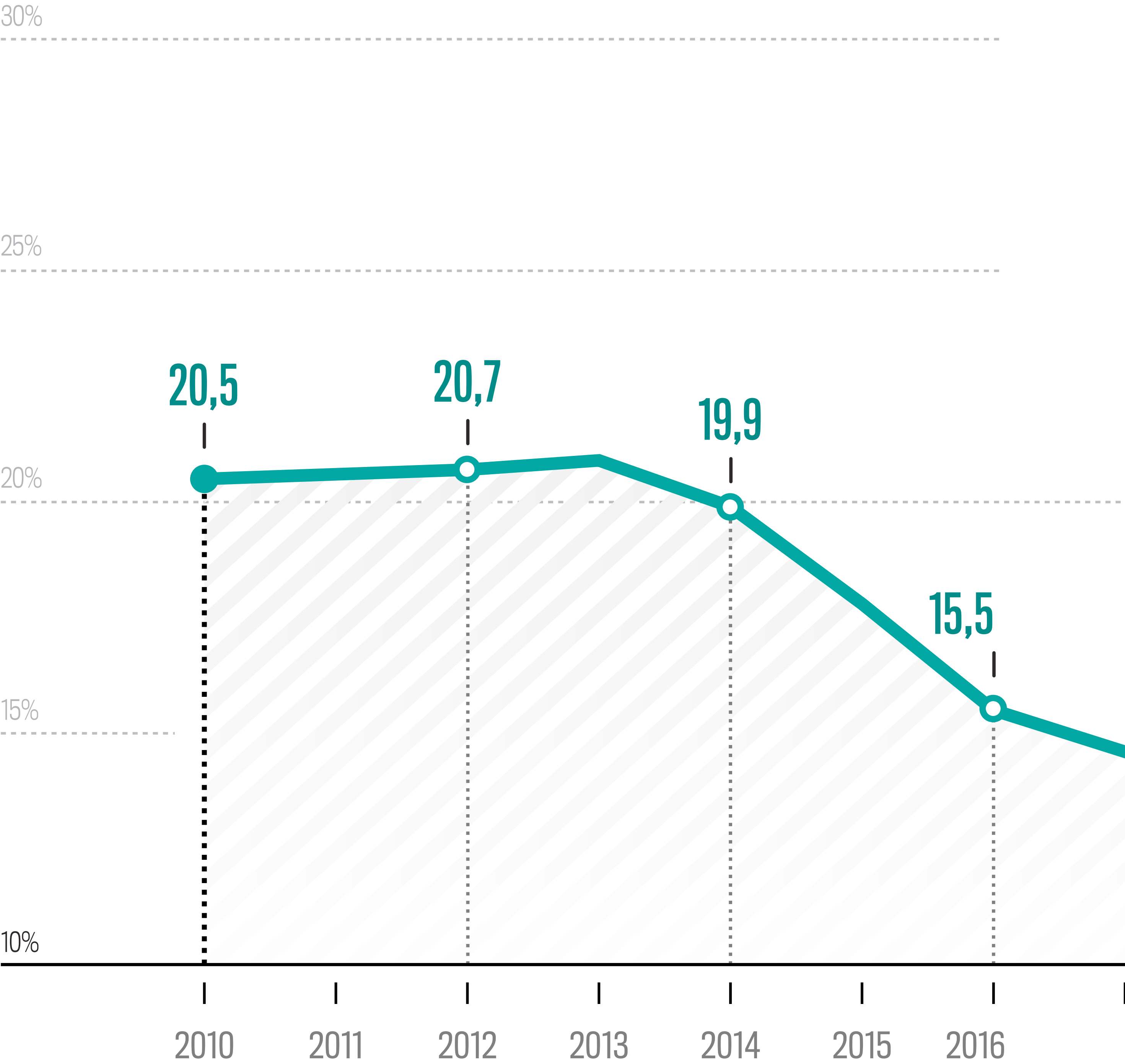
AVANÇO INSUFICIENTE

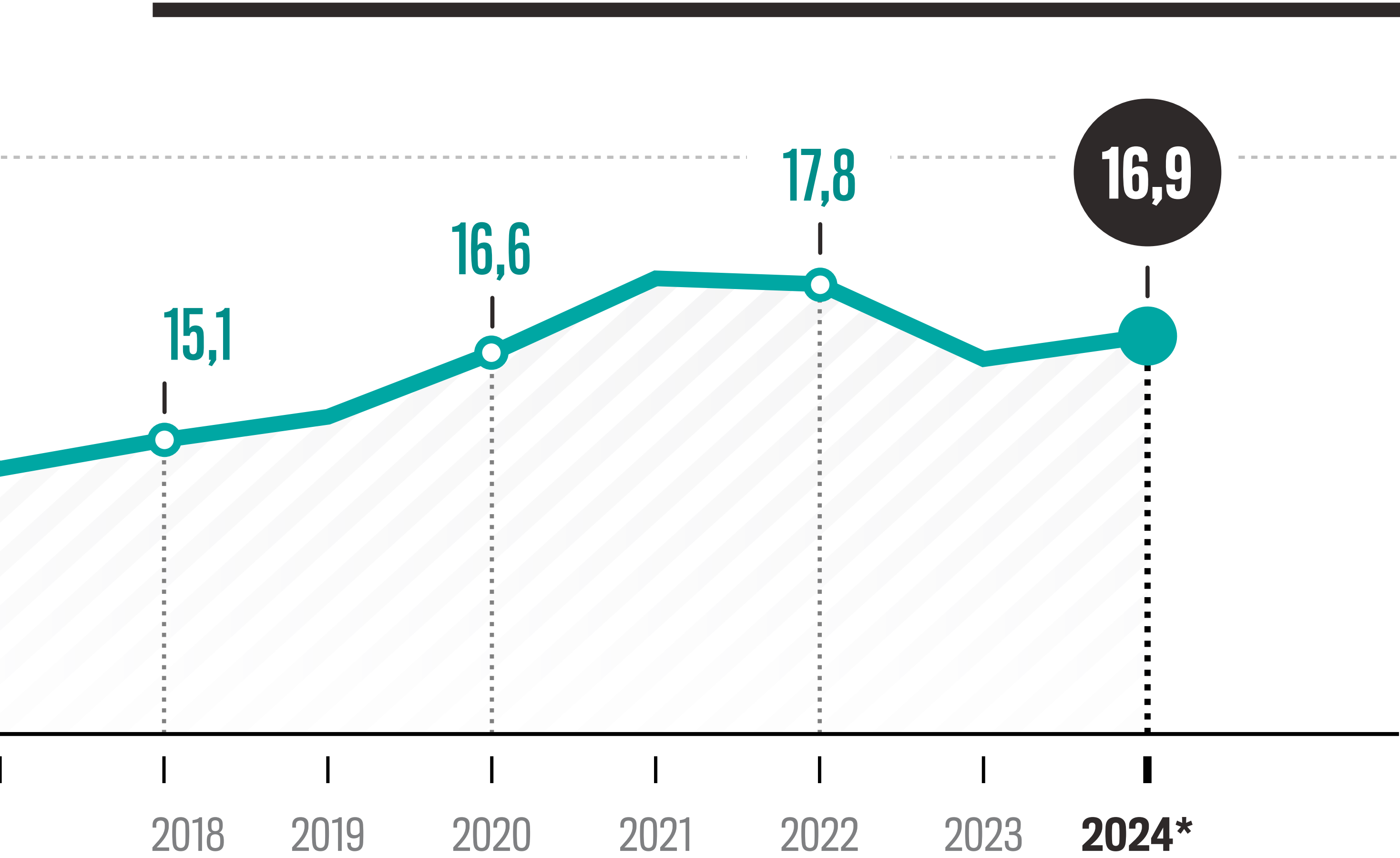
Os investimentos cresceram no primeiro trimestre de 2024, mas permanecem em níveis historicamente baixos

PARTICIPAÇÃO NO PIB *(em %)*

30%
25%
20%
15%
10%

20,5
20,7
19,9
15,5

2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016

* No primeiro trimestre

Deprimidos desde a crise de 2015 e tendo encolhido 3% só no ano passado, os investimentos aumentaram 2,7% no primeiro trimestre de 2024 na comparação anual. O resultado é bom, mas a dúvida é se vem para ficar. “Depois de quedas tão fortes, é natural que os investimentos tenham uma recuperação, mas não dá para afirmar que estão fortes e que a confiança do empresário voltou”, diz Solange Srour, diretora de macroeconomia para o Brasil do banco suíço UBS Global Wealth Management. Com o fôlego do começo do ano, os desembolsos do país com investimentos voltaram a representar perto de 17% do PIB — abaixo da média da América Latina, de 20%, e

Fonte: *IBGE*

pior ainda na comparação com os 23% dos países que integram a OCDE, a organização que reúne as economias mais desenvolvidas. O próprio Brasil, duas décadas atrás, alcançou uma proporção de investimento que passou dos 20% do PIB. “Para nossa economia crescer 2,5% ano a ano e sem gerar inflação, essa taxa tem de ser de pelo menos 18% ou 19% do PIB”, afirma Srour.

Enquanto isso, a outra perna que segura o PIB, o consumo, colhe os resultados da série de incentivos vertidos pelo governo desde, pelo menos, a disputa presidencial de 2022. Eles incluem um Bolsa Família que triplicou de tamanho, reajustes mais fartos para o salário mínimo,

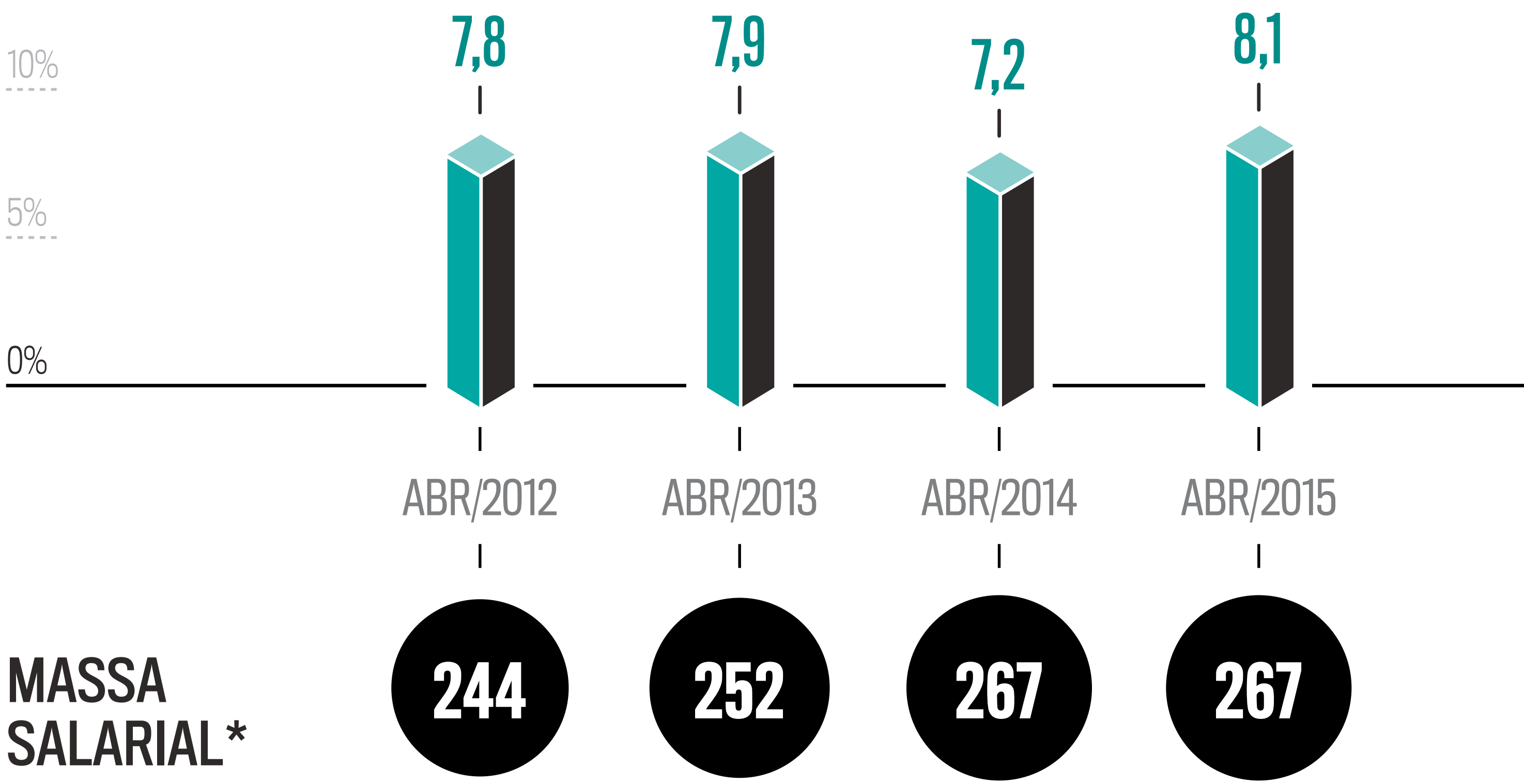
TON MOLINA/FOTOARENA

ALERTA Fernando Haddad: “anabolizantes” fiscais não são duradouros

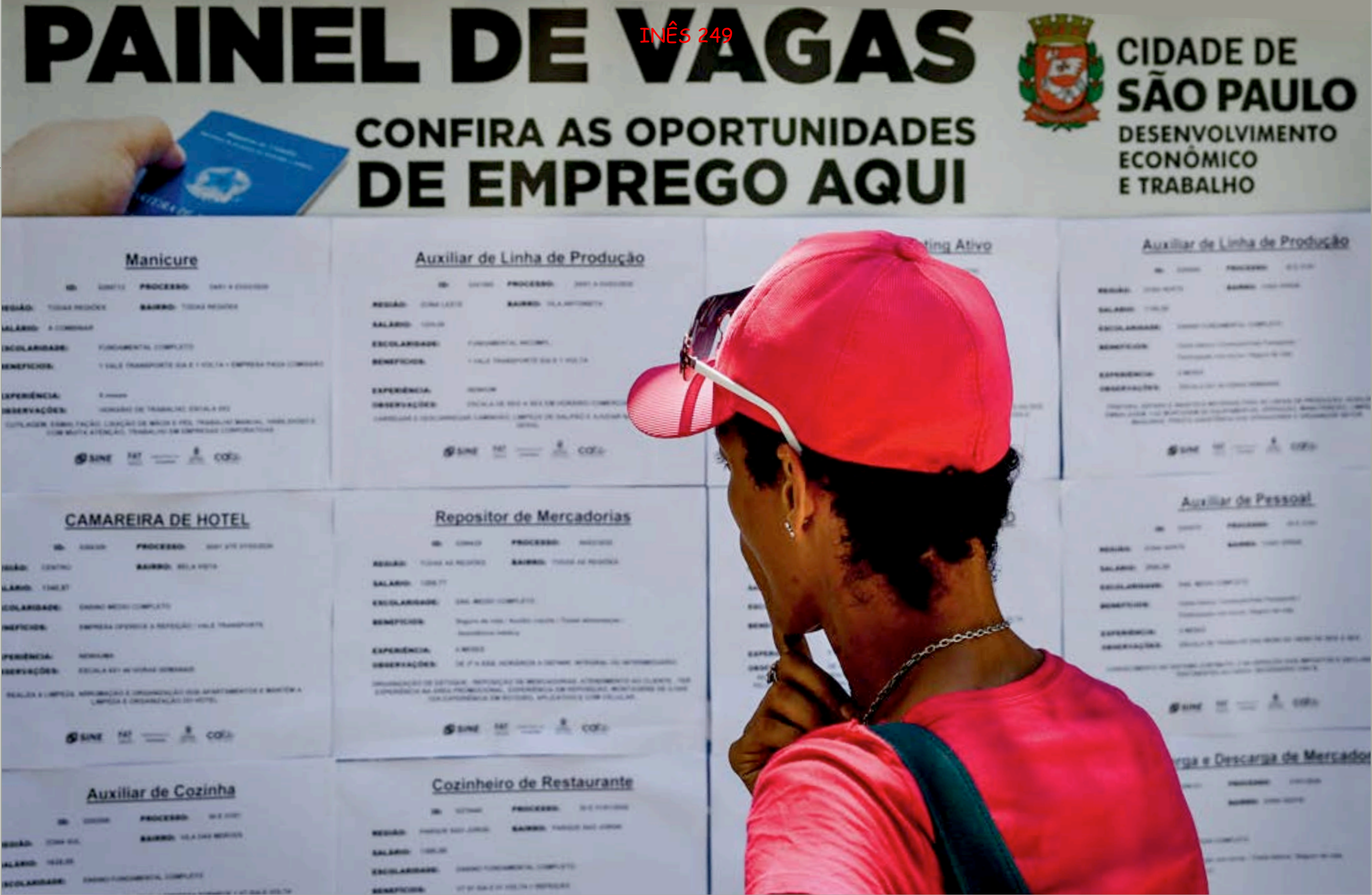
aposentadorias e diversos outros benefícios, além de uma série de despesas públicas pulverizadas em um orçamento federal que, desde a substituição do teto de gastos pelo novo e mais leniente arcabouço fiscal, não parou mais de inflar. Na virada do ano, muitos brasileiros ainda conta-

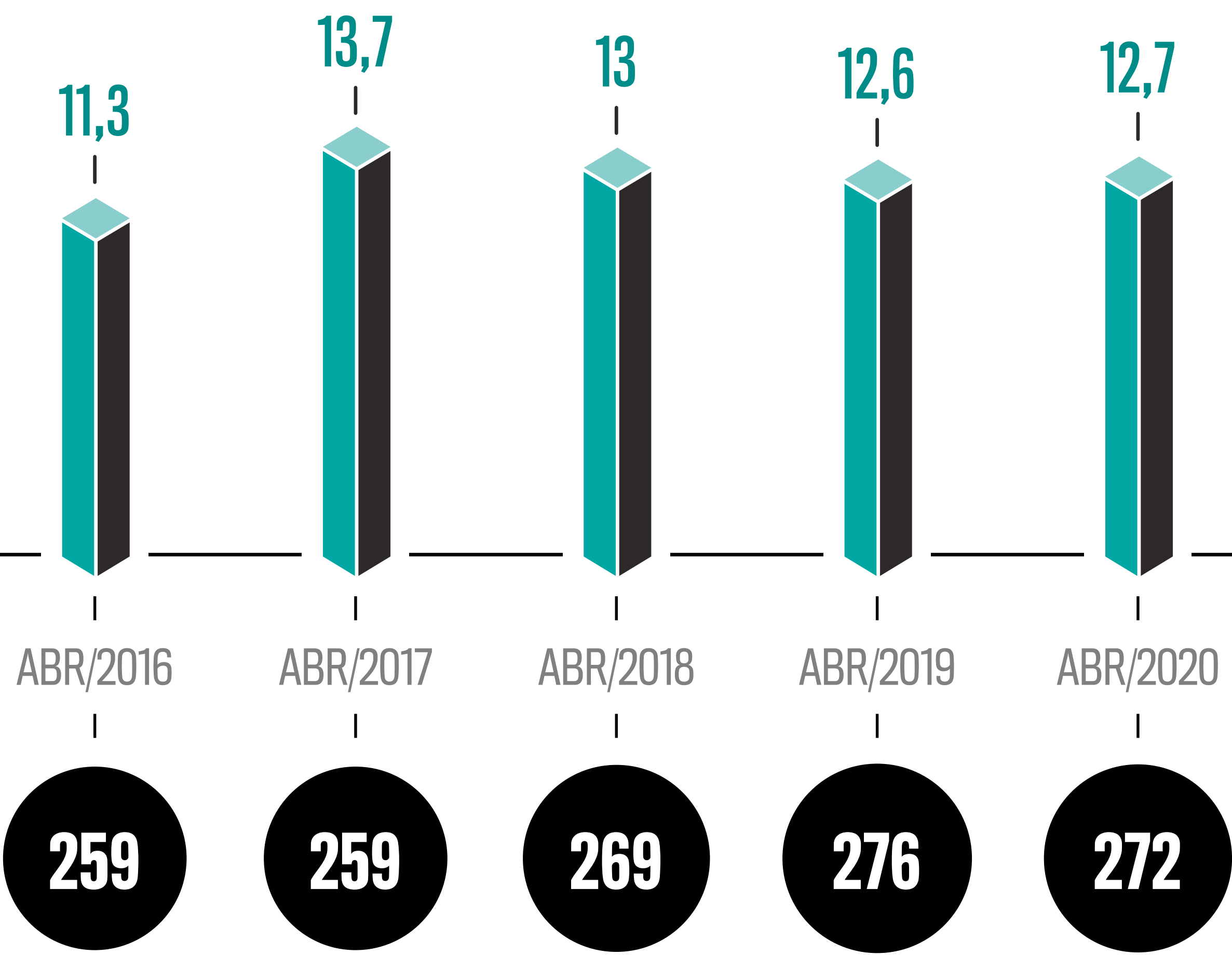
MERCADO DE TRABALHO AQUECIDO

O emprego e os salários estão nos maiores níveis em uma década

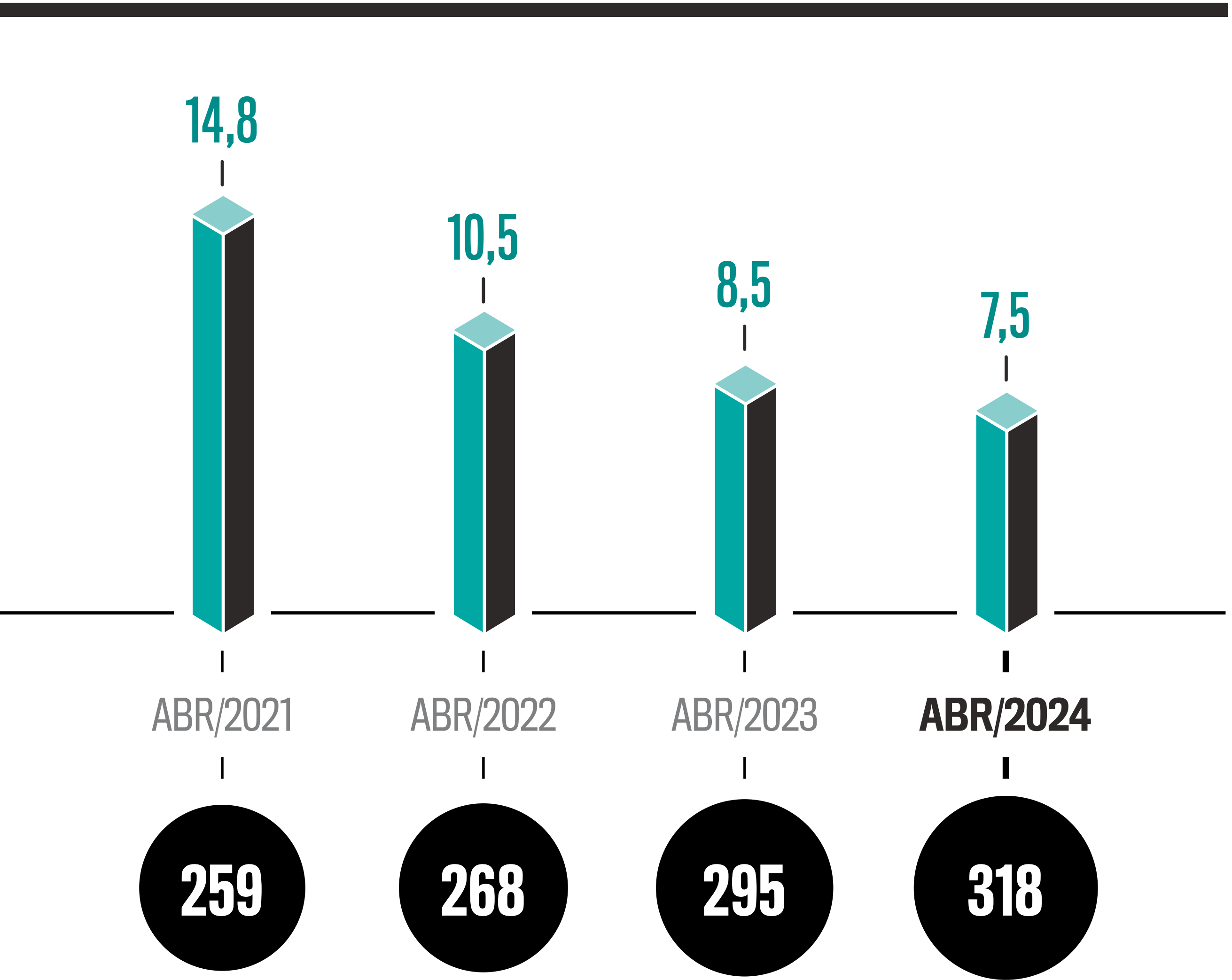
TAXA DE DESEMPREGO* *(em %)*

	ABR/2012	ABR/2013	ABR/2014	ABR/2015
Taxa de desemprego* (em %)	7,8	7,9	7,2	8,1
MASSA SALARIAL* (em bilhões de reais)	244	252	267	267

* Média móvel trimestral

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

HÁ VAGAS Painel com oferta de empregos: mercado de trabalho fortalecido ajudou o PIB a deslanchar

ABR/2016	ABR/2017	ABR/2018	ABR/2019	ABR/2020
11,3	13,7	13	12,6	12,7
259	259	269	276	272

ram com o pagamento excepcional de 90 bilhões de reais de antigas dívidas da União, os precatórios, represados de anos anteriores. Desse volume, estima-se que 40 bilhões viraram consumo. “Os cortes de juros também ajudaram, e a concessão de crédito está subindo desde o final do ano passado”, diz Julia Gottlieb, economista do banco Itaú Unibanco.

Um mercado de trabalho surpreendentemente resistente — em abril, a taxa de desemprego, de 7,5%, caiu ao menor nível em dez anos para o mês — completa o quadro

ABR/2021	ABR/2022	ABR/2023	**ABR/2024**
14,8	10,5	8,5	7,5
259	268	295	318

Fonte: *PNAD Contínua mensal/IBGE*

DIVULGAÇÃO

MÃO NA MASSA Fábrica de motores: investimentos privados crescem quando há juros baixos

que fez o PIB evoluir no primeiro trimestre. O consumo das famílias, de acordo com o IBGE, cresceu 4,4% e viu sua participação subir para perto de 65% do PIB no primeiro trimestre, marca poucas vezes vista no passado. “O efeito do consumo e das transferências públicas como grande promotor do crescimento tem data para acabar”, diz Thiago Xavier, economista da Tendências Consultoria. “A foto do momento é boa, mas há muitas preocupações quando olhamos para frente.” O receituário para o crescimento sustentável, com estabilidade econômica que abra caminho para juros estruturalmente baixos, investimentos perenes e construção contínua da produtividade do país, é conhecido. As consequências de negligenciar esses princípios também já foram testadas e são desastrosas. O governo conhece bem as opções — ainda há tempo de escolher a melhor delas. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

O BC E AS DECISÕES TÉCNICAS

Há incentivos para que a futura diretoria não se curve à política

EM FAMOSO livro-texto americano, *The Armchair Economist* (O Economista Ocasional, em tradução livre), Steven Landsburg diz que a teoria econômica se resume a quatro palavras: "Pessoas reagem a incentivos. O resto é detalhe". Pela teoria dos incentivos, instituições bem formuladas promovem o desenvolvimento econômico.

Lembrei-me dessa teoria diante da reação do mercado financeiro à decisão do Copom — Comitê de Política Monetária do Banco Central — no último dia 8 de maio. Com um placar de 5 a 4, o ritmo de redução da taxa Selic caiu de 0,5 para 0,25 ponto percentual. Os quatro votos contra a mudança vieram dos indicados pelo atual governo. Um deles, Gabriel Galípolo, é tido como o próximo presidente do BC.

Suspeita-se que esses quatro podem ter votado por razões políticas. Como Lula ainda pode indicar três diretores, teme-se que a futura maioria se curve à vontade do governo, como na gestão Dilma, com desastrosas consequências para a credibilidade do Banco Central e o controle da inflação.

Há quatro incentivos que podem contrariar essa visão. Primeiro, Galípolo participou de várias reuniões do Copom, as quais podem ter-lhe proporcionado um mergulho nas análises dos qualificados economistas do BC e o aprendizado com as opiniões de outros diretores. Teria hoje maior conhecimento sobre o papel da política monetária nas expectativas.

Em segundo lugar, ele provavelmente conhece os efeitos da fatídica decisão que baixou a Selic em 2011, quando se esperava a elevação. A inflação subiu e contribuiu para a recessão de 2015 e 2016. A popularidade de Dilma Rousseff caiu, um dos motivos de seu impeachment.

Em terceiro, Galípolo sabe que o comando do BC valoriza quem o exerce, aqui e lá fora. Ex-presidentes do banco costumam galgar posições de destaque em instituições financeiras e universidades de prestígio em vários países. Er-

“O Copom pode se tornar mais tolerante a riscos inflacionários, mas não aceitar dar um cavalo de pau”

ros causados por visões políticas corroem a imagem e o futuro profissional de quem os comete.

O quarto incentivo vem da independência do BC, que habilita o presidente da instituição a resistir a pressões de governos da hora. Se resistir a demandas políticas para baixar a Selic, não corre o risco de ser substituído por alguém que se submeta ao chefe do Executivo. A experiência mostra que ceder a tais pressões costuma dar errado.

Um estudo recente indica que presidentes de bancos centrais podem reunir apoio de metade do comitê de política monetária para conseguir decisões de seu agrado. Ou seja, o simples exercício do cargo não é suficiente para moldar o posicionamento da maioria dos diretores. É preciso que essa maioria resolva assumir o risco de manchar sua reputação profissional para satisfazer a vontade do chefe da instituição. A meu ver, uma boa parte da diretoria, de alta credibilidade, dificilmente entraria nesse jogo.

O futuro Copom pode ser mais tolerante a riscos inflacionários. Isso acontece aqui e acolá nos bancos centrais, inclusive nos países riscos. O que, todavia, pode não acarretar um cavalo de pau na política monetária. ■

MUDANÇA DE DIREÇÃO

Três anos depois de fechar suas fábricas no país, a montadora americana Ford faz do centro de pesquisas instalado em Camaçari, na Bahia, um dos mais importantes do mundo **PEDRO GIL**

FORD/DIVULGAÇÃO

INOVAÇÃO Unidade que restou da empresa: o número de engenheiros cresceu

O INSUCESSO é apenas uma oportunidade de recomeçar com mais inteligência. A máxima do engenheiro e empresário americano Henry Ford, fundador da montadora que leva seu nome, não poderia ser mais apropriada para traduzir a trajetória da empresa no Brasil. A Ford foi a primeira fabricante de automóveis a se instalar no país, em 1919. Em mais de um século de operações, liderou por diversas vezes o mercado nacional até ser sufocada, nos últimos anos, pela concorrência acirrada e o desaquecimento da economia. Em 2021, desistiu de vez, ao fechar todas as unidades fabris brasileiras. Isso, contudo, não significou o fim da histórica relação com o Brasil. A empresa não aperta mais parafusos por aqui — agora, o mercado local é abastecido por fábricas na Argentina e no Uruguai —, mas mantém em funcionamento no Brasil um de seus mais importantes centros de pesquisa e desenvolvimento no mundo. E ele não para de crescer.

Localizado em Camaçari, na Bahia, o centro conta hoje com 1 600 engenheiros e pesquisadores contratados. Em 2021, quando a Ford fechou as fábricas brasileiras, eram 700. Para ter ideia, três motores que a marca utiliza em seus carros mundo afora foram desenvolvidos no Brasil. A área de software também é cada vez mais forte: quase metade de tudo o que é pensado em termos de painéis e tecnologias de sistemas é concebida em solo brasileiro. "Queremos ser a primeira opção de desenvolvimento de tecnologias da Ford no mundo", afirma Alex Machado,

FORD/DIVULGAÇÃO

NA PISTA Campo de provas em Tatuí: local de testes de veículos autônomos

diretor de Desenvolvimento de Produtos da montadora na América do Sul. “E estamos conseguindo nos destacar.”

Além do núcleo de pesquisas, a empresa mantém em Tatuí, no interior de São Paulo, um centro de provas, que está em operação desde 1970 — foi o primeiro do Brasil. Atualmente, o espaço está em fase final de obras de infraestrutura para receber testes de carros autônomos, que serão vendidos em vários mercados. “A Ford virou uma grande importadora com área de inteligência”, diz o consultor independente Milad Neto. “O Brasil tem excelência em engenharia, somos muito criativos. Temos chance de nos tornar protagonistas no cenário de engenharia de mobilidade.”

FORD/DIVULGAÇÃO

PASSADO Antiga sede em São Bernardo do Campo (SP): fechada em 2021

A nova estratégia tem gerado resultados surpreendentes. A Ford deixou de fazer os carros pequenos de sua linha de até três anos atrás. Por isso, em volume de vendas, os números atuais são bem inferiores aos registrados em 2019 *(veja o quadro),* antes da pandemia de covid-19. Mas, em 2023, fechou com crescimento de 40% ante 2022 nas vendas no Brasil, agora já centradas em picapes, SUVs e comerciais leves importados, que recolocaram a empresa na rota do lucro.

O setor automotivo sempre foi alvo de obsessão do governo Lula. Assim que assumiu o terceiro mandato, o presidente anunciou um novo programa de barateamento de veículos para estimular as vendas no país. A iniciativa não

PÉ NO FREIO

Os licenciamentos de veículos nacionais e importados da Ford no Brasil

AUTOMÓVEIS
COMERCIAIS LEVES
CAMINHÕES
TOTAL

	2019 (antes da pandemia)	2021 (ano de saída do Brasil)	2023
Automóveis	196000	17000	3000
Comerciais leves	23000	20000	26000
Caminhões	6000	133	56
Total	225000	37000	29000

Fonte: *Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea)*

vingou, gerando pouco resultado efetivo para o setor. Agora, o Senado aprovou o Programa Mover, que prevê benefícios fiscais às montadoras que investirem em tecnologias de baixa emissão de carbono. Em contrapartida, elas serão obrigadas a desenvolver pesquisas no setor, exatamente como a Ford faz.

Transformar o Brasil em um centro de referência tecnológica não é exclusividade da Ford. A franco-germânica Airbus, maior fabricante de aeronaves do mundo, está no país há 45 anos, com produção de helicópteros em Itajubá, no interior de Minas Gerais. Trata-se da única fábrica da empresa fora dos Estados Unidos e da Europa. A cidade abriga um centro de inovação que tem ganhado importância nos últimos anos. “A nossa engenharia nessa área é equivalente à americana e à europeia, não deixa nada a dever”, afirma Gilberto Peralta, presidente da Airbus no Brasil. “A empresa compra tecnologia desenvolvida aqui para implementar na cadeia de produção mundial.” As iniciativas de Airbus e Ford sinalizam um país possível, que precisa entrar de vez na corrida tecnológica global. Infelizmente, são exemplos ainda raros. ■

A CAMPANHA PEGA FOGO

Trump é condenado e reage com fúria, enquanto Biden anuncia medidas para atrair eleitores. A votação de novembro será mercurial como nunca

ERNESTO NEVES

SPENCER PLATT/GETTY IMAGES

CULPADO Donald Trump depois do julgamento: chuva de doações e apoio maciço dos políticos republicanos

Aconteceu: Donald Trump é agora oficialmente o primeiro ex-presidente condenado em um processo criminal na história dos Estados Unidos. A ameaça que pairava sobre sua cabeça virou realidade na quinta-feira, 30 de maio, em uma cena que causou impacto — após seis semanas de deliberações em um tribunal em Manhattan, o presidente do júri proferiu solenemente a palavra "culpado" para cada uma das 34 acusações relacionadas à falsificação de registros contábeis para disfarçar a compra do silêncio da atriz pornô Stormy Daniels, com quem teria passado uma noite, durante a campanha de 2016. E o veredito já começou a ser usado como munição na campanha pela reeleição de Joe Biden, o democrata acuado pela idade (81 anos) e pela direita trumpista que, poucos dias depois, endureceu sua posição em dois temas que lhe tiram pontos nas pesquisas: a guerra em Gaza e a imigração na fronteira com o México.

Em contraponto à movimentação democrata, republicanos de todas as alas cerraram fileiras em apoio a Trump e acompanham com sangue nos olhos o recém-iniciado julgamento, em Delaware, de outro Biden — o primeiro-filho Hunter, enredado na compra ilegal de uma arma em 2018. Focados na eleição em novembro e, antes dela, no primeiro debate entre Biden e Trump, no dia 27 de junho, os dois lados do ringue, com suas ações e reações nos últimos dias, declararam aberta a temporada do vale-tudo.

Veredito anunciado, Trump convocou uma coletiva de imprensa no saguão dourado da Trump Tower, na Quinta Ave-

nida, onde, durante 33 minutos, repetiu as alegações de que é vítima de uma caça às bruxas armada por "Biden e seu pessoal" e desancou o promotor, Alvin Bragg, e o juiz, Juan Merchan (um "demônio"). Mais tarde, em sua rede social, pediu à Suprema Corte que interfira para mudar a data marcada para a sentença, 11 de julho — quatro dias antes da convenção nacional que vai formalizar sua candidatura. O ex-presidente pode pegar pena de prisão de até quatro anos ou liberdade condicional, acrescida ou não de multa. É certo que vai apelar, o que jogará a decisão final para depois da eleição. Detalhe curioso: a lei da Flórida, onde ele mora, só permite que votem condenados que tenham cumprido toda a pena, o que talvez o impeça de ir às urnas.

Trump responde a outros três processos, mas nenhum deve ir a júri antes da votação. De qualquer forma, no fiel bonde trumpista uma condenação até ajuda, como provam os 53 milhões de dólares que seu comitê arrecadou em doações nas horas seguintes ao julgamento, enquanto apoiadores inundavam a internet de mensagens furiosas. Aproveitando o timing para tentar convencer os mais jovens da injustiça contra sua pessoa, Trump aderiu ao TikTok, rede chinesa que já quis banir. Em quatro dias amealhou 6 milhões de seguidores.

Uma parcela do eleitorado sempre afirmou que não votaria em Trump caso ele fosse condenado por algum crime, mas pesquisas logo após a decisão mostraram pouca variação na diferença de dois a três pontos entre ele e Biden nas intenções

de voto — em parte, segundo analistas, pelo fraco interesse despertado por um processo em torno de infrações quase irrelevantes. No reduzido contingente que deve definir esta eleição — pessoas, sobretudo jovens, que votaram em Biden para não eleger Trump e hoje desgostam de ambos —, cada voto é essencial. "A eleição deve ser decidida por margem estreitíssima", diz Lauren Mattioli, professora de ciências políticas da Universidade de Boston.

Ciente disso, Biden aproveitou o desfecho do julgamento para iniciar sua nova ofensiva eleitoral. Em entrevista, ainda que tentando uma tangente, disse acreditar que Benjamin Netanyahu está prolongando a guerra na Faixa de Gaza para sobreviver no poder, colocando mais distância do que nunca entre ele e o primeiro-ministro israelense — um agrado aos universitários que apoiam em peso a causa palestina. Em outra virada, esta sendo cultivada há já algum tempo, abandonou o discurso de tratamento humanitário das levas de imigrantes que não param de chegar, reativou uma ordem da Casa Branca trumpista e, por decreto, ordenou o fechamento da fronteira com o México sempre que o volume ultrapassar 2 500 pessoas por dia. Como isso já acontece, a ordem tem efeito imediato, embora deva ser contestada na Justiça. "Biden tenta assim atrair indecisos de perfil mais conservador", diz Stephen Yale-Loehr, professor de direito da Universidade Cornell. Não só eles, aliás: pesquisas revelam que 55% dos americanos acham que o grande número de ilegais é uma "ameaça crítica" para o país.

JIM WATSON/AFP

BARREIRA Biden, em visita à fronteira: medida drástica para conter imigrantes

Os dois lados, a partir de agora, vão agarrar e explorar cada milímetro de vantagem na opinião pública, e o mais imediato, neste momento, está na esfera do Judiciário. Seja qual for a decisão do juiz Merchan, Trump sentirá o baque da sentença prevista para julho. Biden, por sua vez, terá de cruzar o lamaçal de sexo, drogas e negócios escusos que rodeia Hunter, seu filho-problema (hoje supostamente reabilitado), em dois processos: o de agora, por mentir ao comprar uma arma que ficou em seu poder por onze dias, e outro mais sério em setembro, quando responderá por 1,4 milhão de dólares em impostos devidos em transações passadas. Em meio à profusão de exageros e inverdades com que Trump pontilhou sua entrevista pós-julgamento, uma frase ecoou a dura realidade: “O verdadeiro veredito será dado pelo povo no dia 5 de novembro”. Até lá, vale tudo. ■

CARLOS ALVAREZ/GETTY IMAGES

CARA FECHADA Felipe e Letizia: ele teria sabido de tudo pelos guarda-costas

SEXO, MENTIRAS E POSTS

Felipe e Letizia eram soberanos de cartilha – até que os detalhes de um suposto caso amoroso da rainha desencadearam um escândalo na família real espanhola **AMANDA PÉCHY**

ELEGANTE como sempre, a rainha Letizia da Espanha desfilou, no início do mês, um impecável terninho branco durante a Feira do Livro de Madri, toda sorrisos para os súditos e as câmeras. O exterior sereno, no entanto, disfarçava a crise que sacode o Palácio da Zarzuela desde que surgiram as primeiras revelações sobre o tórrido affair que a rainha supostamente manteve durante anos com o empresário e investidor Jaime del Burgo. A bombástica notícia apareceu, no fim do ano passado, no livro *Letizia e Eu*, escrito pelo jornalista Jaime Peñafiel a partir de depoimentos do próprio Del Burgo. Peñafiel foi demitido do emprego e, vingativo, voltou à carga: acaba de lançar *Os Silêncios de Letizia*, com novos e suculentos detalhes, entre eles que o rei ficou “arrasado e destruído” quando soube do caso e que o casal está separado e “só mantém as aparências em público” — afirmação que o semblante carregado dos dois nas últimas aparições juntos contribui para confirmar.

As castanholas da monarquia espanhola começaram a estalar em dezembro passado, quando Del Burgo, 53 anos, postou no X uma *selfie* de Letizia grávida, posando diante de um espelho de banheiro envolta em um xale preto. Segundo ele, um texto apaixonado acompanhou a foto remetida para seu celular: “Amor, estou usando sua pashmina. Sinto como se você estivesse ao meu lado. Ela cuida de mim. Me protege. Conto as horas para nos vermos novamente”. Dias depois, Peñafiel lançou o primeiro livro rela-

X @JAIMEDELBURGO

LÍNGUA NOS DENTES Del Burgo, o suposto amante: foto e detalhes

tando a suposta relação. Del Burgo teria lhe contado que Letizia, então âncora de um noticiário na TV, rompeu o namoro em 2002 porque estava se relacionando com o futuro rei. Eles se casariam dois anos depois, mas, sempre de acordo com Del Burgo, na véspera Letizia o procurou e retomaram o romance, que seguiu firme por sete anos.

No período, os investimentos o levaram a morar no Brasil, onde conta que sofreu uma embolia pulmonar, foi internado no Hospital Albert Einstein e falava por telefone com Letizia todos os dias. A princesa teria enfim encerrado o affair em agosto de 2011. Del Burgo não parou por aí: no ano seguinte, conheceu a irmã de Letizia, Telma Ortiz, e se casou

com ela. Separaram-se dois anos depois. Em *Os Silêncios de Letizia*, que não tem a colaboração do suposto ex, Peñafiel descreve o calvário de Felipe, que teria tido provas em tempo real de que a mulher o traía nos relatórios diários produzidos pelos guarda-costas dela. O autor critica a rainha por seu comportamento "frio, emocionalmente imaturo e passivo-agressivo" e afirma que ela é "odiada" pelo resto da família. Segundo outra correspondente real, Pilar Eyre, Felipe pensou em separação, mas recuou. "Não creio que haverá divórcio, mas os dois podem desenhar um acordo em que cada um leva a sua vida", especula Peñafiel.

Se for assim, Felipe estará seguindo o exemplo dos pais — Juan Carlos, que tem um currículo carregado de escândalos, e Sofia passaram décadas juntos, mal se suportando. Felipe e Letizia assumiram o trono justamente para apagar um incêndio. Era 2012, veio à tona uma foto do então rei Juan Carlos caçando na África que indignou os súditos pelo sacrifício de elefantes, pela fortuna gasta no safári e por estar acompanhado de uma amante. Em seguida ele se viu enredado em denúncias de corrupção e, premido pela impopularidade, abdicou em favor do filho em 2014. Felipe e Letizia se tornaram soberanos-modelo, com despesas controladas e criação amorosa e cuidadosa das duas filhas. Ao fazer 18 anos, em outubro, a herdeira Leonor desencadeou uma "leonormania" repleta de otimismo e sentimentos positivos — tudo de que a realeza precisa para manter a máquina andando. Até o próximo escândalo. ■

VILMA GRYZINSKI

COMPLEXO DE DEUS

Do pequeno El Salvador à imensa Índia, os redentores que dão medo

"EU SOU DEUS EM EL SALVADOR." Com seis palavras, o caudilho salvadorenho Maximiliano Hernández Martínez resumiu a profunda doença narcísica que assola políticos de todos os quadrantes, com especial ênfase na América Latina, com seu longo histórico de líderes populistas. O ditador salvadorenho (poder absoluto: 1931 a 1944) estava respondendo a um bispo que lhe pedia, em nome de Deus, para parar com uma das matanças periódicas que assolavam a América Central. O espetáculo autocrático foi revivido por Nayib Bukele em sua posse. Endossado por uma votação maciça, ele fez da cerimônia um show do caudilho obsessivo compulsivo: vestiu todo mundo de azul, a cor nacional, inclusive o forro dos mantos até os pés dos soldados perfilados com submetralhadoras na mão sob o calor tropical. Antes da posse, combinou o azul royal do lencinho no paletó com a cor das meias. No ápice, apareceu com uma espécie de jaquetão da Academia de Letras, com bordados dourados na manga e na gola estilo militar.

O que deu na cabeça de Bukele para se fantasiar de generalíssimo? O presidente salvadorenho reeleito — contra o que estabelece a Constituição — é um teste ideológico: a direita exalta a nada menos que inacreditável forma como controlou a criminalidade, a esquerda se contorce de ódio e exagera nas denúncias de abusos. Há uma terceira opção: reconhecer o que ele fez para tirar o país do domínio do crime organizado e, também, identificar suas derivas autoritárias. Eleger 54 dos sessenta deputados do Congresso Nacional é realmente de dar ideias na cabeça de qualquer um — em especial a de narcisistas atingidos pelo complexo de Deus. Essa é a síndrome de indivíduos que se consideram superiores e acreditam ter muito poder, infalibilidade e influência.

Só nessa semana, encerrou o seu ciclo o presidente mexicano Andrés Manuel López Obrador, convicto de que aplicou um programa chamado nada menos do que Quarta Transforma-

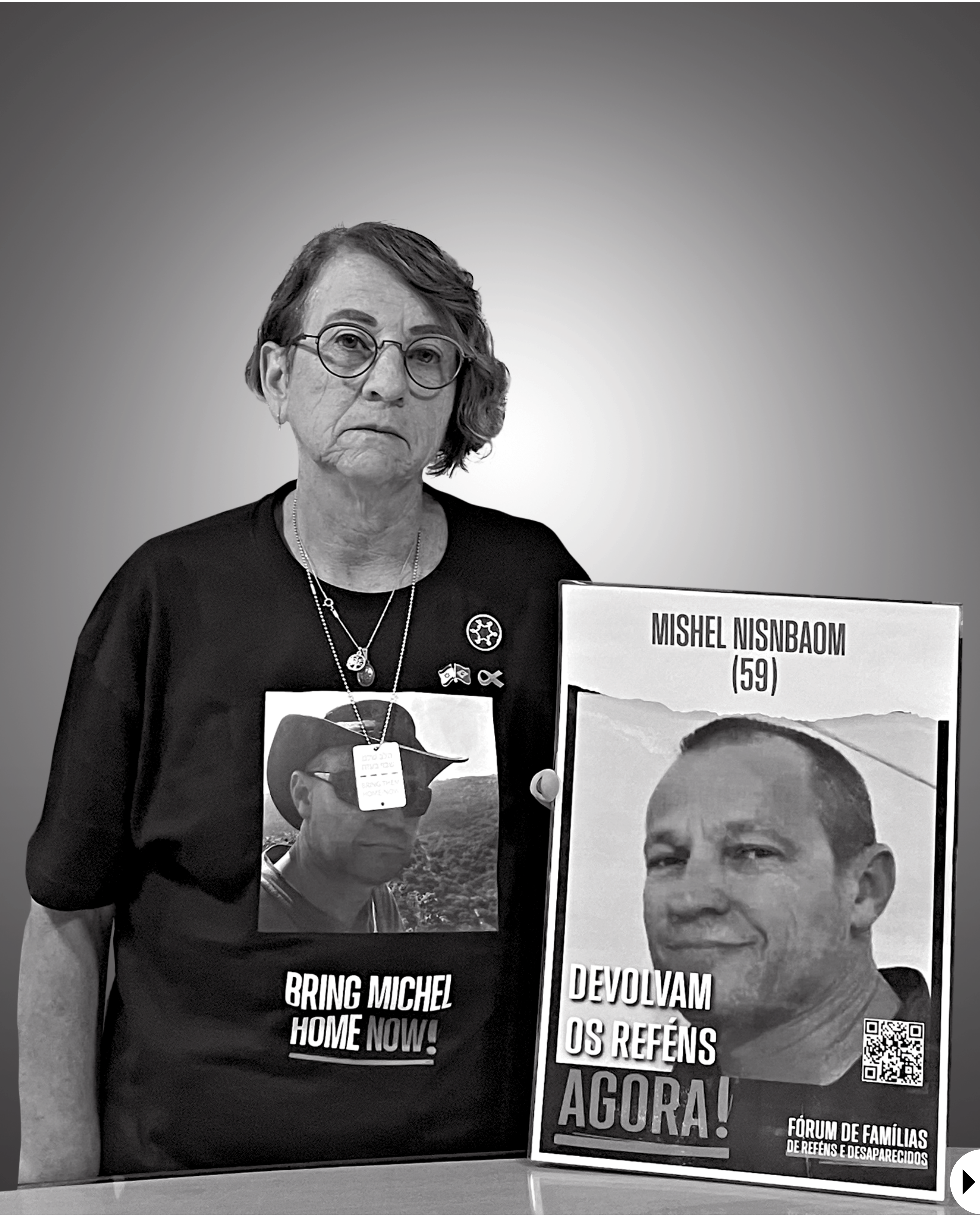
“Tão diferentes politicamente, são parecidos no conceito exaltado que fazem de si mesmos”

ção, em escala comparável à independência e à Revolução Mexicana. Na Índia, foi reeleito Narendra Modi, que pratica ioga, meditação e abstinência sexual. Mas nem pensar em sublimar o ego. Note-se que os políticos citados são populares e têm obras para mostrar. Estão à frente de dois extremos ideológicos como o colombiano Gustavo Petro e o argentino Javier Milei ("Sou o expoente máximo da liberdade a nível mundial", definiu-se, modestamente). Tão diferentes politicamente, são parecidos no conceito exaltado que fazem de si mesmos e na desqualificação terminal dos adversários — mais triste no caso do argentino, que, como libertário, deveria ter uma posição acima dessas baixarias.

Rafael Trujillo, o caudilho de manual da República Dominicana, mandou instalar num morro de São Domingos um letreiro com a máxima: "Deus e Trujillo". Inspirava um culto quase messiânico entre católicos e seguidores de cultos afro. O antecessor caudilhesco de Bukele, o que se achava Deus em El Salvador, também era dado a rituais alternativos e respondeu certa vez a um representante da comunidade americana no país que pretendia oferecer sandálias aos alunos das escolas públicas: "É bom que as crianças andem descalças. Assim recebem melhor os eflúvios benéficos do planeta, as vibrações da terra". Deus nos livre dos que se acham Ele. ■

PRIMEIRA PESSOA

RAFAEL AZAMOR/FÓRUM DAS FAMÍLIAS DOS SEQUESTRADOS E DESAPARECIDOS

“

AGORA POSSO VIVER O LUTO

A brasileira Mary Shohat, 66, relata a dor de saber, após oito sofridos meses, que o irmão, Michel, foi morto pelo Hamas

”

QUANDO OUVI O TELEFONE TOCAR, minha espinha gelou. Foi numa sexta-feira, às 7 da manhã, e sabia que não era notícia boa. Do outro lado, escutei a voz do soldado israelense encarregado de atualizar nossa família sobre o paradeiro de meu irmão, Michel Nisembaum *(no porta-retratos)*, um dos 125 reféns na lista atual. Aos 59 anos, ele desapareceu no ataque dos terroristas do Hamas contra Israel, em 7 de outubro do ano passado, quando tantas vidas foram ceifadas. O rapaz do Exército disse apenas que me levaria da cidade onde moro, Berseba, para a casa de uma das duas filhas de Michel, em Ashkelon. Falou que tinha uma informação a nos dar, e só. Nesses oito meses de guerra, havíamos sido procurados pelas forças de segurança duas vezes: no dia em que acharam o carro de meu irmão incendiado e, de-

pois, quando um geolocalizador indicou que seu computador estava em Gaza. Indo ao encontro de minhas sobrinhas, naquele trajeto de 60 quilômetros, o resto de esperança à qual eu me agarrava foi morrendo. Até que veio a confirmação: Michel foi encontrado sem vida no enclave, junto a corpos de outros dois reféns. Fizeram testes de DNA, radiografias dos dentes e dos ossos para identificá-lo. Era ele.

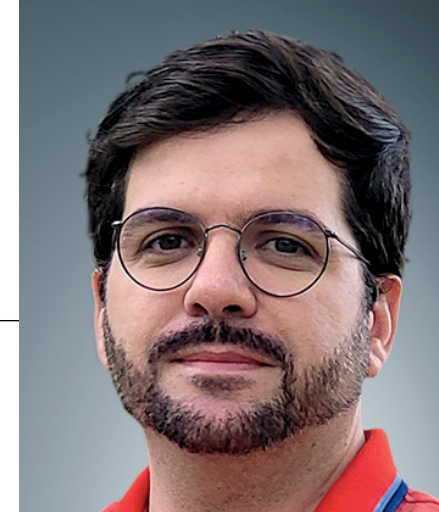
Nesse pouco tempo processando a perda, me bateram vários sentimentos. Enterrar Michel foi a coisa mais difícil que já fiz. Além de ser sua irmã mais velha, era como uma segunda mãe. Na infância, o levava para passear, dava de comer, o consolava quando chorava, e aquelas cenas voltaram todas à memória. Ao partir de Niterói rumo a Israel, eu aos 17 anos e ele com 10, fui sua única responsável por um ano, até que nossa mãe também veio, todos nós em busca de uma vida melhor. Por mais terrível que tenha sido ouvir aquelas palavras — 'Michel está morto' —, foi uma espécie de alívio descobrir o que aconteceu, ainda que o ponto-final seja tão profundamente doloroso. Pelo menos tivemos um corpo para enterrar e para homenagear nos sete dias do shivá, o luto judaico. Ele agora está aqui comigo, com suas duas filhas, seis netos e amigos.

Vi Michel pela última vez dois dias antes do ataque do Hamas. Ele morava a 2 quilômetros de Gaza e tinha ido visitar nossa mãe. Fazia sol, e tomamos café na varanda. Logo ele foi embora, precisava trabalhar. Era técnico de computação e guia turístico. Como iria imaginar que nunca mais o

abraçaria? No fatídico dia 7, quando soaram os alarmes de ataques aéreos, o genro de Michel, que é militar, pediu que ele fosse a Ashkelon para ficar com uma das netas, enquanto sua ajuda era requisitada. Ninguém sabia que se tratava de uma invasão. Telefonei para meu irmão, mas nada de atender. Tentei contato outra vez. Aí atendeu um terrorista dizendo, em árabe: ‘O Hamas está aqui, o Hamas está em Israel!’. Me contaram que, no caminho, Michel ainda ajudou um casal que não conhecia a região a achar um lugar seguro para ficar, mesmo correndo o risco de ser pego. Nem chegou à casa da neta. Morreu baleado no percurso.

Passei meses fazendo ativismo para chamar a atenção para a questão dos reféns, que ficou escanteada na guerra. Acho que o Hamas precisa ser eliminado. Esses terroristas são piores que animais. Não matam por instinto, mas por esporte. Por outro lado, não sei se o governo israelense fez tudo o que pôde para trazer meu irmão com vida, assim como para recuperar os demais reféns capturados. Tive esperança de que o governo Lula exercesse alguma influência nas negociações pelo cessar-fogo, o que faria com que todos voltassem para casa. Não aconteceu. Por ora, decidi dar uma pausa. Minha mãe segue abalada, a saúde deteriorou-se. Quero ter um tempo com a família. Nisso, me inspiro no meu irmão, um excelente pai e avô, que gostava de fazer piada com tudo. Torço para que voltemos a ter razão para rir. ■

Depoimento a Amanda Péchy

VALMIR MORATELLI

SÓ COM ORAÇÃO

O roteiro não chega a ser lá original. Após participar de um reality show, a pessoa é guindada do anonimato à súbita projeção nacional, mas a fama logo se esvai. É justamente com esse duro destino que **RAFA KALIMANN,** 31 anos, que esteve no *BBB 20,* tenta duelar. Depois de afiadas críticas recebidas como apresentadora do talk show *Casa Kalimann*, no Globoplay, apareceu uma chance de se reabilitar na forma de um papel em *Família É Tudo,* a trama global das 7. Apesar das intensivas aulas de interpretação, porém, os comentários ácidos seguem a toda. “Me coloco como estreante, sei que é assim que sou vista pelos colegas de trabalho e diretores”, suaviza Rafa, que dá vida à vilã Jéssica. “Faço minha oração todos os dias antes de gravar, é carga pesada”, reconhece ela, saudosa dos tempos em que dava dicas de moda nas redes sociais.

INSTAGRAM @RAFAKALIMANN

O FIM DA PICADA

Quando Harry decidiu deixar o papel de *royal* e os afazeres no Palácio de Buckingham, **DAVID BECKHAM,** 49 anos, tomou lado e se afastou do príncipe. Agora veio a recompensa: o rei Charles III, de quem ficou mais próximo, decidiu nomeá-lo embaixador da King's Foundation, principal instituição de caridade da realeza britânica. Em recente encontro com o monarca, o ex-craque acertou que vai entrar em campo, divulgando um hobby antigo por meio da instituição — a apicultura, à qual se dedica em sua fazenda no interior da Inglaterra. "Estou ansioso para garantir que os jovens tenham maior compreensão da natureza e compartilharmos dicas sobre a criação de abelhas exóticas", disse Beckham, um dos donos do clube Inter Miami, aquele do Messi.

DOMINIC LIPINSKI/GETTY IMAGES

NEWS CORP

CASAMENTOS EM SÉRIE

Subir ao altar não é lá novidade para **RUPERT MURDOCH,** 93 anos, o polêmico magnata das comunicações. Ele acaba de selar sua quinta união, agora com a bióloga molecular aposentada **ELENA ZHUKOVA,** 67, numa cerimônia em sua vinícola na Califórnia. Depois de décadas à frente do grupo que detém a conservadora Fox News, do qual agora é conselheiro emérito, ele foi apresentado a Elena por sua terceira esposa, fato que muito divulgou, garantindo manter elos perenes com todas com quem trocou aliança. Outra preocupação constante é dar mostras de vitalidade. “Minha energia foi moldada na meritocracia louca da redação, onde se começa cada dia com uma tela em branco e se esforça incansavelmente para capturar o máximo possível de notícias originais”, pontificou Murdoch à revista *Forbes.*

COM AS BARBAS DE MOLHO

MANOELLA MELLO/TV GLOBO

Os fios grisalhos começaram a se apossar da barba de **VLADIMIR BRICHTA,** 48 anos, e não deu outra: os disparos nas redes foram constantes e implacáveis. Questionavam por que, afinal, ele não dava um trato nos pelos. O ator, hoje na pele de um coronel sem escrúpulos em *Renascer,* o folhetim das 9, não se abala e afirma: “Se vou envelhecer, melhor que seja na frente das câmeras. O importante é que minha mulher gostou”, garante ele, casado por quase duas décadas com a atriz Adriana Esteves. Vladimir está centrado mesmo é no trabalho, que agora, segundo conta, lhe impõe o maior de todos os desafios já enfrentados na carreira. “Quero que essa seja a novela da minha vida, mas é preciso saber esperar para ver”, diz, paciente.

ETERNO PODEROSO CHEFÃO

Após o histórico julgamento que condenou Donald Trump, **ROBERT DE NIRO,** 80 anos, se plantou em frente à porta do tribunal de Nova York e se pôs a bater boca com enfurecidos eleitores do candidato republicano à Casa Branca, contrariados com a inédita sentença. "Vocês são gângsteres!", esbravejou, emendando palavrões, tudo capturado pelas atentas câmeras de celular. Cada vez mais chegado a Joe Biden, que tenta a reeleição, De Niro ainda disparou: "Toleramos Trump quando era só um traficante de imóveis se passando por figurão importante. Só que ele não quer destruir apenas a cidade, mas o mundo", declarou. Represálias vieram logo depois. O vencedor de dois Oscars, um deles pelo clássico *O Poderoso Chefão II,* acabou sendo desconvidado da cerimônia em que seria homenageado pela prestigiada National Association of Broadcasters. "As recentes atividades do senhor De Niro criariam distração do trabalho filantrópico que esperávamos reconhecer", explicou a entidade. De Niro não protestou. ■

YUKI IWAMURA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

ONDE TEM FUMAÇA...

Pela primeira vez, o consumo diário de maconha supera o de álcool entre os americanos, marco de uma tendência que, com mais ou menos restrições, ganha fôlego pelo mundo e cobra atenção à regulação e aos perigos do uso fora de controle

VALÉRIA FRANÇA

MAIS "BARATO"
Produtos com alto teor de THC são os que atraem jovens: experts veem cenário com preocupação

ISTOCK/GETTY IMAGES

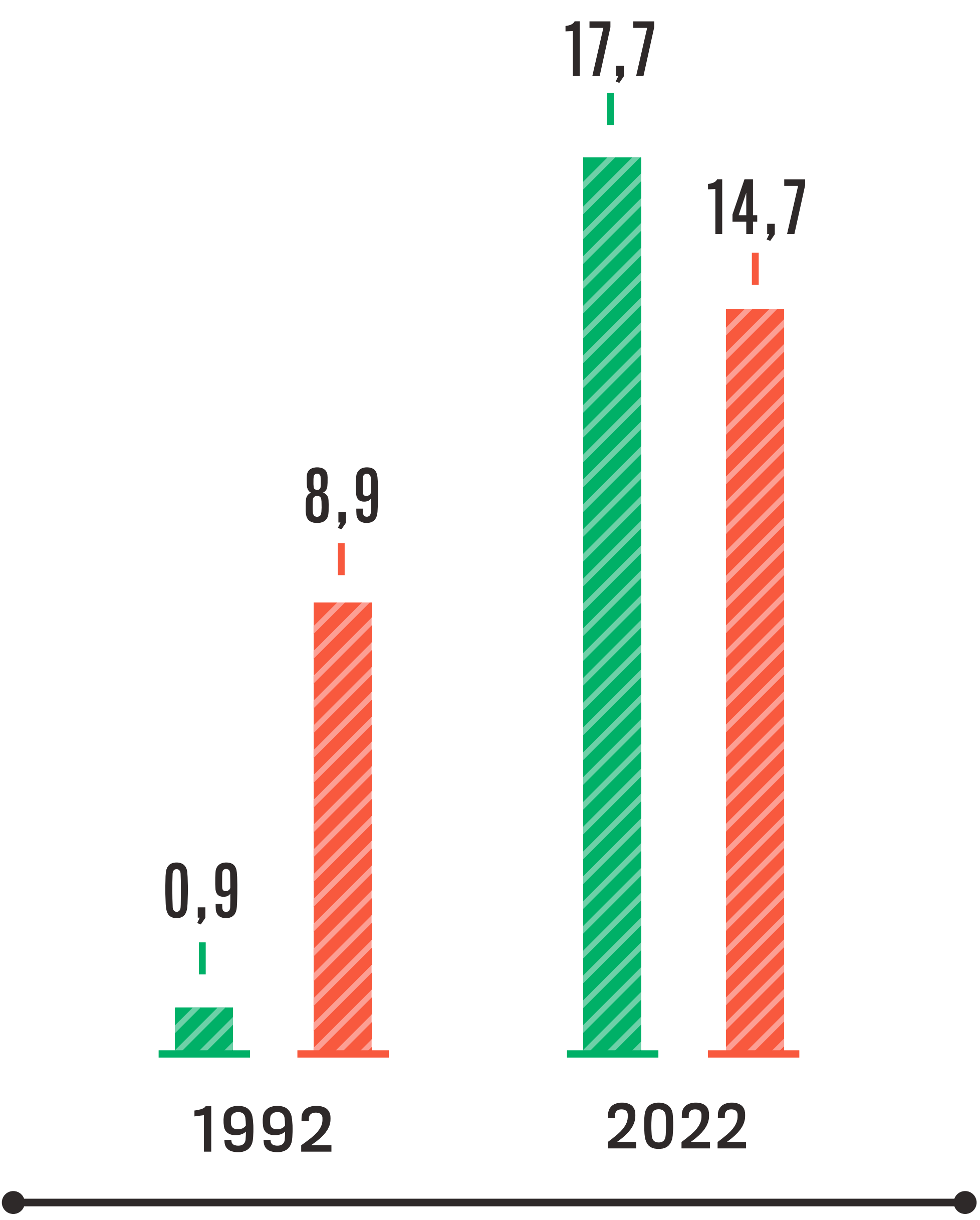
Para quem já viveu dias de repressão e perseguição brutal, a *Cannabis* respira outros ares, bem mais livres, ao menos nos Estados Unidos, a nação que, até outro dia mesmo, nos anos 1970, deflagrara imensa guerra contra as drogas. O aumento na demanda pela planta para fins recreativos e medicinais e a pressão dos eleitores por mudanças no acesso obrigaram os governos estaduais a rever o assunto, legalizando, em maior ou menor grau, o porte, o consumo e a venda da maconha e de seus derivados. Em virada histórica e ruidosa, o uso frequente de maconha ultrapassou o de bebidas alcoólicas entre os americanos *(veja no quadro ao lado).*

Caixa de ressonância dos humores globais, os EUA viram a situação da *Cannabis* se transformar efetivamente a partir de 2012, quando os estados de Washington e Colorado aprovaram o consumo individual e abriram caminho para que metade dos cinquenta estados seguisse o mesmo rumo. No mês passado, o Departamento de Justiça, buscando se aproximar de boa parte da opinião pública, propôs reclassificar a maconha de substância de alto risco para baixo risco, sendo agora equiparada a anabolizantes, e não mais à heroína, por exemplo. Em paralelo, decola o mercado de produtos e derivados da erva, sobretudo os com alta concentração de THC, o componente por trás do efeito psicoativo — o “barato”. O ingrediente já aparece incorporado a chocolates, balas e bebidas, sem

DEMANDA CRESCENTE

O uso de maconha decolou nos EUA segundo acompanhamento da série histórica nos últimos 30 anos

(consumidores frequentes, em milhões)

Ano	MACONHA	ÁLCOOL
1992	0,9	8,9
2022	17,7	14,7

uma regulamentação específica, o que preocupa especialistas pelo acesso descontrolado a grupos de maior risco para os impactos nocivos do THC.

Sem contar as aplicações medicinais em alta — com outro componente da planta, o CBD, à frente —, o mercado recreativo nos EUA representa hoje 56% das vendas globais de *Cannabis* regulamentada. Trata-se de um setor que deve movimentar 32,4 bilhões de dólares neste ano, 3 bilhões a mais do que em 2023. Em Nova York, as fachadas de estabelecimentos localizados em endereços elegantes, como a Quinta Avenida, celebram em cartazes a abertura de lojas especializadas. Atualmente, o número de dispensários de maconha supera o de lojas do McDonald's — são 15 000 ante 13 500, segundo o Pew Research Center. Nesse contexto, e convém por isso detalhá-la, causou interessado espanto a pesquisa que apontou o avanço dos cigarros e o recuo dos copos. O trabalho, liderado pelo professor de políticas públicas Jonathan Caulkins, da Universidade Carnegie Mellon, traçou o padrão de consumo dos americanos nos últimos 43 anos. Até 1992, a tendência de uso de *Cannabis* foi de leve declínio, depois de recuperação e, a partir de 2008, de crescimento substancial, o ponto ao qual chegamos.

O pico se deu em 2022, com o registro de 3 milhões a mais de usuários frequentes em relação ao de consumidores de álcool. Pelos cálculos de Caulkins, os americanos bebem, em média, de quatro a cinco dias por mês, enquanto consomem maconha de quinze a dezesseis dias no perí-

ALLEN J. SCHABEN/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

EXPANSÃO Lojas de maconha nos EUA: mais unidades que o McDonald's

odo. "O aumento na constância é perceptível nas ruas e no meu consultório", diz a psicóloga Ilana Pinsky, pesquisadora da Fiocruz que mora em Nova York. A exemplo de outros especialistas em dependência, ela se preocupa, contudo, com as formas de uso e abuso da marijuana.

Afinal, maconha faz bem ou faz mal? Como toda substância com propriedades psicoativas, ela pode trazer benefícios, mas também causar danos. Depende da dose, da composição, da maneira que é ingerida e até da genética do indivíduo. "Um produto com alta concentração de THC pode ser prazeroso para uma pessoa e levar outra a um surto psicótico", afirma o neurocientista Sidarta Ribeiro, autor de *As Flores do Bem: a Ciência e a História da Libertação da Maconha* (Fósforo). Raciocínio parecido pode se

GABRIEL SOARES/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

PRESSÃO Marcha no Dia Mundial da Maconha, em São Paulo: articulação para descriminalização da planta

aplicar ao álcool, um aditivo social capaz de resultar em vício, doenças como cirrose e comportamentos violentos — e já abundam estudos atestando seu lado nefasto. “No caso da maconha, deveria haver uma regulação para proteger os grupos de risco”, diz Ribeiro, em referência a adolescentes e pessoas com alguma restrição médica. As campanhas informativas podem inspirar-se em iniciativas bem-sucedidas no Brasil, como a Lei Antifumo de 2014, que, ao obrigar os maços de cigarro a virem com o alerta de malefícios, diminuiu em 30% o número de tabagistas.

O maior dilema na expansão do mercado recreativo reside na falsa sensação de segurança que qualquer pacote ou produto de maconha pode ostentar. “A diminuição da percepção de risco é um problema muito maior para os mais jo-

ANDRÉ COELHO/GETTY IMAGES

À BRASILEIRA Entre jovens: álcool viceja em meio à onda de *Cannabis*

vens do que para os mais velhos, que entendem melhor o que acontece", diz Andrea Galassi, coordenadora do Centro de Referência sobre Drogas e Vulnerabilidade da Universidade de Brasília. Hoje se sabe que, ao contrário do mito propagandeado há décadas, a *Cannabis* não mata neurônios. Ao contrário, pode estimular o surgimento e a conexão de novas células nervosas em adultos. No entanto, é contraindicada a menores de 21 anos, o público que, após os primeiros e corriqueiros contatos, tem maior propensão a desenvolver dependência e transtornos mentais com base genética sujeitos a gatilhos externos, caso da esquizofrenia. A ideia contraria o senso comum e as cenas da vida real, mas está amparada em evidências científicas.

Da mesma forma, é preciso fazer evaporar tabus e equí-

vocos que não contribuem para uma discussão assertiva, como o próprio chavão de que maconha lesa o cérebro, fruto de um experimento com macacos malconduzido no início dos anos 1970, que caiu como uma luva para o presidente americano Richard Nixon desatar o combate às drogas. "Maconha não mata neurônio. Se pararmos para pensar, fumar até alecrim faz mal", diz o neurocirurgião e pesquisador Pedro Pierro.

No Brasil, o uso recreativo é ilegal e está fora da pauta do Legislativo, que trabalha no sentido oposto. Neste ano, o Senado aprovou uma PEC que criminaliza a posse de qualquer quantidade de droga ou entorpecente "sem autorização ou em desacordo com a determinação legal". A medida foi vista como resposta aos esforços do Supremo Tribunal Federal (STF) para definir critérios que diferenciem traficantes e usuários. Uma das propostas apresentadas pela Corte estabelecia o limite de 25 a 60 gramas de maconha ou seis plantas — atualmente, é o juiz que decide a quantidade a distinguir os dois grupos. Os ministros querem mudar a forma de aplicar a Lei Antidrogas, que poderia ser mais democrática e menos refém de um viés social, que tende a encarcerar mais pessoas de baixa renda e escolaridade. Outras nações se abriram para o debate e a legalização, e as mudanças na sociedade americana espelham um movimento que ganha corpo e voz no Brasil, muito embora a bebida alcoólica ainda impere nestas terras. Resta saber como as autoridades reagirão a uma querela que ainda vive em meio à cortina de fumaça. ■

ISTOCK/GETTY IMAGESA

CIÊNCIA EM AÇÃO Processo de congelamento: o número de brasileiras que recorrem à técnica não para de crescer

QUEM SABE MAIS TARDE

Muitas mulheres se veem hoje envoltas em dúvidas sobre a maternidade. E aí entra em cena o congelamento de óvulos, que lhes tira o peso do relógio biológico **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

76%

FOI O CRESCIMENTO DE CONGELAMENTO DE ÓVULOS ENTRE AS BRASILEIRAS — DE 2020 A 2023

O MAIOR SALTO SE DEU NO GRUPO COM MENOS DE 35 ANOS — 98%

Fonte: *Anvisa*

NÃO FAZ MUITO tempo que o enredo da vida seguia mais ou menos o mesmo percurso: estudar, se formar, casar e ter filhos, que costumavam vir em velocidade-relâmpago. Aí prevalecia aquela divisão de tarefas segundo a qual os homens se encarregavam do sustento da prole enquanto a mulher submergia em meio à atribulada rotina doméstica. A humanidade felizmente caminhou, e as bandeiras feministas agitadas nos anos de 1960, somadas ao advento da pílula anticoncepcional, sacudiram os antigos pilares e descortina-

ram novas trilhas para elas. Conforme o tempo passou, as ambições foram drasticamente mudando — ter uma boa carreira, comprar uma casa sozinha, viajar o mundo —, e ser mãe deixou de ser um destino inexorável. É neste planeta de múltiplas escolhas que a ala feminina ganhou na ciência uma aliada e tanto: ela abriu a possibilidade de congelar os óvulos, o que retira dos ombros delas a inclemente pressão do relógio biológico, dando-lhes a chance de adiar a decisão sobre a maternidade.

A novidade nesse campo é que um contingente cada vez maior de mulheres procura clínicas atrás de tal recurso, que vem se expandindo de forma extraordinária no Brasil. Segundo um recente levantamento da Anvisa, o número de mulheres que passou por ciclos de congelamento de óvulos (eis o termo técnico) cresceu 76% no país apenas entre 2020 e 2023. O aumento deu-se, sobretudo, entre pessoas com menos de 35 anos, faixa em que o avanço cravou 98%. Isso chama a atenção para o fato de, ainda muito cedo, elas já estarem com a cabeça feita para engravidar mais tarde. “Como nunca, as mulheres estão se precavendo e pensando no longo prazo”, constata o médico Isaac Moise, responsável pela clínica Primordia, no Rio de Janeiro, que observou a busca pelo congelamento de óvulos disparar nos últimos anos. Ele e outros especialistas enfatizam que recorrer à técnica na faixa dos 30 costuma ser mais eficaz, já que os óvulos são mais abundantes e de melhor qualidade. “Com o passar dos anos, eles ficam menos saudáveis”, explica.

A ciência concebeu o congelamento de óvulos nos anos 1980 embalada por um estímulo específico: a ideia era criar uma alternativa a pacientes com doenças que pudessem comprometer a fertilidade, como certos tipos de câncer. Foi só por volta de 2010 que o método começou a ser utilizado, sem qualquer recomendação médica, por mulheres que simplesmente queriam ampliar seu rol de escolhas. Uma expressiva parcela delas sabidamente está agora adiando a maternidade. Segundo a Pesquisa de Estatísticas do Registro Civil, recém-divulgada pelo IBGE, houve aumento de 56% no grupo de mães com idades de 30 a 39 anos, e um salto de 110% entre aquelas com mais de 40, tudo no exíguo período de 2000 a 2022, o último dado disponível. Em direção oposta, caiu 42% a taxa de mulheres que engravidam antes dos 20. Envolta nos desafios da carreira, a influenciadora digital Ana Carolyna Bonilha, 34 anos, não se imagina hoje tendo um bebê e aderiu ao congelamento de óvulos, dando voz a um pensamento muito comum em sua faixa etária. “Para mim, é uma forma de autonomia, de não ter de decidir nada já. Por ora, o foco é no trabalho”, esclarece.

Celebridades vêm dando visibilidade ao assunto — atrizes como Paolla Oliveira, Fernanda Paes Leme, Mariana Ximenes e Dani Calabresa já revelaram ter passado pela coleta de óvulos, todas no patamar dos 40 anos. Já Nanda Costa, 37, e Ivete Sangalo, 52, são ambas mães de gêmeas, de 2 e 6 anos, respectivamente, geradas por

ARQUIVO PESSOAL

VISÃO DE FUTURO

A *influencer* de moda **Ana Carolyna Bonilha,** 34 anos, quer engravidar lá na frente. Por ora, olho no trabalho. "Penso no método não apenas para o primeiro filho, mas para um segundo ou até um terceiro, já mais velha", diz

meio do método, justamente uma opção que encontraram para não ficar presas ao relógio biológico. Em fevereiro, a atriz Carla Diaz, 33 anos, que por agora não pretende ser mãe, compartilhou nas redes sua experiência. "É um dos meus desejos. Não sei quando e como será, mas, para realizá-lo um dia, fiz o processo de congelamento de óvulos", contou.

INSTAGRAM @PAT_VILLELA

AGORA, NEM PENSAR

A empresária **Patrícia Villela,** 34 anos, bem acompanhada de seu cão Nick, adora a vida de solteira, em que não há lugar para filhos. “Congelei óvulos porque posso mudar de ideia e querer ser mãe um dia”, explica

A técnica não é barata — gira em torno dos 20 000 reais — e não raro traz efeitos colaterais. Depois de uma batelada de exames, a paciente é submetida a doses hormonais em comprimido ou injetáveis, com o objetivo de estimular a produção de folículos nos ovários. Tais medicamentos podem desencadear inchaço, sangramentos, náuseas e dores. Apenas de dez a doze dias após a menstruação a mulher se

submete à coleta, feita por meio de aspiração e sob anestesia geral. "É preciso entender que, mesmo com tudo isso, não há garantia de gestação no futuro", alerta Álvaro Pigatto Ceschin, presidente da Associação Brasileira de Reprodução Assistida (SBRA). Mas as chances são elevadas: até os 30, giram em torno de 65%.

O Brasil ecoa um fenômeno percebido mundo afora, uma vez que o sacolejo nas aspirações femininas se faz universal. No Reino Unido, a Autoridade de Fertilização Humana reportou um aumento de 60% no congelamento de óvulos em dois anos, enquanto nos Estados Unidos o avanço foi de 39% no período. Além de todas as transformações de natureza sociológica que fizeram o globo girar, a pandemia também deu impulso à procura pela técnica. Muita gente nessa duríssima fase desistiu de engravidar e resolveu, por via das dúvidas, recorrer ao congelamento. "Foi um momento de grandes incertezas. Elas tinham medo de que, no meio da crise sanitária, o bebê nascesse com alguma malformação e se preocupavam com o futuro como nunca antes", relata Fernando Prado, à frente da NeoVita, uma clínica especializada de São Paulo.

Muitas mulheres sentem profundas dúvidas sobre a maternidade e é aí que a ciência entra em campo, para deixar uma porta aberta, mas sem aquele peso do passado. "Fiz o processo em abril deste ano. Tive cólicas, fiquei inchada e houve mudanças de humor, mas valeu a pena", diz a empresária Patrícia Villela, 34 anos, que começou a re-

INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL

INSTAGRAM @CARLADIAZ

EM CENA Paolla Oliveira *(à esq.)* e Carla Diaz *(acima):* o assunto vem sendo exposto sob os holofotes por famosas que aderiram ao método

fletir sobre o tema depois de ouvir amigas que, mais velhas, estavam enfrentando dificuldades para engravidar. “Nunca tive o sonho de ser mãe, mas quero estar preparada caso a vontade bata”, afirma ela, que se imagina também sem crianças em volta. “As mulheres descobriram que têm inúmeras possibilidades em suas trajetórias. A maternidade é só uma delas”, reforça a socióloga Eva Alterman Blay, professora emérita da USP. É excelente a ciência estar em cena para lhes dar o tempo necessário para a tomada de decisão tão delicada. ■

LUCILIA DINIZ

APRENDER A DESAPRENDER

Reprogramar o cérebro exige investir em "primeiras vezes"

SÃO MUITO comuns as histórias de personalidades que precisaram, por lances do destino, assumir novas formas de exercer sua carreira. Mas não é preciso esperar que um golpe inesperado nos force a desautomatizar a rotina. E, desta vez, nem vou recorrer a evidências científicas. Quero trazer da arte a inspiração da reinvenção — não para enfrentar um eventual infortúnio, mas porque praticá-la nos faz bem. O espanhol Pablo Picasso tem uma frase que ilustra bem tal disposição: "Sempre faço o que não consigo fazer para aprender o que não sei".

À primeira vista, há um paradoxo na citação. Se ele não consegue fazer, como é que faz? Mas, tirando da citação a camada de exagero retórico, o que ela comunica é: tirar o cérebro da "velocidade de cruzeiro" é decisivo para mantê-lo funcionando bem. Existem sempre pequenos obstáculos cotidianos que nos julgamos incapazes de superar. É deles que fala a frase.

Quem na infância não teve um amigo que, engessado por causa de alguma estripulia, maravilhou os colegas ao escre-

ver com a mão esquerda sendo destro? Os demais o copiavam, enchendo páginas de garranchos incompreensíveis. Que tal, lembrando-se disso, trocar o mouse de lado? É mais complicado do que parece — e por isso é bom para o cérebro. Pois, se nos vemos realizando uma tarefa “com o pé nas costas”, é sinal de que já se perderam os benefícios do refinado esforço envolvido em aprender aquilo. Não é à toa que, quando estamos um pouco repetitivos, presos no rotineiro, nos sentimos também um pouco menos inteligentes.

Mudar o cotidiano tem efeitos importantes. Pode ser procurando se informar sobre um campo de conhecimento fora do domínio habitual, que obrigue a repensar conceitos. Ou então estudando um novo negócio.

Pode, também, ser algo mais trivial, como aprender um jogo e se aprimorar nele — seja de cartas, tabuleiro ou mesmo um dos tantos de palavras e lógica disponíveis. Qualquer atividade que exija diferentes esforços da nossa “torre de controle” é benéfica. O primeiro passo é descobrir o que

“Tente algo simples, como inserir variações no seu caminho de todos os dias”

"não se consegue fazer" para "aprender o que não se sabe". Mas não só os aprendizados servem de ginástica cerebral.

Uma dimensão fundamental do que estava propondo Picasso é o "desaprender". Ao realizar uma tarefa corriqueira de forma inusual, estamos reprogramando o cérebro. É como olhar o mundo com a curiosidade e o espírito brincalhão de uma criança. Passam-se eras, mas pela rua ainda se vê um menino desafiando outro a andar sem pisar em tal pedra do calçamento, ou descendo escadas de dois em dois (ou mais) degraus. É como o "andar para trás" na esteira ou no parque, que sugeri em outro texto. Tente algo simples, como inserir variações no seu caminho de todos os dias.

Não se trata só de trocar uma informação velha por uma nova, não é simplesmente esquecer como se faz. Desaprender é entender aquela atividade em minúcia para, então, reaprender — exigindo do cérebro o vigor que ele dedica a uma primeira vez. E, se você acha que é tarde para "primeiras vezes", fecho este texto com outra frase de Picasso, que viveu plenamente até os 91 anos: "Quando dizem que estou velho demais para alguma coisa, na mesma hora tento fazê-la". ■

FAZENDO E APRENDENDO

Motor para o avanço em tantos países, o ensino técnico acaba de receber um empurrão do MEC – e isso pode ser bom para as novas gerações, desmotivadas com a escola **RICARDO FERRAZ**

MÃO NA MASSA Curso na J&F: bom elo entre empresa e escola

EVERSON VERDIÃO

NOS ANOS 1950, o físico americano Richard Feynman (1918-1988), que faturou um Nobel por suas sólidas pesquisas na área da mecânica quântica, espantou-se com o que observou em uma viagem ao Brasil. Os estudantes eram apresentados na escola a uma quantidade extraordinária de conteúdos, mas absorviam bem pouco. "Descobri que eles decoravam tudo, sem refletir", relatou o proeminente cientista, lançando um olhar de fora para um modelo que enaltece a quantidade de matérias, mas não se atém à densidade do saber. Um equívoco até hoje predominante nas salas de aula, ainda engessadas na ideia de que todo mundo deve aprender a mesma montanha de disciplinas. É justamente essa filosofia que espanta tantos jovens da sala de aula, uma multidão que se desinteressa em adquirir conhecimento por não ver nele um propósito prático e acaba por formar o pelotão nem-nem, contingente de até 24 anos que nem estuda nem trabalha. Um levantamento recém-divulgado mostra que essa turma saltou de 4 para 5,4 milhões de integrantes, um avanço de 35% em apenas um ano.

Em meio a esse preocupante cenário é muito bem-vindo o debate em curso na direção de arejar a lição e fornecer opções distintas a pessoas que, naturalmente, são movidas por diferentes objetivos. Isso tudo passa pela tão aguardada reforma do ensino médio e traz à luz a educação de nível técnico, implantada há mais de um século nas escolas. Tradicionalmente envolta em preconceito, a modalidade acaba de receber um relevante aceno. O Ministé-

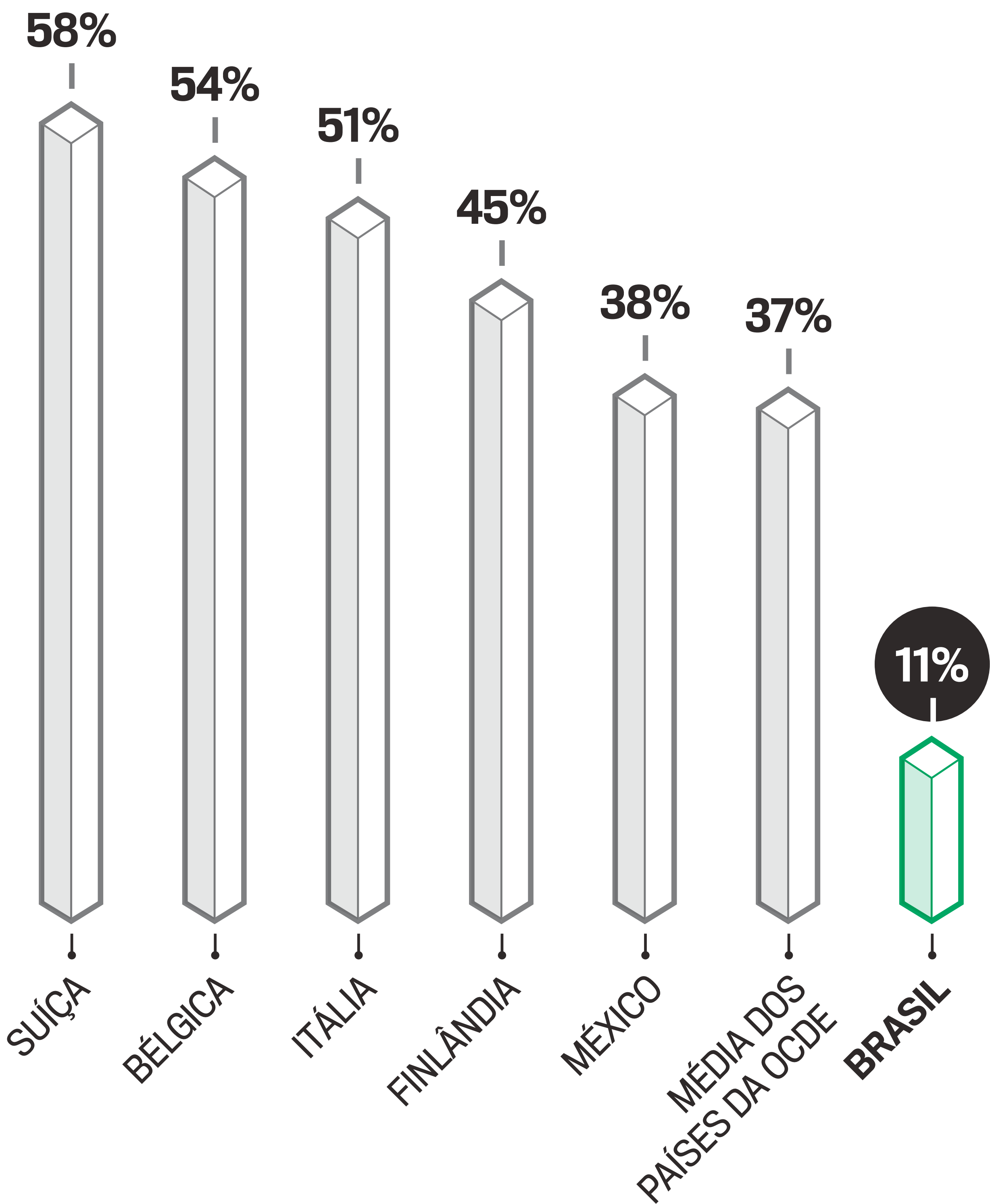
rio da Educação anunciou um programa que permite aos estados trocarem o pagamento de juros de suas vultosas dívidas com a União por investimento nessa raia voltada para inserir o jovem no mercado. O plano é triplicar as matrículas, atualmente em patamar minguado, de 11% dos alunos *(veja no quadro ao lado).*

Nos primórdios, o ensino técnico se dedicava à formação de profissionais para atividades menos valorizadas, o que foi mudando com a própria modernização do mercado. Ofícios como o de técnico ambiental, administrador de dados e designer de jogos passaram a figurar no rol do ensino profissionalizante — funções que, no conjunto, ajudam a elevar a produtividade na economia e fazem crescer as chances de ascensão individual em recantos onde muita gente pena para conquistar uma vaga. Filha de uma balconista e do dono de uma pequena fábrica de farinha, a pernambucana Ana Letícia Silva, 18 anos, viajava de ônibus 46 quilômetros para ir à escola técnica Pedro Muniz Falcão, da rede pública, onde decidiu se especializar em energias renováveis, área em que via oportunidade de logo conseguir emprego. Deu certo. Antes mesmo de terminar o curso, ela foi contratada por uma empresa de painéis solares. “Poucas pessoas do lugar de onde eu venho arranjam um trabalho como o meu”, conta a residente do município de Araripina, em pleno sertão.

Entre as 30 000 escolas técnicas Brasil afora, a Pedro Muniz Falcão compõe um grupo que selou um bem-vindo elo com o setor privado. Neste caso, a Auren, do Grupo

NA TURMA DO FUNDÃO

O Brasil está entre os países com menos alunos em cursos técnicos (percentual em relação aos matriculados no ensino médio)

País	Percentual
SUÍÇA	58%
BÉLGICA	54%
ITÁLIA	51%
FINLÂNDIA	45%
MÉXICO	38%
MÉDIA DOS PAÍSES DA OCDE	37%
BRASIL	11%

Fonte: *OCDE/Itaú Educação e Trabalho*

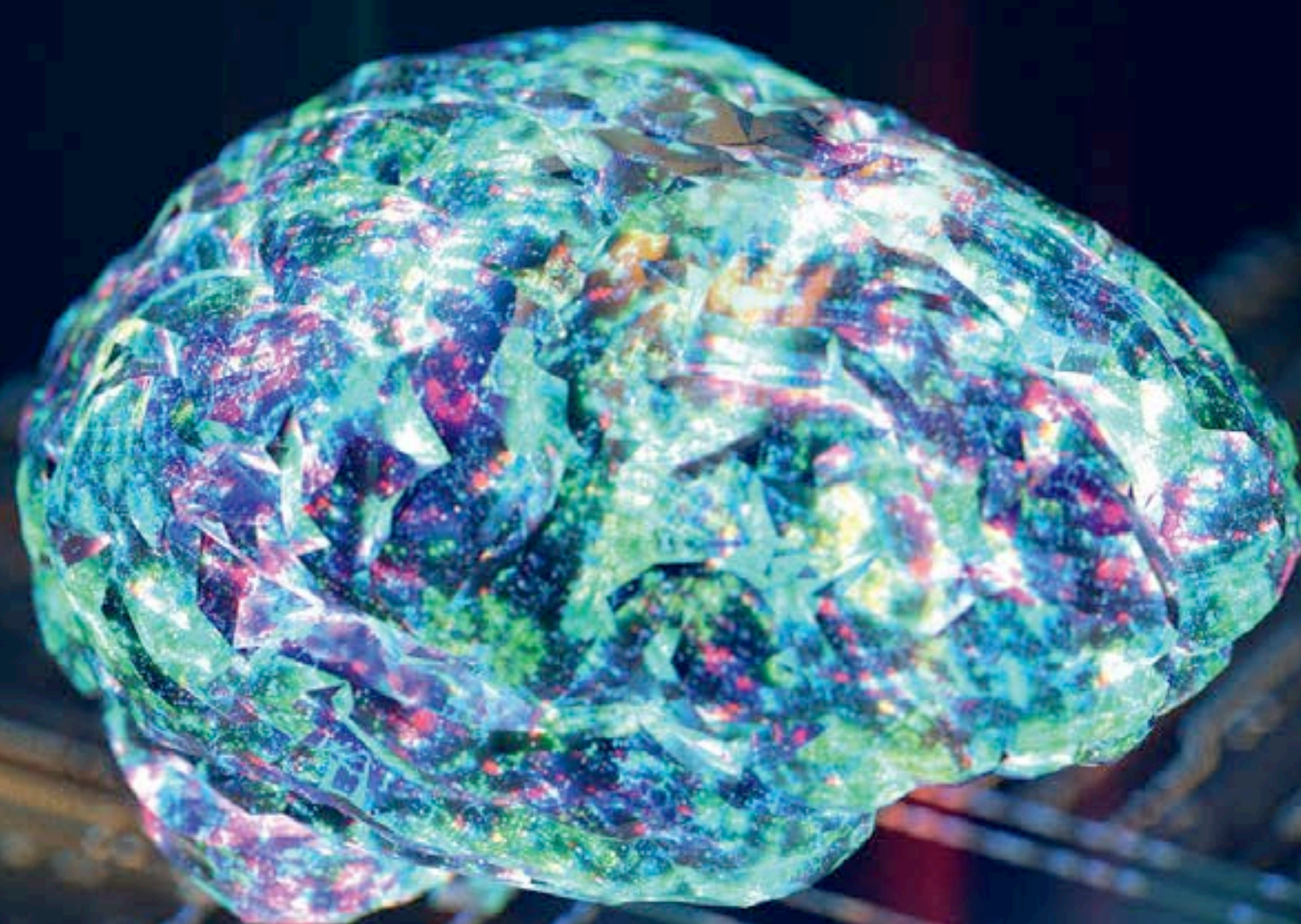
Votorantim, forneceu equipamento de ponta para o laboratório do colégio, recebeu os alunos em estágios e participou da elaboração do currículo, uma brecha que o MEC abre justamente para que a oferta de cérebros se encaixe à demanda real. “A meta é ajudar a preparar esses jovens para suprir uma necessidade vital por mão de obra”, enfatiza Anna Bruschetta, coordenadora de educação do Instituto Votorantim. Há ainda exemplos em que as instituições de ensino se situam dentro das empresas, como ocorre com a J&F, maior produtora de proteína animal do mundo. São 350 alunos matriculados em cursos de negócios, tecnologia da informação e veterinária. A formação técnica, em geral, começa no 1º ano do ensino médio, mas por lá a largada é dada no 6º ano do ciclo fundamental. Apenas um corredor divide as salas de aula dos escritórios. “Somos uma escola técnica que ensina a ser chefe e a tomar decisões”, disse a VEJA Joesley Batista, que acaba de retornar ao conselho administrativo.

O impacto na renda familiar dos que passam pelas carteiras profissionalizantes reforça quanto esse investimento merece atenção — para cada real depositado, três retornam na forma de salário para os que chegam à reta final. Muita gente, porém, não completa a formação, cravando uma evasão de 60%. “Se os alunos soubessem a diferença que faz, pensariam duas vezes antes de abandonar”, ressalta a economista Laura Muller Machado, do Insper, ponderando que ainda há o que se caminhar para os cursos despertarem um

interesse duradouro nas jovens gerações. “A educação técnica deve ser pensada para oferecer não apenas uma profissão, mas uma carreira”, avalia Ana Inoue, superintendente do Instituto Itaú Educação e Trabalho.

Nações que se notabilizam por um bom ensino profissionalizante, como a Alemanha, onde 54% da força de trabalho aflui de tal modalidade, mantêm as escolas tão próximas das empresas que elas chegam a designar tutores responsáveis pela formação dos aprendizes. Histórias como a de Paulo Moreira, 18 anos, de São Paulo, recém-formado técnico em negócios, mostram como essa trilha, ainda hoje subestimada no país, pode abrir portas. “Já sou consultado para decisões importantes. Aconteceu muito rápido”, diz Paulo, gerente de uma das lojas da marca Swift, da J&F, que ganha salário de 3 000 reais. Um levantamento do Insper aponta que, se mais jovens como ele aderissem às escolas profissionalizantes e o Brasil atingisse níveis de matrícula semelhantes aos da OCDE, o PIB subiria até 2,3% no médio prazo. Já passou da hora de o país aprender a lição. ■

PEQUENA IMENSIDÃO

O sonho de decifrar totalmente nosso cérebro ainda não se realizou, mas novos passos foram dados com as surpreendentes descobertas de um projeto liderado pelo Google **LIGIA MORAES**

E+/GETTY IMAGES

POR DENTRO DA MÁQUINA Achados relevantes: nova pesquisa abre caminho a interfaces entre cérebro e dispositivos

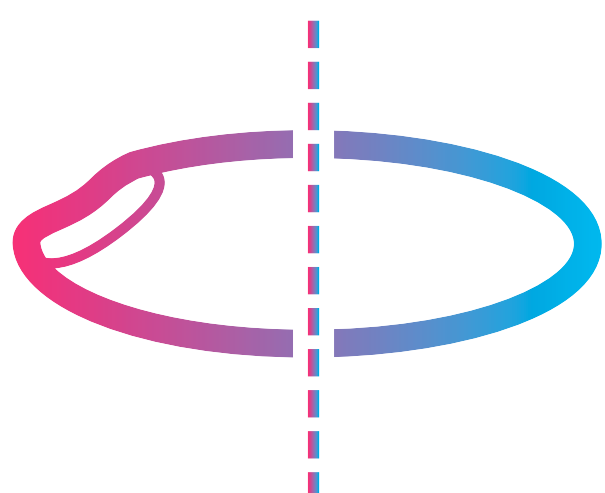
PODE SOAR frustrante para o ser humano, que já pisou na Lua e descortinou estrelas no espaço, dar-se conta de que o universo escondido dentro de uma cabeça não foi completamente compreendido. A humanidade ainda vê mistérios quando se debruça sobre o órgão que lhe permite pensar, imaginar e dominar o mundo. Freud, um dos célebres detetives da mente humana, poderia dizer que a falta de conhecimento sobre o nosso próprio cérebro, em pleno século XXI, seria uma típica ferida narcísica, daquelas que denunciam quão pequenos e ignorantes somos diante da complexidade da vida. Mas o desafio instiga, e, na busca por decifrar os detalhes que tornam a massa cinzenta única, um grande passo foi dado agora com os achados de um projeto encabeçado pelo Google e pela Universidade Harvard. Não resolvemos o labirinto cerebral, mas estamos mais próximos de alguma solução.

Cientes da dificuldade que é examinar toda a imensidão encefálica — uma rede de mais de 80 bilhões de neurônios e 1 quatrilhão de conexões entre eles —, os cientistas decidiram se debruçar sobre nada menos que 1 milímetro cúbico de cérebro, o correspondente a meio grão de arroz. Missão fácil? Eles levaram onze meses para completar o mapeamento do material com o apoio de um novo e poderoso algoritmo de inteligência artificial. Os resultados, publicados na revista acadêmica *Science*, dão a entender por que a equipe se limitou a uma amostra tão ínfima. Seus poderes são assombrosos.

ÓRGÃO IMPRESSIONANTE

O cérebro humano continua surpreendendo os cientistas

ELE REPRESENTA **2% DO PESO CORPORAL,** MAS CONSOME **20% DA ENERGIA** DO ORGANISMO

PODE GERAR **23 WATTS** DE POTÊNCIA, O SUFICIENTE PARA ACENDER UMA **LÂMPADA,** E TRANSPORTA INFORMAÇÕES A UMA VELOCIDADE DE **430 KM/H**

EM **1 MILÍMETRO CÚBICO** DO CÉREBRO — O EQUIVALENTE À METADE DE UM GRÃO DE ARROZ — ENCONTRAMOS:

1,4 MILHÃO
DE GIGABYTES DE INFORMAÇÕES

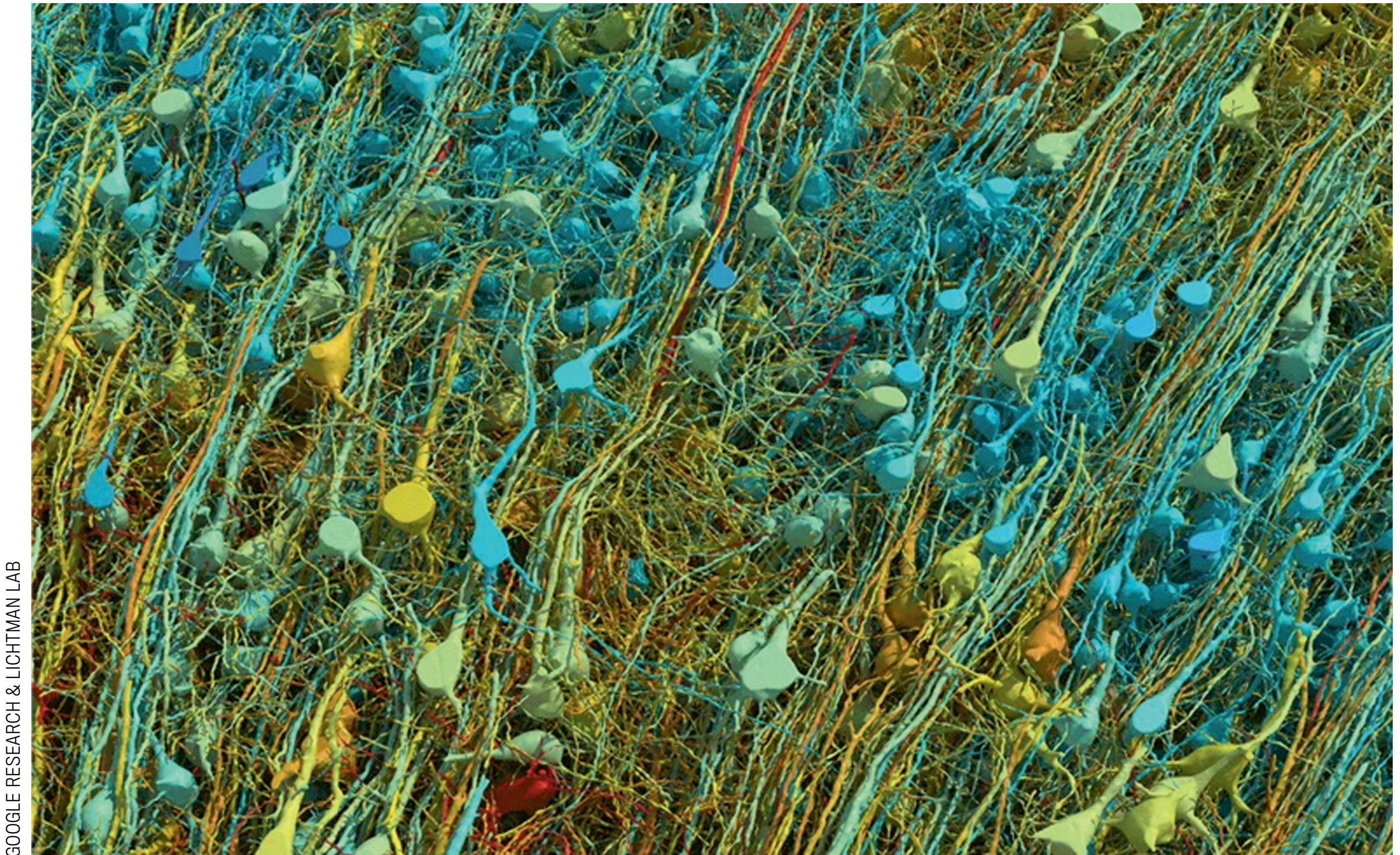
57 000 CÉLULAS

150 MILHÕES
DE SINAPSES, AS CONEXÕES ENTRE OS NEURÔNIOS

Em uma migalha de tecido nervoso, convivem ao redor de 57 000 células aptas a perfazer 150 milhões de sinapses, o que produz uma capacidade de acumular o equivalente a 1,4 milhão de gigabytes de informações — número de causar inveja a qualquer computador de última geração. Em um arquivo dessa magnitude, poderíamos armazenar 280 000 filmes ou 1,4 bilhão de documentos em formato PDF com 500 páginas cada. A riqueza, porém, não se resume à escala quantitativa.

Os pesquisadores encontraram alguns locais raros onde os neurônios estavam ligados uns aos outros por mais de cinquenta sinapses. Isso é incrivelmente incomum, visto que mais de 96% das células nervosas têm apenas uma conexão, e mais de 99% possuem três ou menos. Essas ligações estendidas podem lançar luz sobre como memórias relevantes são codificadas ou como o aprendizado de comportamentos é automatizado. Além disso, descobriu-se, de forma inédita, que alguns axônios, os tentáculos dos neurônios que lhes permitem transmitir os impulsos adiante, se enrolavam em nós, como redemoinhos. Por que isso acontece? Esse segredo os especialistas ainda terão de desvendar.

De forma geral, o trabalho capitaneado pelo Google fornece uma visão milimétrica e sem precedentes do córtex temporal — a região de onde foi retirada a amostra, associada ao processamento de informações e lembranças. Graças aos recursos de ponta, o saldo são dados va-

GOOGLE RESEARCH & LICHTMAN LAB

CLOSE-UP Neurônios em ação: imagem captada pelos cientistas do Google

liosos que deverão catalisar avanços com implicações práticas e potencial terapêutico. “Um mapeamento tão detalhado poderá auxiliar no desenvolvimento de tratamentos neurológicos e psiquiátricos mais eficazes e personalizados”, diz o neurocirurgião e neurocientista Fernando Gomes, professor da USP. “Também abre portas para as chamadas interfaces neurais, o que deverá beneficiar a humanidade com novas tecnologias.”

A saga para desbravar a mente continua, é claro. Velhas e novas perguntas pedem respostas. Como opera a consciência do ponto de vista fisiológico, por exemplo? Até que ponto será possível identificar e modular conexões cerebrais específicas, alterando até mesmo nosso

senso de identidade? Se estamos preparados ou não para lidar com tamanha complexidade, só o tempo dirá. No caminho, estabelecer e cumprir regulamentações éticas ainda será um pilar bem-vindo.

Os cientistas do projeto compararam as descobertas sobre aquele meio grão de arroz de tecido nervoso com a sensação de deparar com uma densa floresta, capaz de intimidar os visitantes. Faz sentido, até porque muitos enigmas persistem. “Decifrar por completo o cérebro me parece um horizonte distante, haja vista a quantidade de conexões complexas e até possivelmente mutáveis ali dentro”, afirma Gomes. Mas o mesmo ser humano que deslindou o espaço não vai sossegar até entender melhor esse universo dentro de uma casca de noz. ■

TEM SANTO NAS REDES

Canonização do jovem Carlo Acutis, morto em 2006, é uma tentativa da Igreja de atrair jovens ao catolicismo e modernizar seu apelo na era digital

MARÍLIA MONITCHELE

INDEPENDENT PHOTO AGENCY SRL/ALAMY/FOTOARENA

DEVOÇÃO O italiano Carlo Acutis: com visual descolado, tem atraído os jovens

A VIDA do italiano Carlo Acutis foi, em praticamente todos os aspectos, muito normal. Como outros jovens, gostava de jogar videogame e queria aprender programação. Religioso, tinha uma longa devoção aos milagres eucarísticos, que transformou em um site. Em 2006, foi diagnosticado com leucemia. Morreria naquele ano, aos 15 anos. Logo depois, dentro da quarentena de cinco anos exigida pela Igreja Católica, teve início o movimento em defesa de sua beatificação.

Dois milagres atribuídos a Acutis já foram reconhecidos: a cura de um menino no Brasil com problemas no pâncreas e que mal conseguia se alimentar e a recuperação de uma mulher da Costa Rica com grave traumatismo craniano. Em 2013, ele recebeu o título de Servo de Deus, primeiro passo para ser reconhecido como santo. O papa Francisco acaba de reconhecer o segundo milagre exigido pela praxe religiosa, e resta apenas marcar a data da cerimônia de canonização. E então, Acutis, já conhecido informalmente como o “santo padroeiro da internet” ou “o novo jovem beato da geração atual”, como definiu o pontífice, será o marco de um novíssimo capítulo do Ocidente.

O santo Carlo Acutis é tradução de uma estratégia, por assim dizer, de atrair rebanho renovado, na contramão dos tradicionais estereótipos. Seus devotos são jovens conectados às redes sociais, e sua popularidade mostra como a fé tem se expandido para os espaços digitais. Longe das figuras dos santos feridos e martirizados que costu-

mavam adornar os altares, uma imagem de Acutis usando jeans e carregando mochila pode ser facilmente encontrada à venda na internet. Em vez de hinos e coros, podem ser ouvidas nas plataformas de streaming canções de rap e rock feitas como homenagem. “Cada santo tem sua época própria”, diz Marcelo Tenório, pároco da Capela Nossa Senhora Aparecida, em Mato Grosso do Sul, onde teria ocorrido o milagre de Acutis. “No nosso tempo, o martírio é outro, mas a santidade é a mesma. Acutis mostra que não é preciso abandonar seu mundo para ser santo.”

ARCHIVIO GBB/ALAMY/FOTOARENA

BEATO Pier Giorgio Frassati: patrono da juventude

O apelo à juventude é um modo, enfim, de atrair fiéis. De acordo com uma pesquisa do instituto americano Pew Research Center, os mais jovens, especialmente os millennials e a geração Z, são menos crentes do que a geração X e os baby boomers. O levantamento estima que 63% dos adolescentes de 13 a 17 anos se identificam com pelo menos um dos ramos do cristianismo, e 32% dizem não ter

FACEBOOK @GUIDOVIDALFRANCASCHAFFER

VENERÁVEL O surfista brasileiro Guido Schäffer: beatificação segue avançada

afinidade religiosa alguma. O interesse soa elevado, e o desdém, nem tão grande assim. Mas convém comparar com outros períodos históricos. Há uma diferença de 9 pontos percentuais em relação aos pais, dos quais 72% se identificam com algum ramo da fé em Cristo e 24% se dizem alheios. No Brasil, uma sondagem do Datafolha mostra haver um empate técnico entre os católicos praticantes (48%) e os não praticantes (51%). A pesquisa também aponta que quanto mais velha a pessoa, maior a tendência

O RANKING DOS MILAGRES

Número de canonizações dos últimos três pontífices

Francisco
(2013 - presente)
99*

Bento XVI
(2005-2013)
45

João Paulo II
(1978-2005)
482

*Não inclui a santificação, feita por Jorge Mário Bergoglio, dos 813 italianos assassinados durante o cerco dos otomanos em 1480 na cidade de Otranto

de participar dos ritos da Igreja. Entre os que têm 60 anos ou mais, 58% praticam o catolicismo. Na faixa dos 16 aos 24 anos, a proporção cai para 42%.

Há, portanto, espaço de crescimento atrelado aos tênis carcomidos e aos videogames do *bambino* italiano. "O exemplo de Carlo Acutis é apenas o primeiro de muitos outros semelhantes que virão", aposta Alex Nogueira, pároco e professor de filosofia e teologia dos seminários da diocese de Jacarezinho, no Paraná. As canonizações de santos frequentemente sinalizam mudanças. No século XVII, por exemplo, após as crises da Reforma Protestante, santos como Francisco Xavier e Inácio de Loyola indicaram um renascimento católico. Na cola de Acutis, já se destacam candidatos como o surfista carioca Guido Schäffer e o jovem italiano Pier Giorgio Frassati, cujos milagres ainda são um segredo, mas com processos em andamento. Santos com poderes como bilocação ou estigmas sangrentos ainda são cultuados, e não se podem ignorá-los entre os que creem. Mas celebre-se o sopro vanguardeiro do primeiro papa da história a escrever uma linha de código para um app e a defender a regulamentação da inteligência artificial. Sinais dos tempos. ■

CAIRD COLLECTION/NATIONAL MARITIME MUSEUM, GREENWICH

UMA BRIGA SUBMERSA

Cientistas começam a buscar os tesouros do mítico galeão San José na costa da Colômbia, alvo de uma guerra fria – de quem é o butim? – nas profundezas do Pacífico **LUIZ PAULO SOUZA**

NAUFRÁGIO A embarcação no século XVIII: 20 bilhões de dólares em tesouros

DEPOIS que Cristóvão Colombo aportou na ilha de Hispaniola (hoje Haiti e República Dominicana), em 1492, a ocupação das Américas pela Coroa espanhola tornou-se uma história de invasões e pilhagens. Nesse cenário, o galeão San José, lançado ao mar em 1698, se tornou um dos protagonistas daqueles tempos: com 40 metros de comprimento, três velas e 64 canhões, era a embarcação mais apropriada para transportar o butim. Em 8 de junho de 1708, contudo, deu-se o inesperado. Interceptado pela esquadra do corsário

Charles Wager, quando partia do Panamá em direção a Cartagena, na Colômbia, submergiu entre o Pacífico e o Caribe, levando ao fundo 589 tripulantes e uma carga avaliada, a valores atuais, em 20 bilhões de dólares.

Durante 300 anos, o San José foi dado como perdido. Até que, em 2015, a Marinha colombiana encontrou os restos da embarcação e mostrou em um vídeo os destroços, no leito do Mar do Caribe. Desde então, veio à tona uma briga de proporções continentais, cada lado ancorado em sua razão. A empresa americana Sea Search Armada disse ter encontrado o que sobrou do galeão em 1981, tendo compartilhado a localização do navio com o governo colombiano em troca de 35% do ouro, da prata e das pedras preciosas do naufrágio. O pacto, no entanto, foi anulado pelo Parlamento, gerando grande imbróglio jurídico. A Coroa espanhola e grupos indígenas também reclamam parte das riquezas encontradas.

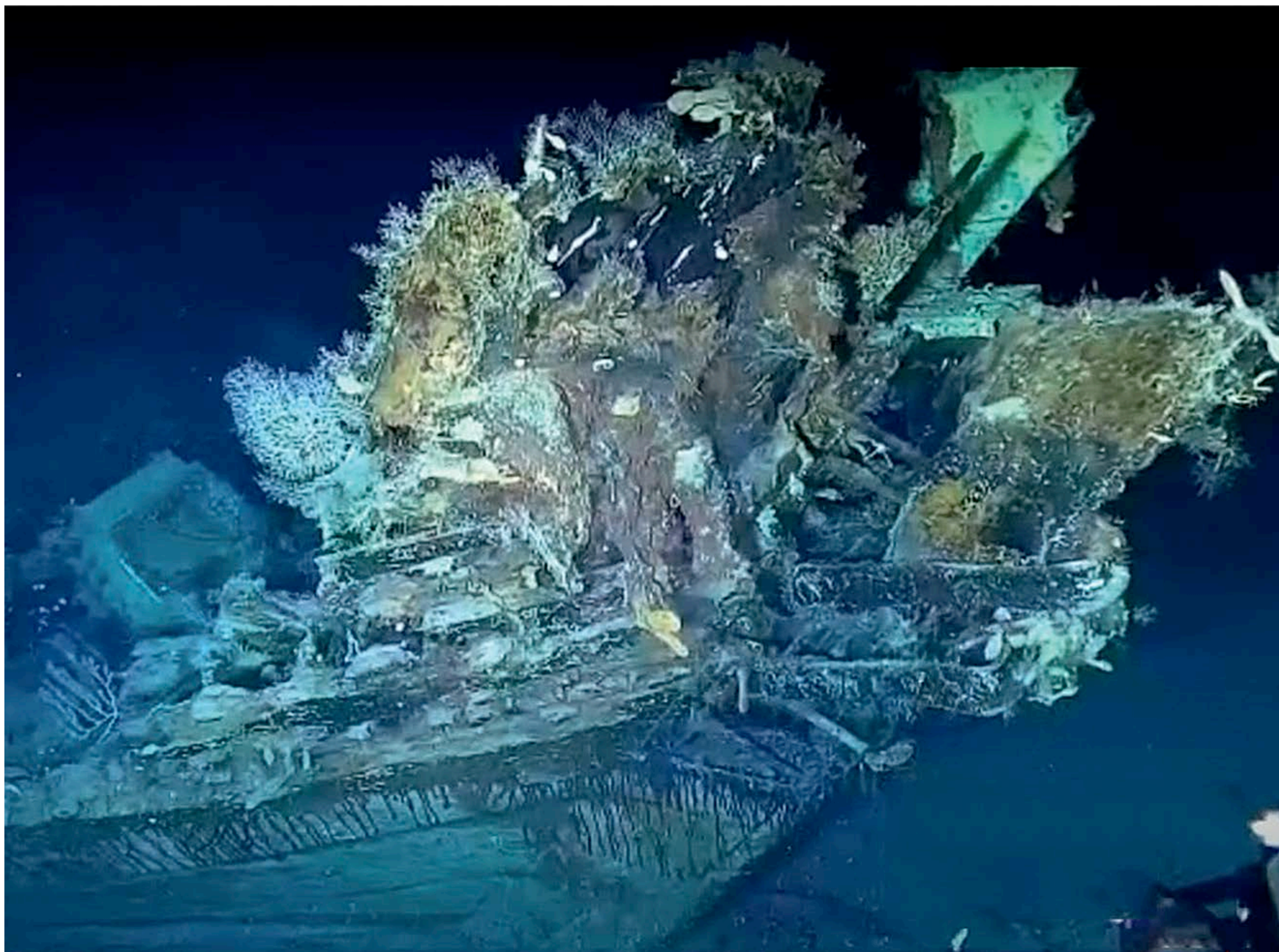
Agora, quase uma década depois do primeiro anúncio, a novidade: a Colômbia finalmente decidiu o que fazer. “Isto é um naufrágio arqueológico, não um tesouro”, disse o ministro da Cultura, Juan David Correa, ao anunciar a expedição de estudo e resgate da embarcação, que teve início no fim de maio. Em movimento de defesa da soberania nacional, o país ainda definiu o polígono dos destroços como Área Arqueológica Protegida da nação. “Eis aí um verdadeiro exemplo para todos os países em desenvolvimento”, disse a VEJA o arqueólogo Gilson Rambelli, professor da Universidade Federal do Sergipe e membro do Comitê Internacional para Pro-

NO LEITO DO MAR

Marinha começa o resgate dos restos da embarcação

teção do Patrimônio Cultural Subaquático. “Nos países desenvolvidos isso já está resolvido, mas por aqui nós ainda precisamos defender o patrimônio científico atacado por empresas que veem esses locais apenas como minas de ouro.”

O presidente colombiano, Gustavo Petro, espera que o resgate seja concluído até 2026. É uma quimera, e para lá de otimista, já que as dificuldades técnicas se sobrepõem aos embaraços diplomáticos. A profundidade de 600 metros impede mergulhos humanos. A solução: tecnologias como os veículos remotamente operados, com sensores e garras que possam fazer o trabalho. “Para a arqueologia, contudo, há riscos, já que os materiais submersos são muito sensíveis”, diz o arqueólogo e mergulhador Luis Felipe Santos, presidente do instituto AfrOrigens, projeto que busca navios escravagistas naufragados na costa brasileira. Somem-se ainda os riscos de destruição imediata de objetos metálicos, de cerâmica e madeira, fadados a deteriorar-se rapidamente. “A preservação *in situ*, debaixo d’água, deve ser considerada a opção prioritária antes de ser iniciada qualquer intervenção nos sítios arqueológicos”, diz Daniel Martins Gusmão, encarregado da Divisão de Arqueologia Subaquática da Marinha do Brasil.

É aventura histórica que singra as fronteiras colombianas. A Unesco, órgão das Nações Unidas que zela pelo patrimônio histórico mundial, e grupos de arqueólogos expressaram preocupação com o manuseio dos tesouros. Trata-se, contudo, de problema que pode ser adiado, ao menos por ora. O plano de exploração divulgado pelo Ins-

SANTO GRAAL No fundo do mar: um século de buscas

tituto Colombiano de Antropologia e História, chamado, espirituosamente, de Hacia el Corazón del Galeón San José (Em Direção ao Coração do Galeão San José), conta com seis fases que, por enquanto, colherão apenas imagens, como registro de documentação do naufrágio. Portanto, convém um pouco de calma, como faz "o velho marinheiro que, durante o nevoeiro, leva o barco devagar". Levará anos até que essas peças possam contar um capítulo da civilização dos anos 1600 e 1700. Até lá, há o que comemorar: a vitória da ciência e do conhecimento, capazes de enxergar o passado — apesar da ganância, apesar da guerra fria — nas profundezas do mar azul. ■

O GRITO NÓRDICO

Projetos culturais se espalham pela Noruega, transformando o país em um polo arquitetônico que virou referência para muito além da Escandinávia **ALESSANDRO GIANNINI,** de Oslo

ALAN WILLIAMS

REFORMADO
Kunstsilo, em Kristiansand: basílica da arte

A TRANQUILIDADE da cidade portuária de Kristiansand, no sul da Noruega, lugar com 117 000 habitantes, emoldura uma intensa atividade cultural. Desde 2012, a população e os turistas — 1 milhão por ano — desfrutam de um imenso centro de artes cênicas com quatro auditórios, o Kilden, na Ilha de Odderøya. Ali fica também a alegria infantojuvenil do Knuden, escola municipal de cultura para alunos de 4 a 20 anos. No início de março, aquele pedaço agradável do mundo ganhou um novo espaço, o Kunstsilo, museu que agora abriga o maior acervo privado de arte moderna norueguesa, a coleção Tangen. Trata-se de um silo de grãos dos anos 1930, modificado para receber 5 000 obras, entre pinturas, desenhos, esculturas, fotografias e vídeos. A transformação foi feita por três escritórios espanhóis: Mestres Wåge Arquitectes, BAX e Mendoza Partida.

STIFTELSEN ARKITEKTURMUSEET/THE ARCHITECTURE COLLECTIONS

DESPOJAMENTO Silo de grãos: a construção original começou em 1935

É a coroação de um polo cultural que se destaca por seus ambiciosos projetos arquitetônicos. Desenhado na origem por Arne Korsmo (1900-1968) e Sverre Aasland (1899-1990), figuras relevantes do “funcionalismo”, movimento

do início do século XX que enfatizava linhas simples e despojamento, o silo teve seu primeiro bloco construído em 1935, composto por quinze cilindros, uma torre de escadas e um edifício de armazenamento. Em 1939, quinze cilindros foram acrescentados, e em 1956 houve nova ampliação, dessa vez do depósito. Com o encerramento de suas atividades no fim dos anos 2000, a municipalidade resolveu transformá-lo de vez, em interessante movimento cultural. O atual projeto é resultado da proposta vencedora em concurso internacional aberto de arquitetura em 2016.

O propósito do redesenho, a um custo total de 67 milhões de dólares, era manter a linguagem arquitetônica original do armazém de grãos e, ao mesmo tempo, transformá-lo em um museu de arte contemporânea. Dos quase 9 000 metros quadrados de área construída, praticamente um terço foi convertido em espaço de exposição — o equivalente a 25 salas. Uma das principais mudanças foi a criação do vão interno, obtido com o recorte dos celeiros centrais, o que resultou em uma edificação com pé-direito de estonteantes 21 metros de altura. “É como uma basílica”, disse a VEJA o arquiteto Magnus Wåge, fundador do escritório Mestres Wåge. No piso térreo, encontra-se um espaço rodeado por uma lojinha, auditório, café e local de exposições temporárias. As salas permanentes circundam o salão no segundo, terceiro e quarto andares. Cada andar possui um foyer a partir do qual os visitantes se movimentarão. É, de fato, como um templo.

ISTOCK/GETTY IMAGES

VIZINHOS Oslo: a Ópera, com o teto de mármore *(à esq.),* e o museu de Munch

O Kunstsilo não caminha sozinho. A arquitetura norueguesa nunca esteve tão em alta. Designs arrojados estão surgindo em todo o país, e muitos edifícios refletem as principais tendências locais, como o uso de madeira e o contraste com a natureza. Nas últimas duas décadas, por exemplo, o horizonte de Oslo, a capital, transformou-se dramaticamente. Uma das principais atrações da cidade é o circuito cultural do bairro de Bjørvika, composto pelo Munch, que abriga parte da obra do pintor expressionista norueguês Edvard Munch, criador do icônico *O Grito;* pela imponente Ópera, com seu teto de mármore que pode ser percorrido e fica lo-

FINLÂNDIA

SUÉCIA

NORUEGA

OSLO

KRISTIANSAND

DINAMARCA

tado de visitantes nos fins de semana; além da luxuosa biblioteca pública Deichman, edifício projetado como um espelho para refletir a luz solar do entardecer.

Uma das estrelas desse circuito urbano é o arrojado prédio de treze andares às margens do Fiorde de Oslo, que abriga, além do legado artístico de Munch, um teatro, uma biblioteca, um cinema, um restaurante rooftop, além de espaço para exposições. Projetado pelos arquitetos espanhóis Juan Herreros e Jens Richter, foi alvo de críticas por destoar do perfil da cidade, pelo alto custo — cerca de 260 milhões de dólares — e pelos interiores despojados. “O prédio está aí, tem uma presença poderosa e faz parte da cidade”, declarou Herreros. A verdade, ao fim e ao cabo, é que nenhum projeto ou design pode ser superior às necessidades das pessoas e dos povos que os vivenciam cotidianamente. O brado nórdico merece ser ouvido. ■

MANIFESTO NEGRO

Um dos nomes mais famosos da moda, Naomi Campbell celebra 40 anos como ícone de estilo e responsável pela revolução em favor da diversidade na indústria da moda

SIMONE BLANES

HISTÓRIA Ícone incontestável: quarenta anos de passarelas e capas de revista, como símbolo de um tempo

THE MEGA AGENCY

FOI DURANTE um desfile da estilista britânica Vivienne Westwood (1941-2022), em 1993, que Naomi Campbell consolidou sua fama. Ao riscar a passarela com sapatos plataforma altíssimos, ela torceu o pé e caiu no chão. Não ficou envergonhada nem interrompeu a apresentação, reações esperadas de alguém menos experiente. Riu de si mesma, levantou-se e continuou a caminhada, sem titubear. Aplaudida de pé, mostrou ali, ao vivo e a cores, porque era parte do seleto grupo das supermodelos que, na década de 1990, ditavam tendências no modo de vestir e de agir. Sua contribuição, é claro, é muito maior do que o divertido e corajoso episódio. Além da beleza inquestionável, foi a primeira modelo negra a ter destaque mundial e pioneira em protestar contra o racismo no universo da beleza, seja por igualdade no tratamento, seja por pagamentos equivalentes aos das colegas brancas.

Agora, a trajetória repleta de conquistas ao longo de quarenta anos na moda será tema da exposição *Naomi: In Fashion,* no Victoria and Albert Museum, em Londres. Com inauguração marcada para o dia 22 de junho, a mostra terá tanto peças clássicas quanto fotografias indeléveis. As roupas, obviamente, têm destaque. São assinadas por designers próximos da personagem, como Azzedine Alaïa (1935-2017), que ela considerava um pai adotivo, e Gianni Versace (1946-1997), de quem era musa. E, claro, as infames plataformas azuis desenhadas por Westwood. “Quero que todos tenham uma sensação de intimidade”,

MICHEL ARNAUD/CORBIS/CORBIS/GETTY IMAGES

EMMA MCINTYRE/GETTY IMAGES

ANOS 1990 Pioneira: primeira negra a se destacar em desfiles como Chanel *(acima)* e Versace

afirmou Naomi sobre a experiência que quer oferecer aos admiradores. A modelo vive na esfera pública há tanto tempo que esse sentimento vem de forma natural.

Nascida em um bairro londrino muito simples, Naomi viveu parte da infância na Itália com a mãe, a bailarina Valerie Morris-Campbell, que, mesmo resistente, acabou deixando a filha trabalhar como modelo desde os 15 anos. Em 1988, ela foi a primeira mulher negra a estam-

par a capa da *Vogue Paris,* um divisor de águas. Incentivada por Linda Evangelista e Christy Turlington, passou a fazer parte do panteão de grandes nomes das semanas de moda, desfilando para inúmeros estilistas e grifes relevantes como Dior, Chanel e Victoria's Secret. Virou rosto de campanhas de marcas poderosas como Versace, NARS e Prada. Flertou com a música e o cinema, embora seja mais lembrada pelas lendárias aparições em videoclipes como *Freedom! '90,* de George Michael, e *In the Closet,* de Michael Jackson. "Naomi sempre teve uma postura questionadora do sistema e mudou a forma como a moda via as modelos negras", diz Liliana Gomes, diretora da agência Joy, que descobriu top models como Fernanda Tavares e Lais Ribeiro.

Cada momento da sua vida foi revirado por tabloides e revistas do mundo da moda e das celebridades, onde ela frequentemente estampava a capa. Foi assim que vieram à tona os tórridos romances com o pugilista Mike Tyson e os atores Robert De Niro e Leonardo DiCaprio, ou os escândalos que a levaram aos tribunais por agressões físicas. Mas esses eventos se tornam menores em sua biografia. Ficam na memória a incessante luta contra o racismo e seus projetos humanitários. Atuou ao lado de Nelson Mandela (1918-2013), que a chamava de "neta honorária"; criou a fundação Fashion for Relief, para ajudar pessoas acometidas por desastres globais, e a Emerge, que estimula novos talentos no continente africano. Hoje,

ANNA ZIEMINSKI/AFP

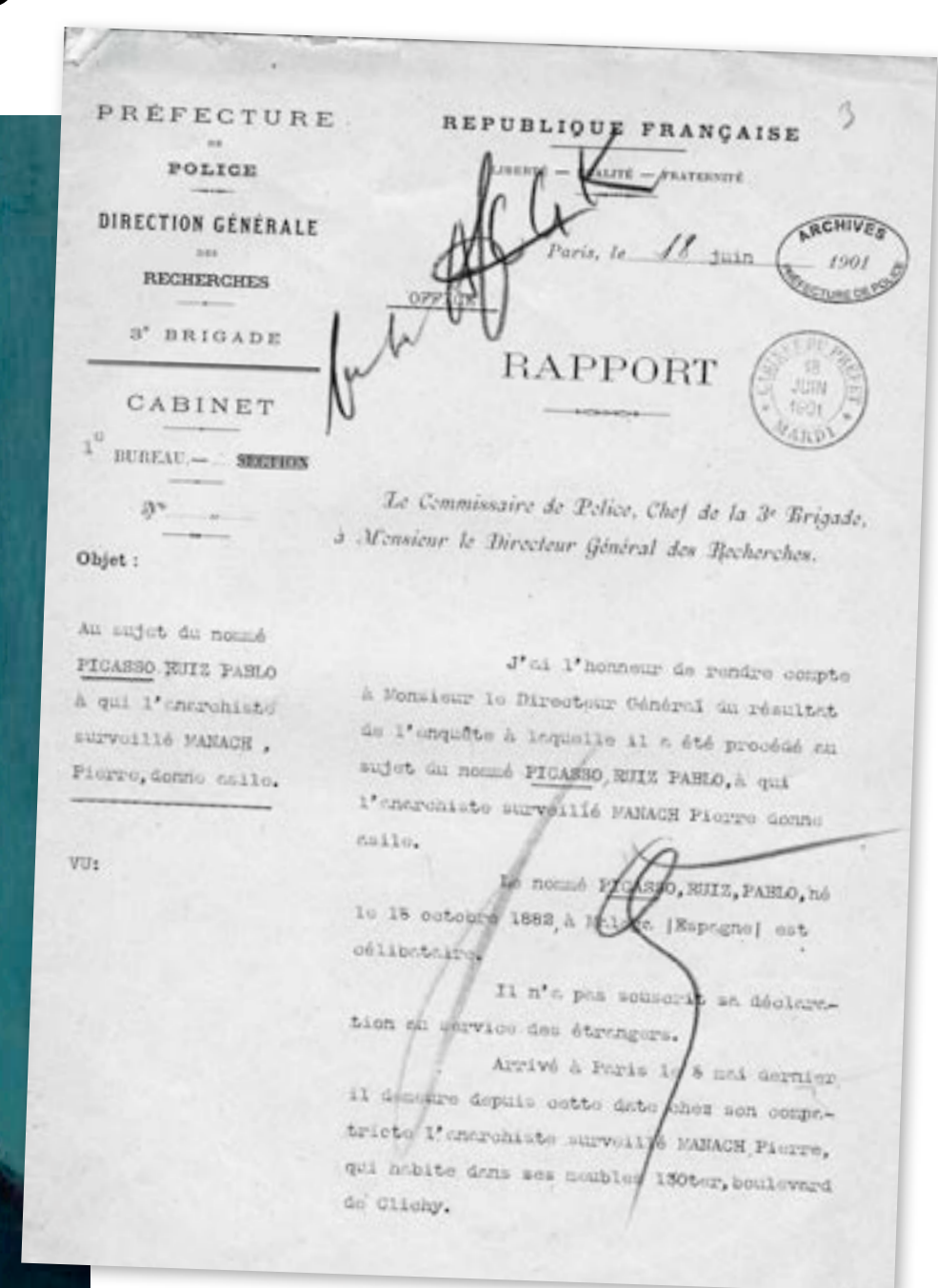
DIVULGAÇÃO

CELEBRIDADE Com Nelson Mandela e as supermodelos Linda, Cindy e Christy: personalidade forte

aos 54 anos, continua trabalhando a todo vapor, mas dedica boa parte de seu tempo para cuidar dos dois filhos pequenos. Mais do que celebrar seu legado, com o nome de Naomi cravado em nosso tempo, a exposição em Londres coroa sobretudo o impacto cultural que ela teve e tem até hoje no poder e na representatividade da imagem da mulher negra. Não é exagero dizer que, depois de Naomi Campbell, o mundo da moda e do entretenimento ficou um pouco mais diverso e bem menos preconceituoso. Que bom. ■

RETRATO INCÔMODO

Num livro revelador, historiadora mostra como o pintor espanhol Pablo Picasso foi monitorado pela polícia em Paris – e oscilou da discrição ao ativismo conforme as conveniências

AMANDA CAPUANO

MUSÉE NATIONAL PICASSO-PARIS

REGISTROS À esq., autorretrato da fase azul (1901), pouco depois de sua mudança de país. Acima, registro de relatório da polícia de Paris; à dir., o pedido de identidade estrangeira feito na França: cidadania foi negada em 1940

Em outubro de 1900, o jovem artista espanhol Pablo Picasso pisou em Paris pela primeira vez, aos 19 anos, atraído pela cena artística da capital francesa. Meses depois, retornou para apresentar 64 quadros em uma exposição organizada por seu marchand, Pere Mañach, em cujo apartamento ficou hospedado por dez meses. Despontando na nascente arte moderna, e acolhido pela comunidade catalã de Montmartre, Picasso adotou a França como sua casa, e permaneceu no país até sua morte, em 1973. Mas não teve recepção calorosa: com a xenofobia e a paranoia política crescentes, autoridades francesas colocaram informantes na sua cola e produziram, em junho de 1901, o primeiro relatório do "estrangeiro 74 664". "Chegamos à conclusão de que Picasso compartilha das ideias de seu compatriota Mañach, com o qual habita. Em consequência, temos elementos para qualificá-lo como anarquista", diz o trecho reproduzido no livro ***Picasso: o Estrangeiro,*** da historiadora francesa Annie Cohen-Solal, em pré-venda no Brasil pela editora Record.

Ao longo de 630 páginas baseadas em documentos, cartas que estavam em posse da família e relatos diversos, o livro reescreve a biografia de Picasso sob um ângulo pouco falado: a vida do mestre cubista como estrangeiro na França, e como essa vivência influenciou sua obra e foi determinante na construção da imagem de pária político e artista subversivo que construiu ao longo da carreira. Vigiado por décadas, o pintor teve sua vida em Paris dissecada em um

dossiê policial, era acompanhado de perto pelas autoridades, e chegou a ser investigado pelo roubo da *Mona Lisa* — depois de adquirir (ao que parece, sem saber) peças roubadas do Louvre por um terceiro na mesma época do famoso furto da obra-prima de Da Vinci. “Ele tinha um estigma triplo. Era um estrangeiro, um artista de vanguarda e um anarquista”, disse a autora do livro a VEJA, explicando que o espanhol causava desconfiança não só na polícia, mas também na academia de belas-artes francesa, que via a arte moderna com maus olhos.

ADOC-PHOTOS/CORBIS/GETTY IMAGES

NO RADAR O jovem artista em Paris: monitorado a cada passo

O Picasso combativo, no entanto, nem sempre existiu: no início de carreira, com medo de acabar expulso da França, o artista evitava polêmicas. “Até 1937, quando pintou *Guernica*, não tinha feito nenhum trabalho político”, atesta a historiadora, referindo-se ao painel que expôs o horror da Guerra Civil espanhola. Mesmo assim, menções a obras anteriores com “soldados estrangeiros espancando um mendigo” ou “mães de família que pedem esmola aos burgueses” são citadas nos relatórios policiais, mostrando que as autoridades

REAÇÃO *Les Saltimbanques:* venda despertou xenofobia

estavam de olho em seu trabalho. A posição que o pintor assumiu como líder na arte de vanguarda também não agradava parte dos franceses. Segundo o livro, o sucesso da venda do quadro *Les Saltimbanques (1905),* feito pelo artista catalão e comercializado pelo galerista alemão Kahnweiler, provocou uma "onda de xenofobia em Paris".

O pintor, no entanto, tinha um tato político apurado e sabia se proteger: mesmo com a resistência dos órgãos oficiais — em 1929, o Louvre se recusou a adquirir a revolucionária tela *Les Demoiselles d'Avignon* (1906-07) —, seu trabalho circulava por galerias e ganhava destaque no exterior, principalmente nos Estados Unidos. Com poder e

PETER BARRITT/ALAMY/FOTOARENA

RECUSADO *Les Demoiselles d'Avignon:* o Louvre não quis

influência no meio artístico, ele dispunha de contatos valiosos. Pouco antes da invasão da França pelos nazistas, em 1940, Picasso fez um pedido de naturalização. “Ele queria se proteger”, explica Annie, apontando que o pintor era visto como um “artista degenerado” por Hitler. Com a ajuda de amigos influentes, o processo de naturalização foi acelerado, mas acabou barrado por acusações de “atitudes antifrancesas”.

DIVULGAÇÃO

POLITIZADO Criando *Guernica* antes isentão, ele atacou o franquismo em obra

Mesmo assim, ele escolheu permanecer em Paris durante a ocupação nazista, e passou a viver de modo recluso a partir de 1942 — nesse mesmo ano, seu arquivo policial fora posto numa barca fluvial junto com outros “dossiês sensíveis” enviados a Berlim. Mais tarde, foi recuperado pelos soviéticos e readquirido pela França, em 2001. Mesmo assim, o bem relacionado Picasso foi privilegiado: nos anos de ocupação, era ajudado por gente como Jean Cocteau, poeta próximo aos nazistas, e tinha acesso a materiais e alimentos

de qualidade num período em que tudo era racionado. No ateliê, recebia convidados pela manhã, incluindo burocratas do regime, e trabalhava até tarde. Quando a libertação veio, descobriu-se que seu novo marchand, Martin Fabiani, era "muito ligado aos alemães", e esteve envolvido no saque a judeus e no tráfico de arte, "ganhando muito dinheiro com Matisse e Picasso". A título de comparação: a fortuna de Picasso aumentou em 5,5 milhões de francos nesse período, enquanto a de Fabiani subiu 32 milhões.

Sua ambiguidade política não pararia por aí: em 1944, aos 63 anos, o pintor se filiou ao Partido Comunista Francês, depois de ser apresentado por amigos poetas simpáticos à resistência. O movimento, no entanto, foi visto por muitos como oportunismo em meio à libertação e "um meio ideal para o artista esconder sua amizade com o perturbador Fabiani ou mascarar a sua habilidade em conseguir bronze durante a ocupação", nota a autora. Aclamado pelo enfrentamento artístico contra o franquismo, e revolucionário na arte ao romper os padrões com o cubismo, Picasso foi mestre e herói por décadas. Mais recentemente, porém, essa imagem foi abalada pela exposição demolidora de seu lado machista e abusivo para com suas "amadas". "Ele tinha uma espécie de complexo de Barba Azul que o fazia querer cortar as cabeças de todas as mulheres que havia colecionado", escreveu a ex Françoise Gilot em seu livro de memórias. No passado ou no presente, o mestre controverso sempre esteve na mira. ■

SINA BRASILEIRA

Adaptação da obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão* tenta — mais uma vez, sem muito sucesso — transpor para o cinema a grandiosidade da trama que marcou a literatura

CASAL REAL Luisa Arraes e Caio Blat no filme: dupla interpreta Diadorim e Riobaldo, os jagunços que se apaixonam

GUSTAVO HADBA/DIVULGAÇÃO

"VIVER é negócio muito perigoso", afirma Riobaldo de forma repetida no romance *Grande Sertão: Veredas*, obra monumental de João Guimarães Rosa (1908-1967). Narrador e protagonista, o jagunço transita entre caminhos aparentemente opostos. Da fidelidade cambiante a Deus e ao Diabo, refletida em sua transformação de homem da lei em cangaceiro, até a paixão inesperada por um homem, Riobaldo enfrenta as mudanças de um mundo onde a instabilidade é a regra — isso, até descobrir que toda dualidade, no fundo, se mistura, seja na linha tênue entre o crime e a lei, seja nas definições do que é ou não é amor. "No viver tudo cabe", diria ele.

Lançada em 1956, a obra é exemplar sagrado do Olimpo da literatura nacional, não só por sua escrita inventiva e incomparável, mas principalmente por sua visão afiada do Brasil e de sua principal mazela: o fantasma da violência que, do sertão aos centros urbanos, se manifesta sem freios. O paralelo é mote do filme ***Grande Sertão*** (Brasil, 2024), em cartaz nos cinemas. Dirigido pelo pernambucano Guel Arraes, o longa leva a história do cangaço da Bahia, do começo do século XX, para uma comunidade dos dias de hoje, em uma cidade fictícia parecida com o Rio de Janeiro. Jagunços viram bandidos e traficantes, enquanto os homens que se dizem da lei são policiais corruptos.

Riobaldo é vivido por Caio Blat — na juventude e, mais tarde, na velhice, com sobrecarga de maquiagem. Seu objeto de paixão, o misterioso Diadorim, fica a cargo de Lui-

sa Arraes, esposa de Blat na vida real e filha do diretor. O filme não se furta a entregar de cara o grande spoiler do livro: Diadorim é uma mulher disfarçada de homem — e Luisa não engana ninguém como representante do sexo masculino. Rodrigo Lombardi, Luís Miranda e Eduardo Sterblitch completam o elenco principal que vai à guerra em uma disputa por poder na favela. O esforço do grupo é patente, mas em vão. Atuações caricatas e teatrais fazem do filme uma gritaria sem fim, enquanto a violência estilizada parece fruto de um desenho animado.

O resultado reforça a fama de "inadaptável" do livro. Até aqui, a melhor tentativa foi feita pela minissérie da Globo, de 1985, que tirou *Grande Sertão* do reduto intelectual para transformá-lo em trama popular, com Tony Ramos e Bruna Lombardi no elenco — outro Diadorim nada misterioso. Em breve, uma nova adaptação chegará aos cinemas: trata-se de *Grande Sertão: Quebradas*, do goiano Adirley Queirós, que ambientou a história na periferia de Brasília. O tempo dirá se, algum dia, uma adaptação fará jus à grandiosidade do original. ■

Raquel Carneiro

O CINEASTA SELVAGEM

Adorado pela nata de Hollywood, o diretor alemão Werner Herzog nunca abriu mão de sua ousadia assombrosa – agora, revê sua vida singular num livro de memórias **DIEGO BRAGA NORTE**

TOUR DE FORCE No set de *Fitzcarraldo:* acidentes e maluquices

JEAN-LOUIS ATLAN/SYGMA/GETTY IMAGES

SE FOSSE VERTIDA em filme, a vida do alemão Werner Herzog renderia um drama épico de primeira. Ele nasceu na bombardeada Munique em 1942, durante a Segunda Guerra; teve uma infância paupérrima num vilarejo bávaro; aos 16 anos, trabalhou num barco pesqueiro na ilha grega de Creta; aos 19, aventurou-se pelo norte da África e quase morreu no Cairo; aos 23, ganhou uma bolsa para estudar nos Estados Unidos, mas, depois que seu visto expirou, teve de fugir para o México por risco de ser deportado; no país latino, trabalhou como palhaço e se machucou seriamente, fato que o motivou a mudar de ramo e virar contrabandista. Viveu tudo isso antes de completar 25 anos — e só a partir de então viria a parte da biografia que o consagrou: a gloriosa carreira de diretor que, com ousadia e determinação férrea, mudou conceitos no cinema.

PASCAL LE SEGRETAIN/GETTY IMAGES

FERA INDOMADA
Herzog hoje: aos 81, ele narra suas peripécias épicas sem incorrer no pecado do autoelogio

No livro de memórias ***Cada Um por Si e Deus contra Todos,*** que está saindo no Brasil, Herzog — hoje aos 81 — conta as muitas peripécias de sua vida. Além de diretor de filmes que

assombraram os anos 1970 e 1980, como *Aguirre, a Cólera dos Deuses* e *Woyzeck*, que ajudaram a moldar a definição de cinema de arte, ele é um escritor calejado. Daí, talvez, venham alguns méritos da obra: não é um livro cronológico e linear, mas uma seleção de passagens de sua atribulada vida, com memórias mais antigas atravessando relatos mais recentes. Ele não comete um pecado comum em autobiografias: o autoelogio. É irônico e crítico de si mesmo. E, apesar do título sugerir uma pessoa individualista, desfaz a impressão ao se mostrar generoso com amigos e colaboradores.

Com 48 filmes e 27 óperas no currículo, Herzog é um dos diretores mais admirados por seus pares, com uma legião de fãs na nata hollywoodiana. Apesar dos muitos convites para fazer o chamado "cinemão", com orçamentos polpudos e astros à disposição, nunca topou sair da sua trincheira autoral e abrir mão da forma quase artesanal de fazer filmes. No livro, o diretor se define como o "*mainstream* do alternativo" e revela que quase filmou em Hollywood quando Jack Nicholson se interessou em fazer o protagonista de *Fitzcarraldo*. De-

CADA UM POR SI E DEUS CONTRA TODOS, de Werner Herzog (tradução de Sonali Bertuol; Todavia; 368 páginas; 99,90 reais e 69,90 reais em e-book)

sistiu ao saber que o ator e “a 20th Century Fox queriam rodar o filme no Jardim Botânico de San Diego, com um navio miniatura de plástico”.

O filme de 1982, que lhe rendeu o prêmio de melhor diretor em Cannes, é um *tour de force* gravado na Amazônia. A obra retrata a derrocada de Brian Fitzgerald (chamado de Fitzcarraldo pelos locais), irlandês que queria construir uma ópera no meio da floresta. Em sua obsessão e loucura, ordena que seu navio de mais 300 toneladas seja transportado por terra de um rio para outro. A cena da transposição da embarcação, ao som de uma ária de Enrico Caruso, é um marco.

Nas filmagens, Herzog teve de lidar com os disparates de seu tresloucado ator-fetiche, o polonês Klaus Kinski. Protagonista de cinco de seus filmes e dono de personalidade mercurial, Kinski era do tipo que brigava com todos, inclusive com ele mesmo. Seus constantes ataques de fúria levaram os indígenas a fazer uma proposta para Herzog: ofereceram-se para matar Kinski. “Recusei educadamente, mas sei que, caso tivesse aceitado, no mesmo instante eles teriam passado à ação”. relembra. “Naquela época, ele era como um demônio.” A relação entre os dois ocupa boa parte do livro. Coincidentemente, moraram na mesma pensão na Munique do pós-guerra. Herzog tinha 13 e Kinski, 26 anos. O então ator já era considerado brilhante, mas endiabrado. Discutia com a plateia no teatro, andava nu pela pensão, dispensava camas e dormia sobre folhas secas. “Como contestador de toda a civilização, ele também se

DIVULGAÇÃO

ATOR-FETICHE Kinski no longa *Aguirre:* astro – e inimigo – favorito

recusava a usar talheres", lembra o diretor. E, claro, tinha constantes rompantes de ira. "Eu sabia no que estava me metendo quando, quinze anos depois, comecei a trabalhar com ele." No documentário *Meu Melhor Inimigo* (1999), Herzog revisita seu convívio com Kinski, morto em 1991.

No set de *Fitzcarraldo*, um acidente deixou um indígena paraplégico, um trabalhador foi alvejado por uma flecha e outro, picado por uma cobra. A cena do transporte do navio era tão complexa que o diretor teve sua sanidade questionada. O longa é uma síntese do cinema de Herzog, que muitas vezes retratou a vã tentativa humana de vencer a natureza. Por extensão, o livro é o esforço do cineasta selvagem para organizar seu espírito livre e caótico. Pairam dúvidas se obtém êxito. Mas, como literatura, é uma delícia. ■

TRILHA SOLITÁRIA

Ao lançar o primeiro álbum solo, Junior Lima completa a difícil transição após o fim da dupla com a irmã, Sandy — período em que cogitou parar de cantar e teve depressão **FELIPE BRANCO CRUZ**

AUTONOMIA
Junior: cuidado para não repetir com os filhos o que ele viveu na música

JOÃO KOPV

APÓS O FIM da dupla com a irmã Sandy, em 2007, o cantor Junior Lima tomou uma decisão radical: proclamou que jamais queria cantar novamente. Tão logo os dois se separaram, ele fugiu dos microfones, preferindo tocar bateria no fundo do palco na banda Nove Mil Anjos, ou postar-se atrás das carrapetas como DJ em projetos de música eletrônica. Em 2019, no entanto, Junior topou se reunir com a irmã mais uma vez para a lucrativa turnê que marcou os 30 anos da dupla. Foi durante o show de encerramento da maratona, no Parque Olímpico do Rio de Janeiro, que Junior teve uma epifania: diante de 100 000 pessoas, ele percebeu que cantar no palco era o que o fazia mais feliz na vida. Só então tomou uma decisão óbvia que Sandy já havia seguido anos antes: a de investir na carreira individual.

Seu primeiro álbum na trilha solitária foi gestado na pandemia e só agora é lançado. Chama-se, simplesmente, *Solo*. “É a primeira vez que estou fazendo única e exclusivamente o som que eu gosto”, disse Junior, aos 40 anos, a VEJA. Sua voz afinadinha, porém anasalada e em leve tom de falsete, sempre foi alvo de petardos — muitas vezes cruéis. Eis a razão, vejam só, que o fez cogitar a mudança de ramo. “Tomei umas porradas fortes como cantor e comprei essa narrativa. Não queria nunca mais cantar. Havia outras formas de me expressar”, relata.

Desde a epifania que o levou a encarar novamente os microfones, ele alcançou também certa maturidade musical. Boa parte das 23 faixas do álbum solo (e duplo) são desaba-

fos e respostas às críticas que sofreu. Em *Sou*, assinada em parceria com o pai, Xororó, ele canta que não precisa provar nada para ninguém. “Foi com meus passos que cheguei até aqui”, diz a letra. Já na faixa *Foda-se*, com versos de Dani Black, filho de Tetê Espíndola, Junior usa o palavrão para dizer que não liga para o que os outros pensam dele. As letras sinceronas se mesclam ao tipo de música de que ele sempre gostou, mas que nunca gravou, como o R&B e soul. “Mas eu sou um cantor pop”, esclarece.

ROGÉRIO SOARES/FOLHAPRESS

FENÔMENO Sandy & Junior: eles venderam 20 milhões de discos

As dores da transição pós-Sandy & Junior, fenômeno que vendeu 20 milhões de discos no país, tiveram seu impacto na saúde mental do artista. Os colegas Champignon e Peu Sousa, dois integrantes da banda Nove Mil Anjos, cometeram suicídio anos depois do fim do grupo. Com síndrome do pânico e princípio de depressão, Junior só viu as coisas voltarem aos trilhos em 2014, quando se casou com a designer Mônica Benini, com quem tem dois filhos.

Agora, Junior não quer repetir com Otto, de 6 anos, e Lara, de 2, o caminho que trilhou. O mais velho tem a idade que ele tinha quando começou a cantar. “Ele adora música, mas é uma brincadeira. Não quero forçar nada. Se ele quiser ser músico, tem de ser natural”, diz. O cantor sabe que o trabalho solo jamais atingirá a magnitude da dupla com a irmã, mas celebra cada conquista. Em 21 de setembro, ele voltará ao Rock in Rio, 23 anos depois do histórico show que fez com a irmã no festival para cerca de 200 000 pessoas. Desta vez, caminhando com as próprias pernas. ■

WALCYR CARRASCO

EMOÇÕES SELETIVAS

Por que certas tragédias mexem mais com a gente que outras

EM UM PAÍS de tantas tragédias, é interessante avaliar por quais todo mundo se interessa e aquelas que a gente finge não ver. Nossas tragédias, é claro, já se tornaram um belo filão para as artes. Quando adolescente, vi a inesquecível montagem de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Sou incapaz de esquecer a cadelinha Baleia, de *Vidas Secas*, por Graciliano Ramos. Eu me comovi com todas elas, assim como com os *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. No cinema, a violência de *Cidade de Deus* explodiu no exterior. Mas, quando se sai do mundo das artes, o que realmente nos abala? Vivemos em um país onde os negros, em uma cidade como o Rio de Janeiro, parecem ter recebido uma sentença permanente de morte. Transexuais são um alvo constante. Todos nos abalamos com tragédias como a do Rio Grande do Sul. Há algum tempo, quando o Litoral Norte de São Paulo despencou, botando abaixo tanto casas pobres como condomínios ricos, foi uma comoção. Há um sentimento, consciente ou não, que faz o povo chorar pelas tragédias dos brancos e ricos. Mas o coração não bate com tanta força por quem está do outro lado da linha. Eu gostei muito do filme *Zona de*

Interesse, baseado no romance de Martin Amis, no qual uma família alemã mora ao lado do campo de concentração de Auschwitz, indiferente à tragédia diária no outro lado dos muros. Não somos iguais? Choramos com nossas mínimas emoções, abraçamos cãezinhos feridos. Mas passamos, sem olhar, diante de comunidades de mãos estendidas pedindo o que comer. No livro *Necropolítica*, de Achille Mbembe, resumindo, fala-se que há uma escolha contínua sobre quem se deve salvar. Percebo que há também uma opção sobre o que nos emociona de fato, sobre causas que nos tocam e outras a que somos indiferentes. Mal se pode andar nas ruas de São Paulo, devido ao número de moradores sem teto. Mas grande parte da população finge que não tem nada a ver com isso. É no máximo um incômodo.

"Nós escolhemos por quem chorar e que causa apoiar. É como se o resto não nos dissesse respeito. Mas diz"

Eu me pergunto: por que “escolhemos” sentir por uma causa ou não? Certas causas entram em moda — ainda bem, porque só assim se faz alguma coisa. Mas outras são esquecidas, como a contínua fome do Nordeste, a falta de remédios, educação e oportunidades. O extermínio da população mais pobre no Rio e, não vamos esquecer, a morte de policiais, que nem sequer podem usar farda perto de casa. As lágrimas dessas mães são só uma informação, que deixamos para lá.

Nós escolhemos por quem chorar. Aonde dedicar nossos esforços, que causa apoiar. É como se o resto não nos dissesse respeito. Mas diz. Dores germinam dores. A falta de um programa sanitário sólido pode ser a raiz de uma epidemia sem proporções. O condomínio de luxo no morro pode ser a base de um desmatamento sem proporções.

Aprendi a não fechar os olhos ao que me incomoda, a olhar diretamente para os problemas. Mas isso não basta. É bom abraçar causas antes que a tragédia aconteça. ■

NETFLIX

CRIME E RISO Glen Powell em *Assassino por Acaso:* caso real de professor envolvido em trama policial

CINEMA

ASSASSINO POR ACASO

***(Hit Man,* Estados Unidos, 2023. Estreia no país na quarta-feira, 12)**

O introvertido professor de filosofia Gary (Glen Powell) faz bicos para a polícia de Nova Orleans na área de tecnologia e instalação de grampos em agentes disfarçados — isso, numa era pré-smartphones, nos anos 1990. Certo dia, ele é obrigado a sair dos bastidores para a linha de frente da operação: Gary se passa por um assassino de aluguel e prende os contratantes no flagra. Na função, descobre um talento ímpar para lidar na zona cinzenta do crime. O problema começa quando ele se envolve com uma vítima de abusos domésticos que tenta contratá-lo para matar o marido — relação que acaba numa inusitada e cômica teia de mentiras entre Gary e os colegas da polícia. Baseada em um caso real, a comédia criminal do cineasta Richard Linklater diverte com seu roteiro sagaz e elenco carismático.

EMILY KNECHT/MAX

AMIZADE Lucy (Dakota) e Jane (Sonoya): autodescoberta após os 30 anos

TELEVISÃO

ESTÁ TUDO BEM COMIGO?

***(Am I OK?*, Estados Unidos, 2022. Disponível no Max)**

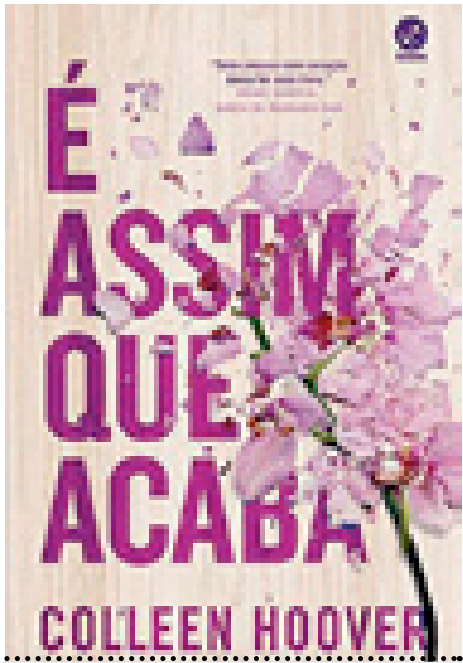
Recepcionista de uma clínica de massagem aos 32 anos, Lucy (Dakota Johnson) é incapaz de seguir sua paixão pela pintura e é emocionalmente travada, a ponto de não conseguir se relacionar de verdade com ninguém — exceto com sua melhor amiga desde a adolescência, a proativa Jane (Sonoya Mizuno). Quando Jane aceita uma promoção no trabalho e precisa se mudar dos Estados Unidos para Londres, Lucy entra em um grande conflito interno e percebe — surpresa — que talvez seja lésbica, embarcando em uma jornada de autodescoberta cômica e que se revela um retrato cativante de uma adulta em crise.

DISCO

REVERENCE,

de Charles McPherson (disponível nas plataformas de streaming)

Aos 84 anos, o saxofonista Charles McPherson reverencia nesse novo álbum seu mentor, o pianista Barry Harris — morto em 2021, aos 91 anos. Gravadas ao vivo em Nova York, as seis faixas chegam embebidas do clima esfumaçado e boêmio dos clubes de jazz da cidade. O músico é acompanhado de feras como Terrell Stafford (trompete), Jeb Patton (piano), David Wong (baixo) e Billy Drummond (bateria). Em *Come Rain or Come Shine*, o sax de McPherson surge em fraseados primorosos. Já em *Ode to Barry*, a banda improvisa solos de arrepiar. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 142#] GALERA RECORD

2 **NEM TE CONTO**
Emily Henry [0 | 2#] VERUS

3 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [4 | 78#] GALERA RECORD

4 **A FILHA DOS RIOS**
Ilko Minev [0 | 2#] BUZZ

5 **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**
Machado de Assis [6 | 2] PENGUIN COMPANHIA DAS LETRAS

6 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 111#] GALERA RECORD

7 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [2 | 100#] BERTRAND BRASIL

8 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [3 | 88#] RECORD

9 **A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [9 | 172#] FARO EDITORIAL

10 **O DUQUE E EU**
Julia Quinn [10 | 19#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO

1 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [5 | 44#] VESTÍGIO

2 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [8 | 46#] VÁRIAS EDITORAS

3 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [6 | 49#] VÁRIAS EDITORAS

4 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [1 | 197#] OBJETIVA

5 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [2 | 364#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

6 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [10 | 190#] ROCCO

7 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [0 | 133#] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **A PRATELEIRA DO AMOR**
Valeska Zanello [0 | 2#] APPRIS

9 **BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [4 | 40#] CAMELOT EDITORA

10 **AMÉRICA LATINA LADO B**
Ariel Palacios [0 | 5#] GLOBO LIVROS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [1 | 24#] VÉLOS

2 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [4 | 249#] CITADEL

3 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [3 | 51#] ALTA BOOKS

4 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [5 | 171#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [8 | 21#] ROCCO

6 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [7 | 37#] HARPERCOLLINS BRASIL

7 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [2 | 96#] GENTE

8 **O DEUS QUE DESTRÓI SONHOS**
Rodrigo Bibo [0 | 18#] THOMAS NELSON BRASIL

9 **O LIVRO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE SEUS PAIS TIVESSEM LIDO** Philippa Perry [6 | 10#] FONTANAR

10 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [0 | 457#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 421#] VÁRIAS EDITORAS

2 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [0 | 427#] ROCCO

3 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
Maidy Lacerda [9 | 5#] OUTRO PLANETA

4 **AMÊNDOAS**
Won-pyung Sohn [6 | 25#] ROCCO

5 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [0 | 12#] OUTRO PLANETA

6 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 30#] OUTRO PLANETA

7 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 30#] VR

8 **AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 17#] OUTRO PLANETA

9 **MERGULHO NA ESCURIDÃO**
Elley Cooper e Scott Cawthon [0 | 4#] INTRÍNSECA

10 **CORALINE**
Neil Gaiman [0 | 75#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

CICLONE POLÍTICO

UM VENTO frio bafejou a nuca de alguns parlamentares, na semana passada, quando defendiam mudança na Constituição para transferir terrenos de marinha da União aos estados, prefeituras e ocupantes privados. O vigor da rejeição pela sociedade, que se refere ao projeto como "PEC da privatização das praias", incomodou o presidente da Câmara, deputado Arthur Lira.

Ele se irritou: "A narrativa que estão dando não é a verdadeira. Aqui não estamos discutindo privatização de praias, é bastante diferente dessa narrativa pequena. É lamentável que uma PEC dessa relevância seja tratada dessa maneira". Há quarenta meses no comando da Câmara, Lira já liderou a aprovação de 23 emendas constitucionais — uma alteração a cada cinquenta dias —, modificando 17% do texto da Carta de 1988 em pouco mais de três anos.

"Chega de lacração ideológica", gritou o relator do projeto na Câmara, Alceu Moreira, deputado gaúcho do MDB: "Chega de tratar o Parlamento como se nós fôssemos irresponsáveis!". O relator no Senado, Flávio Bolsonaro, do Partido Liberal do Rio, qualificava as críticas como "mentiras", enquanto o senador Marcos Rogério, do PL de Rondônia, dividia os

críticos entre "ignorantes úteis" e "mal-intencionados".

Reagiam à avalanche de manifestações públicas de desconfiança, típicas das ocasiões de divórcio entre a opinião dos eleitores e o desejo dos eleitos. Sob pressão crescente, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, achou melhor recomendar "cautela, prudência e amplo debate" da proposta de emenda constitucional. No léxico parlamentar costuma significar adiamento por tempo indefinido.

Manobras para suprimir o domínio da União sobre terrenos de marinha têm sido recorrentes nos últimos 156 anos, desde o decreto (nº 4105) publicado em 22 de fevereiro de 1868, um sábado em que a frota do Império do Brasil bombardeava Assunção, abrindo o epílogo da guerra contra o Paraguai.

Já se tentou quase tudo na Câmara e no Senado — decreto legislativo (1887) e projeto de lei (1892), entre outros. A reação foi convicta, com sucessivos vetos do próprio Congresso (1893) e do governo (1896).

Na sequência, o Judiciário entrou no jogo com uma série de decisões (de 1905 a 1964) validando a propriedade da União. Liquidou "a controvérsia já bruxuleante", deixando a questão "resolvida com evidência solar", como escreveu em sentença de seis décadas atrás o juiz Oscar Saraiva, do Tribunal Federal de Recursos, antecessor do Superior Tribunal de Justiça. E, se ainda existiam dúvidas, foram lacradas em três artigos da Constituição de 1988.

São quase 2 000 municípios com terrenos de marinha — "salgados", na definição da Carta Régia (1678) —, banhados

“A ‘privatização’ das praias mostrou o divórcio entre eleitores e eleitos”

por águas do mar e dos rios navegáveis. É um patrimônio imobiliário à beira d’água que se estende por 48 000 quilômetros demarcados no mapa do governo federal, consideradas as reentrâncias na Amazônia, sobretudo no Pará e no Maranhão. Quatro em cada dez habitantes de capitais como Belém vivem nessas áreas, a maioria em condições sanitárias sub-humanas, sem acesso a água encanada e esgoto tratado.

É notável que há século e meio a elite política renove o debate sobre o fim da propriedade da União sobre uma riqueza patrimonial de valor inestimável, cuja dimensão continua sendo desconhecida pelo próprio dono, a União. O governo federal possui registros de 565 000 imóveis em terrenos de marinha. Mas sabe que isso representa menos de 20% do total anotado pelo IBGE no Censo de 2022.

Faltam 2,3 milhões de imóveis no cadastro oficial, admitiram funcionários dos ministérios de Gestão e de Meio Ambiente na semana passada, em audiência no Senado. No plenário, porém, ninguém se mostrou preocupado em saber as razões da incúria secular. Nem se falou sobre as novas ocupações, provocadas cada vez que se tenta exumar a ideia le-

gislativa sepultada desde quando o Rio, na época capital federal, assistiu à inauguração de sua primeira linha de bondes.

Mais relevantes, talvez, sejam as manifestações cotidianas de parlamentares negacionistas sobre os efeitos das mudanças climáticas. Insinuam que o progresso dos "negócios", sobretudo os imobiliários, tem primazia no mapa nacional, pontuado por desastres ambientais como a devastação do Rio Grande do Sul, as 209 000 pessoas afetadas em 28 municípios de Santa Catarina, nas últimas quatro décadas, e a seca que tem imobilizado a vida e a economia nas margens dos rios amazônicos.

O vento que varreu o Congresso na semana passada deveria ser observado como sintoma de crise do atual modelo de representação e governança. Foi um ciclone político. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA